

CCI

ISSN 1677-860X

Caminhando com o Itepa

Dezembro de 2017

Ano: XXIX

Nº 121



Espiritualidade e Cuidado com a Vida

Espiritualidade e Cuidado com a Vida

Espiritualidade e Cuidado com a Vida

Revista CCI

**Faculdade de Teologia e Ciências Humanas
Itepa Faculdades**

Imagem da Capa: Copyright © 2017 – InfoVaticana.

Fonte: <<https://infovaticana.com/2015/02/11/el-tiempo-que-se-pasa-junto-al-enfermo-es-un-tiempo-santo/>>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

C183

Caminhando com o Itepa , vol.1, n.1(1984-) / Instituto de Teologia e Pastoral. Passo Fundo: ITEPA,1984 -v. Ano XXIII- n°121, dez./ 2017. Semestral.

ISSN:1677-860X

1.Teologia -Periódicos I. Instituto de Teologia e Pastoral-
ITEPA

Catalogação na fonte: Bibliotecária Clarice Fonseca da Silva CRB
10/2141

A revista *Caminhando Com o Itepa* é uma publicação semestral da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades, mantida pelo Instituto de Teologia e Pastoral – Itepa, fundado em setembro de 1984. Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores e estão sujeitos à revisão.

©2017, CCI, Caminhando Com o Itepa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada em qualquer sistema ou transmitida, por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos, mecânico, fotocopiado por outra qualquer) sem a prévia permissão por escrito dos diretores da Revista Caminhando Com o Itepa.

Diretoria do Itepa

Diretor Executivo: Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero

Vice-Diretor Executivo: Ms. Selina Maria Dal Moro

Administrador – Tesoureiro: Dr. Pe. Clair Favreto

Secretário: Ms. Pe. Jair Carlesso

Diretoria da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas

Itepa Faculdades

Diretor: Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero

Secretaria: Ana Lucia Alves de Oliveira

Conselho Editorial:

Dr. Dom Leomar Antônio Brustolin, Dr. Claudio Almir Dalbosco,

Dr. Frei Luis Carlos Susin, Dr. Pe. Ivanir Rampon,

Dr. Pe. Clair Favretto, Dr. Pe. Leo Konzen,

Dr. Pe. José André da Costa, Ms. Pe. Jair Carlesso,

Dra. Solange Maria Longhi

Coordenação da Revista

Professora Referencial: Ms. Selina Maria Dal Moro

Professor Referencial: Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis

Representante dos Acadêmicos: Felipe Fioravante Filippini

Apoio técnico

Revisão:

Ms. Selina Maria Dal Moro

Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero

Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis

Secretariado Geral

FACULDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ITEPA FACULDADES

Revista Caminhando Com o Itepa – CCI

Rua Senador Pinheiro, 350

Vila Rodrigues, Passo Fundo – RS – CEP: 99070-220

Fone: **(54) 3045 6272**

SUMÁRIO

Editorial 9
Equipe CCI

Assistência à Saúde aos Pobres Oprimidos e Marginalizados e o Amor 15
Dr. Eymard Mourão Vasconcelos

Ciência, Espiritualidade e Saúde: Um Diálogo Necessário no Ensino e Prática Médica..... 49
Dr. Édison Martinho da Silva Difante

Espiritualidade Litúrgica 65
Dr. Pe. Hernaldo Pinto Farias, sss

Ecoespiritualidade a Partir das Narrativas da Criação Rescobrindo a Pertença à Casa Comum..... 81
Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon
Esp. Junior Bufon Centenaro

Espiritualidade do Agente de Pastoral..... 105
Ms. Pe. Ari Antonio dos Reis

Cristãos e Cristãs Leigos e Leigas Espiritualidade e Missão . 127
Ms. Selina Maria Dal Moro

Entrevista 151
Dr. Luiz Aquino – Médico Endocrinologista

RESUMO DAS MONOGRAFIAS

Civilização do Amor O Horizonte das Primeiras Comunidades Cristãs e da Pastoral da Juventude 159
Jean Carlos Demboski

Marcelino Chiarello, um Mártir da Justiça do Reino Uma Reflexão Político-Pastoral-Espiritual 161
Itamar Antonio Belebom

Ecoteologia: A Fé que pensa a Perspectiva Ecológica	163
<i>Francisco Xavier Buehrmann</i>	
Implicações Missionárias do Documento de Aparecida para a Igreja particular de Vacaria	165
<i>Felipe Carra</i>	
Os novos rostos dos migrantes num contexto de globalização O desafio de ser Igreja da acolhida	167
<i>Érico de Anhaia Martins</i>	
O Movimento Ecumênico e a Igreja Católica O caminho ecumênico a partir do Concílio Vaticano II	169
<i>Edegar Passaglia</i>	
Catequese e Missão Registro e memória de uma experiência pastoral sob o olhar de Nossa Senhora Aparecida	171
<i>Saulo Tonini</i>	

EDITORIAL

Equipe CCI

Saudações em Cristo!

Prezado(a) leitor(a) da Revista *Caminhando Com o Itepa*, com muita satisfação colocamos, hoje, em suas mãos, a 121ª edição desta revista. A temática nela abordada *Espiritualidade e cuidado com a Vida* traz à reflexão questões candentes do contexto atual e proféticas experiências de uma prática pastoral libertadora. Certamente, este é o momento mais oportuno para refletirmos sobre a espiritualidade cristã, uma vez que, neste contexto os líderes do neoliberalismo, sorrateiramente, encaminham o mundo e a sociedade para a espiritualidade do mercado, justificando-o como caminho supremo da felicidade. Para isso afirmam que o melhor sabor da vida é encontrado no consumismo, luz fátua que se pretende protagonista da felicidade.

Diante desse espectro, que permeia as relações marginalizando ainda mais aqueles que não podem recebê-lo em sua casa porque já são excluídos, o Papa Francisco dirige seu pensamento renovador para a prática do cristão, exortando-o para que resplandeça sua luz, que é a luz de Cristo, diante dos homens, *para que vejam as suas obras e glorifiquem o seu Pai que está nos céus* Ou seja, retornem Àquele que um dia iluminou o mundo porque *chamou os pequeninos e excluiu os poderosos*.

Os autores inscritos nesta revista, sem dúvida, se colocam na esteira deste chamado do Nazareno e, põem seus artigos à disposição de todos aqueles que querem um mundo iluminado pelas luzes que advém da Palavra de Deus.

O desapontamento de **Dr. Eymar Mourão Vasconcellos**, diante de uma experiência de saúde de um familiar o levou a desafiar-se na reflexão do modo de realizar uma medicina que dê visibilidade e confiança a quem a procura, especialmente, os pobres. O artigo que, generosamente, Dr. Eymar dispôs à CCI aponta os caminhos para a realização de uma medicina competente

para debruçar-se sobre as necessidades dos marginalizados, iluminando-os com a esperança de uma vida renovada, muito distante das falazes propostas de saúde que o mercado cotidianamente oferece.

O artigo do **Dr. Édison Marinho da Silva Difante** tem como objetivo principal salientar a importância da inclusão da disciplina “Ciência, espiritualidade e saúde” tanto no ensino quanto na prática em medicina. Dividido em três partes, em um primeiro momento, busca enfatizar que a dimensão espiritual do ser humano não pode ser negligenciada. Tomando por referência a abordagem de alguns filósofos contemporâneos, apresenta breves caracterizações da noção de espiritualidade. A partir de dados concretos, na sequência, aborda as causas da inserção da espiritualidade no ensino da medicina. As partes finais do texto, mesmo que de forma sumarizada, buscam tratar de alguns embates próprios da sociedade contemporânea, a saber, entre doença e objeto, paciente e pessoa, dinheiro e cuidado. A título de conclusão, apresenta um pequeno relato de experiência docente, elencando alguns desafios para uma formação espiritual, que, por sua vez, auxilie em um processo formativo humanizador.

O Dr. Pe. Heraldo Pinto Farias, sss traz à reflexão a Espiritualidade Litúrgica, entendendo-a como a maneira de viver. Segundo ele, toda pessoa ou grupo possui uma espiritualidade que irá identificá-lo e, ao mesmo tempo, distingui-lo, implicando na diversidade de espiritualidades existentes. Os cristãos também possuem uma espiritualidade própria - a espiritualidade cristã. Ela contém elementos estruturais que nos dão um arcabouço tradicional, comum a todo cristão: a humanidade de Jesus Cristo; o Reino de Deus; o Espírito Santo; o Evangelho (a Palavra de Deus); a Igreja (vida comunitária - a história) e a oração (liturgia), entre outros.

A reflexão do **Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon** em parceria com **Especialista em Espiritualidade Junior Bufon Centenaro**, parte das narrativas da criação na perspectiva de

desvelar os modos como atual sistema econômico mata. Mata a vida, os sonhos, as esperanças, os pobres, a Casa Comum. O texto mostra como diversos mitos da criação ensinam que todos fomos criados para viver de maneira diferente, com outro estilo de vida, com outra espiritualidade. Revisitar e saborear a sabedoria destes mitos ajuda a redescobrir o sentido de pertença a mesma Casa Comum e a encontrar pistas espirituais desafiadores a fim de colaborar na assunção de uma ecologia integral.

O artigo do **Ms. Pe. Ari Antonio dos Reis** reflete sobre a espiritualidade que sustenta a vida e compromisso do Agente de Pastoral, pessoa que, em nome da sua fé, se dedica à ação Evangelizadora, como discípulo missionário, em um serviço gratuito em vista do Reino de Deus. A experiência de espiritualidade decorre do testemunho deste Reino em uma realidade que se transforma devido à “mudança de época” ou de uma profunda crise de civilização, em que os critérios considerados fundamentais das relações humanas e com o mundo criado são relativizados, gerando situações de anti-Reino. No texto Pe. Ari mostra como a iluminação que o Papa Francisco lançou a partir da Encíclica *Laudato Sí - LS*, sobre o cuidado com a casa comum, nos lembra que questões sociais e a questão ambiental estão imbricadas. Isso implica em cuidar das pessoas, sobretudo dos pobres e dos excluídos e, cuidar da nossa casa comum. É comum porque todos moramos nela e dependemos dela. Este é o chão no qual o Agente pisa e se desafia anunciar o evangelho, marca constitutiva da sua espiritualidade.

O texto da **Prof^a Selina Maria Dal Moro** e a entrevista do **Dr. Luiz Aquino**, médico endocrinologista com atuação na cidade de Passo Fundo imbricam-se e complementam-se. O tema da Espiritualidade e Missão dos Leigos e Leigas na Igreja e na sociedade “sal da terra e luz do mundo” é abordado teoricamente no primeiro texto e desvelado o seu modo de se concretizar na prática médica do Dr. Aquino.

CCI

Caminhando com o Itepa



Espiritualidade e Cuidado com a Vida

ASSISTÊNCIA À SAÚDE AOS POBRES OPRIMIDOS E MARGINALIZADOS E O AMOR¹

Dr. Eymard Mourão Vasconcelos²

1 - A PROVOCAÇÃO PARA INICIAR ESTAS REFLEXÕES

Minha mãe passou mal e foi assistida por um cardiologista de confiança de outro médico que já a acompanhava. A família gostou muito do seu atendimento, mas se assustou ao ser informada que sua consulta custava 300 dólares. E que sua agenda no consultório estava cheia, não sendo fácil a marcação de nova consulta.

Comentei o fato a vizinhos e eles manifestaram uma grande admiração por médicos como ele. Começaram a citar nomes de outros médicos que deviam ganhar mais de 25 mil dólares mensais. E passaram a conversar sobre os melhores caminhos profissionais para se obter este sucesso na medicina. Percebi que esta é a situação admirada e invejada pela maioria das pessoas do meio social a que pertencço. Esta percepção mexeu comigo. Senti que eu também tenho lampejos de inveja desta situação. Passaram em mim sentimentos de vergonha de não ter conduzido minha profissão rumo a este ideal.

De repente, fui tomado por uma reação. Não! Este modo de encarar a medicina não é o meu. E não é de muitos outros profissionais. Subitamente, no meio da conversa com os vizinhos, eu disse: *“mas há outros caminhos para ser médico. Eu mesmo sou um especialista em medicina de pobre”*. Eles se espantaram. *“Para tratar dos pobres é preciso de algum saber especial?”* Comecei a

¹ Texto resultante da integração de textos originalmente publicados no blog Rua Balsa das 10. Disponíveis em: <<http://balsa10.blogspot.com.br/>>

² Graduado em Medicina (1975), mestre em Educação (1986), doutor em Medicina Tropical (1997) com pós-doutorado em Saúde Pública pela ENSPFIOCRUZ. É professor aposentado do Departamento de Promoção da Saúde do Departamento de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba. É o atual coordenador da Rede de Educação Popular e Saúde.

explicar as difíceis exigências do trabalho em saúde nas condições de pobreza e marginalidade. Mas eles não se interessaram muito e a conversa terminou. Talvez lhes tenha parecido que eu estava apenas racionalizando meu “pouco sucesso profissional”.

Esta conversa provocou em mim muitos pensamentos que me ajudaram a entender, com mais clareza, o meu longo caminho profissional (sou formado há 42 anos) e o de muitos outros companheiros. Vi que, apesar de ter já empunhado muitas bandeiras de luta (a reforma do ensino médico da Universidade Federal de Minas Gerais — na época em que era estudante —, a organização do movimento de médicos residentes de Minas Gerais, a mobilização social contra a ditadura militar, o fortalecimento do movimento popular de saúde, a construção do Sistema Único de Saúde, a consolidação da atenção primária à saúde no Brasil, a educação popular em saúde, a espiritualidade na saúde e a mudança da formação universitária na UFPB), havia um compromisso mais de fundo ligando tudo: a compaixão e indignação com a situação da pobreza, opressão social e marginalidade de grande parte da população. E o encantamento com as formas criativas e solidárias de ter saúde que costumam surgir com o estar junto como médico.

Sim, a assistência à saúde aos grupos sociais subalternos tem exigências e desafios próprios. Exige saberes especiais. Tem gratificações próprias. E tem uma ampla legião de profissionais dedicados a ela. Mas pouco se conversa sobre isto.

Há muitos estudos epidemiológicos sobre a situação de saúde destes grupos sociais e sobre as causas de seus problemas. Muitos eventos e debates têm sido realizados sobre o planejamento e o gerenciamento dos serviços públicos que atendem grande parte das pessoas destes grupos sociais. Há publicações bem sofisticadas teoricamente sobre os caminhos da humanização do atendimento público em saúde.

Em meio a tantas discussões técnicas complexas sobre o sistema público de saúde, talvez estejamos nos afastando de algo fundamental: as raízes desta motivação profunda que mobiliza

tantos profissionais para se comprometerem com os pobres, oprimidos e marginalizados, se submetendo a situações de trabalho extremamente difíceis.

Há muitos profissionais que atendem estes grupos sociais porque não encontraram locais melhores de trabalho. Eles se conformam com este trabalho. Ou ali estão enquanto não conseguem algo mais próximo de seus sonhos. Desdenham seus pacientes e suas comunidades. Alguns, na juventude, até sonharam com uma medicina voltada para os que mais precisam, porém logo deixaram de lado isto, que passaram a chamar de romantismo ingênuo, e caíram na sedução do individualismo consumista e passaram a ridicularizar os que ainda persistem.

Mas há uma minoria que está aí por opção de vida. Sofrem com a pobreza dos serviços destinados aos pobres, mas não se afastam. Sabem que, para superar esta situação com a participação e protagonismo dos pobres e marginalizados, é preciso estar com eles, participando, animando e aprendendo com suas lutas e suas buscas. É uma gente animada que está nos serviços de atenção primária à saúde, hospitais, instituições especializadas, organizações não governamentais, igrejas, movimentos sociais, universidades, nas secretarias de saúde, etc. São tão diversos os caminhos deste engajamento...

2 - O GOSTO E A POESIA DO TRABALHO EM SAÚDE

Há, no imaginário da população, uma associação do trabalho em saúde com o que é penoso: morte, dor, secreções, descontrole emocional, exigência excessiva de estudos e treinamento, gritos, sangue e situações de muito stress. Isto é ainda mais ampliado se o trabalho se refere ao atendimento de pobres, oprimidos e marginalizados. Aí, há ainda a associação com sujeira, serviços feios e precários, violência, dificuldade de comunicação e ignorância. Como explicar então a grande procura por formação

profissional neste campo e a realização pessoal de muitos trabalhadores do setor saúde?

Há compensações bem evidentes como as boas remunerações e o prestígio social que ainda estão presentes, principalmente para os médicos e os empresários do setor. Mas as fontes mais importantes de realização são mais sutis e menos conversadas.

As pessoas querem ser significativas no meio social em que vivem. Têm também um forte anseio de avançar no entendimento dos mistérios da vida. Tudo isto pode ser intensamente vivido no trabalho em saúde.

O profissional de saúde tem acesso, como poucas pessoas têm, ao *olho de furacão* da vida humana. Na crise trazida pela doença, as pessoas revelam realidades que não costumam ser contadas para mais ninguém. Muitas vezes, nem mesmo para a esposa, filhos, pais ou amigos mais próximos. Expõem a intimidade de seu corpo e de sua casa. Narram conflitos sociais em que estão envolvidos. Abrem seus corpos para exames que revelam dinâmicas internas de sua fisiologia e anatomia que poucos compreendem bem. A condução do tratamento exige, além do conhecimento e manejo de instrumentos técnicos de intervenção, um entendimento ampliado das características psicológicas do paciente, da sua cultura familiar, das pressões sociais que recebe e das suas limitações e possibilidades materiais. Há um enorme campo de possibilidades de acesso a muitas dimensões dos mistérios da existência humana que infelizmente nem todos profissionais aproveitam ou têm disponibilidade de tempo ou de maturidade psicológica para reparar e pensar, pois o sofrimento e as angústias do paciente costumam provocar os medos, fantasias e bloqueios. O profissional de saúde é assim constantemente desafiado, tornando seu trabalho muito instigante. E tem oportunidade de uma intensa interação social com pessoas e grupos muito diversos. É um trabalho dinâmico que abre muitas

perspectivas de estudo, interação e contato com dimensões escondidas da vida.

Na confusão familiar e na instabilidade emocional, trazidas pela doença significativa, o profissional pode ser central como referência de ordenação e motivação para a busca de soluções. A intervenção técnica sobre o corpo do paciente, o ato profissional mais ressaltado pela sociedade, sempre se acompanha do agir sobre estas dimensões subjetivas e familiares, mesmo quando o terapeuta não toma consciência e reflete sobre elas, tornando-se, portanto, menos eficaz. Quando o seu trabalho se esparrama para os problemas e mobilizações da comunidade, a interação com a complexidade da vida se torna ainda mais intensa. A experiência de realização deste criativo e complexo papel ordenador, esclarecedor e mobilizador, nestes momentos de crise, é a grande fonte de realização do trabalho em saúde. O pior sofrimento é aquele que parece não ter explicação e perspectiva de solução. É muito gratificante lidar com situações próximas do caos e participar de forma significativa de seu esclarecimento, da sua superação ou de seu alívio. A vivência desta experiência marca profundamente, mesmo que a correria dos atendimentos seguidos, nos serviços de saúde, não permita conversar e até pensar muito sobre ela. A lembrança da gratidão e da alegria restabelecida fica ressoando nos intervalos da agitação do trabalho. Cada situação difícil enfrentada é um aprendizado. Como temos sede de saber. A realização no lidar com a crise acontece se temos o olhar aberto aos sentimentos do outro que atendemos, não ficando com a mente presa nos rancores do trabalho e nas metas pessoais. E quando não estamos presos a respostas e condutas predefinidas, tornando cada ato de cuidado e cada enfrentamento comunitário uma pesquisa e uma construção coletiva.

Há uma metáfora das tradições espirituais orientais que expressa bem este ato de criação: a linda e alva flor de lótus, que surge e se desenvolve nos pântanos mais fedorentos. Do caos e da lama, a poesia brota; e encanta. Muitas vezes, a vida que emerge

destas situações é de uma qualidade muito superior ao que antes existia. A doença evidencia o erro de modos de vida das pessoas e da sociedade. Mobiliza energias de superação de situações que antes já se queria modificar, mas se estava acomodado. O profissional participa de um processo criativo com algumas intervenções técnicas e como regente, mas também assiste o jogo de outras intervenções e dinâmicas sobre as quais não tem nenhum controle. Acolhe-as e, a partir delas, reorienta suas ações. Há uma surpresa em cada processo terapêutico. Como a médica norte americana Rachel Naomi Remen (1998) afirma, é como se o profissional de saúde estivesse na primeira fila do teatro da vida.

As pessoas e famílias, que já viveram este confuso e denso processo das situações de aflição e adoecimento mais graves, sabem a importância e a profundidade deste agir profissional como regente de uma criação cheia de arte. Por isto, o trabalho em saúde é ainda muito valorizado socialmente, mesmo com as tantas mazelas revoltantes dos serviços existentes. Apesar da mercantilização e burocratização do trabalho em saúde, a população insiste ainda em associá-lo à ideia de sacerdócio, que enfatiza sua dimensão sagrada (aquilo que toca nos nebulosos fundamentos mais essenciais da vida humana). Muitos profissionais, tomados pela lógica tecnicista que vê o seu trabalho como o de um mecânico de gente em uma linha de montagem burocratizada e rotinizada, estranham este tipo de valorização. Há, porém, uma grande verdade nesta percepção popular.

Este significado profundo do trabalho em saúde é a sua grandeza, mas também o seu fardo. As pessoas se tornam exigentes e intolerantes quando os profissionais desconsideram estas implicações humanas sutis presentes em cada problema de saúde, do tratamento de uma simples cárie em um dente incisivo ao enfrentamento de um câncer avançado no patriarca da família. Aceita-se que o vendedor da padaria, o gerente do banco, o dono da oficina mecânica ou o funcionário da empresa de telefonia atuem

de forma centrada nos interesses de sua empresa e restrita à demanda específica feita. Mas para o profissional de saúde, isto não acontece. As exigências são maiores.

Muitos estudantes que entram nas faculdades do setor saúde não imaginam a gravidade de suas escolhas de vida profissional. Entram em um campo que grande parte da população vê como sagrado. Um trabalho marcado por uma intensa complexidade técnica e humana e que abre para possibilidades muito ricas e diversas de contribuição para a vida das pessoas e da sociedade. Um trabalho que pode ser muito desafiante, dinâmico e criativo se esta complexidade for assumida com reverência. Um trabalho em que cabe muito gosto e poesia, mas também carregado de densas exigências simbólicas.

3 - OS PERIGOS DA ASSISTÊNCIA À SAÚDE

Usualmente, considera-se que a assistência à saúde é sempre positiva. Quanto mais, melhor. O problema estaria essencialmente na sua falta. Há, porém, muitos efeitos negativos da assistência à saúde realizada dentro do modelo hoje dominante. Se o trabalho em saúde tem muitas potencialidades, ele também pode trazer riscos para as pessoas e muitas consequências deseducativas.

Os problemas fazem parte do viver e a sabedoria humana consiste em saber lidar com eles de forma a superá-los, quando possível, ou aprender um jeito de conviver com eles. O lidar com os problemas e desafios do existir pode ser fonte de encontros, alegria, realização e revoluções muito positivas. Todos são chamados a adquirir esta sabedoria e a garra para persistir nos enfrentamentos. Tudo que aliene as pessoas e os grupos sociais desta capacidade de lidar com os problemas precisa ser combatido. E muitas vezes a assistência à saúde tem feito isto. A saúde é, antes de tudo, uma conquista de cada pessoa, dos movimentos sociais e da organização política da sociedade. Mas, assiste-se a um crescente movimento de delegação do enfrentamento dos problemas do existir para os doutores especialistas. Os doutores

podem ser apoiadores e assessores deste movimento pessoal e social de enfrentamento dos problemas do existir, mas muitas vezes têm atuado de forma a alienar seus clientes desta iniciativa. Isto acontece porque a assistência à saúde gera muitos lucros e traz muito prestígio para os grupos políticos que a implementam. Para aumentar estes lucros e legitimar esquemas políticos de dominação, tem se investido na mistificação das possibilidades da assistência à saúde. Se os doutores são capazes de tantas maravilhas que não se entende direito, é melhor deixar que eles decidam e controlem o que se deve fazer para ter saúde.

O próprio modelo de atendimento clínico das profissões de saúde reforça esta atitude de alienação dos pacientes. Em geral, o profissional ouve a queixa, faz perguntas, examina e pede exames complementares para, em seguida, chegar **sozinho** a uma conclusão diagnóstica e estabelecer um plano de tratamento que deve ser seguido. O termo “paciente” expressa bem esta postura passiva de entrega das pessoas de seu corpo para a análise e ação do profissional. Esta maneira de atendimento tende a divulgar a ideia de que a maioria dos problemas de saúde se deve a um defeito em uma parte do corpo que será consertado por um profissional (ou um grupo deles) que atua como um mecânico de automóveis, atuando focado sobre a peça defeituosa. É como se os problemas de saúde não tivessem ligação essencial com a organização da vida do paciente e de sua comunidade. Como se não fosse necessário também fazer um rearranjo no seu cotidiano, o que não tem como ser feito sem a participação ativa do paciente na análise da situação, na definição de estratégias e no envolvimento na sua implementação. Este modelo de atendimento reforça ainda mais a noção de que a fonte legítima para avaliar e pensar a vida correta é o saber científico, produzido nos centros internacionais de pesquisa, do qual os profissionais de saúde são os representantes e operadores. Quanto mais obediente o paciente for, melhor será para sua saúde.

É mais cômodo encontrar uma pílula mágica que controla a tristeza e o nervosismo do que reorientar as prioridades de meu existir e refazer as minhas relações afetivas. É mais fácil buscar uma pílula que resolva os problemas de aprendizagem de meu filho do que reorientar os processos de ensino em que ele está submetido e ampliar o suporte doméstico para o seu estudo. É tentador encontrar um comprimido que me emagreça sem precisar reorganizar a minha alimentação e participar do movimento político de controle da propaganda de alimentos com grande densidade calórica. É sedutor ter acesso a um medicamento que cura minha ressaca sem precisar enfrentar o alcoolismo e participar da luta política para impor limites para a propaganda de bebidas alcoólicas para jovens, associando seu uso com transbordante alegria e intensa sociabilidade. Estes são alguns exemplos do fenômeno denominado de **medicalização da vida social**. Oferecem-se e se propagandeiam medicamentos, manipulações clínicas e aparelhos médicos que eximem as pessoas de transformar suas vidas. A grande esperança é deslocada para o encontro de melhores medicamentos e a conquista da capacidade de consumi-los fartamente.

Atrás deste processo estão grandes indústrias de insumos médicos, empresas fornecedoras de novas modalidades de tratamento clínico e os grandes meios de comunicação de massa que lucram com sua propaganda. Os profissionais de saúde podem ser cúmplices, conscientemente ou não. Muitas vezes, esta medicalização já está impregnada em muitos livros estudados e em muitas aulas proferidas na universidade, pois as indústrias de insumos médicos têm grande influência nos centros de pesquisa e de difusão do conhecimento médico. É preciso ter uma atitude crítica de pesquisa e estudo para conseguir sair fora desta cadeia de processos de medicalização social. E ter a firmeza para fugir das bonificações, materiais e simbólicas, oferecidos para quem participa.

Este consumismo de medicamentos, cirurgias e tratamentos clínicos de eficácia limitada ou ainda sem comprovação não apenas pode ser alienante das iniciativas e saberes de cada cidadão para o enfrentamento das dificuldades do viver, mas também muito perigoso para a saúde. Foram desenvolvidos processos muito poderosos de intervenção sobre o corpo, tanto para examiná-lo como para tratá-lo. No afã de vender estes aparelhos, procedimentos clínicos, cirurgias e medicamentos, tem se difundido procedimentos de investigação e tratamento que ainda não têm eficácia comprovada, mas que podem causar muitos danos. Os ricos são os mais ameaçados por estes procedimentos intempestivos ameaçadores. Mas este risco é também difuso, pois as empresas convencem e compram governantes para conseguir sua difusão também nos serviços públicos. A implementação de procedimentos médicos propagandeados nos meios de comunicação e que, por isto estão na moda, ajuda a dar uma imagem de modernidade para os governantes, mesmo que isto se faça pelo desvio de recursos destinados a procedimentos tradicionais de eficácia bem comprovada. Assim, muitos profissionais, não diretamente cúmplices da cadeia de interesses comerciais, acabam sendo seus executores inocentes, pois esta incorporação tecnológica vem acompanhada da difusão de textos, com a aparência científica, para justificá-la.

Assim, vem se ampliando a ideologia de que o saber científico, produzido nos grandes centros internacionais de pesquisa, é o único saber legítimo. O saber que é adquirido pela experiência de vida, pela reflexão e diálogo entre as pessoas e pelo aprendizado das tradições familiares e culturais vem sendo desacreditado. Os doutores dos serviços de saúde podem fortalecer este descrédito se atuam de forma autoritária e normativa. Em nome da busca da saúde, acaba se querendo regular o comportamento cotidiano das famílias, desde a forma como devem comer, defecar, amar, relacionar com os filhos e organizar suas casas. Nenhum campo do saber científico se intromete tanto nos

detalhes do viver cotidiano como o da saúde. A atitude de “donos do saber” verdadeiro, porque científico, de muitos profissionais de saúde os torna pouco abertos para o diálogo e para a busca de entendimento dos contextos de vida dos seus pacientes. Muitas vezes, esta atitude de soberba se revela até com grosseria e rispidez, contribuindo para baixar a autoestima de clientes já fragilizados pela crise de saúde. Este desacreditar da capacidade das pessoas pensarem e determinarem com autonomia seus próprios caminhos de vida leva a uma atitude de dependência aos saberes especializados criados externamente, sem perceber seus limites e os interesses econômicos neles entranhados. Nada pode ser mais prejudicial para a saúde da população, no longo prazo, do que a perda da capacidade crítica, da autonomia, da sabedoria para gerir a própria vida e da garra e capacidade para lutar pelos direitos e projetos políticos de mudança social.

Os perigos alienantes e deseducativos da assistência à saúde não param aí. Principalmente na assistência à saúde dos pobres, marginalizados e oprimidos, são usuais práticas educativas, tanto nos atendimentos individuais como nos grupos, que geram o fenômeno denominado de culpabilização da vítima. Para forçar uma aderência mais intensa do público aos seus ensinamentos e prescrições, os profissionais de saúde tendem a exagerar a sua importância, associando diretamente o seu não seguimento como a única causa de um fracasso do tratamento. *Se você não ferver a água que dá de beber ao seu filho, ele vai acabar tendo diarreia e você será a culpada. Se você não parar de fumar, a crise de asma do seu neto vai voltar. Se você não fizer dieta para valer e emagrecer, sua diabetes vai se descontrolar novamente. Se vocês não vierem participar da reunião com a secretária de saúde amanhã no posto, a reforma que estamos planejando não vai sair. Se você não fizer força quando eu mandar, seu filho vai custar a nascer e o parto vai doer muito mais.* Todas estas recomendações têm seu valor. O problema é associá-las de forma direta e simplista com os possíveis insucessos no tratamento e na prevenção das

doenças, como se não houvesse muitos outros fatores influenciando e como se sua implementação fosse algo dependente apenas de uma escolha voluntária. A higiene da água, a realização de uma dieta bem-feita, o parar de fumar e a participação em mobilizações sociais são ações que dependem também de condições materiais, psicológicas e ambientais que muitas vezes não existem para estas pessoas. Isto tende a tornar os problemas, que têm raízes na organização política e cultural da sociedade, em culpa das pessoas que sofrem suas consequências. Para populações que não têm acesso a saneamento básico, escola de qualidade, moradia decente e condições sociais que possibilitem tranquilidade e tempo para cuidar de si, acaba se propagandeando que suas doenças se mantêm apenas por desleixo e preguiça. É a culpabilização da vítima.

Atitudes como estas são também usuais quando há um fracasso no tratamento e o profissional, ao invés de discutir francamente outras possibilidades e avaliar criticamente o que foi feito, simplifica buscando justificar o insucesso pela não implementação dos cuidados prescritos por ele. A culpabilização da vítima evita um processo de maior pesquisa e diálogo. Ela abaixa a autoestima e reforça a subalternidade. Não contribui para a formação de pessoas mais sabidas, fortes, tranquilas e felizes para terem uma convivência construtiva e preservadora com o meio ambiente físico e humano.

Algo bem diferente está acontecendo nos grupos sociais mais privilegiados economicamente e em outros grupos não tão privilegiados, mas que ficam almejando intensamente participarem da elite. Neles, nas últimas décadas, cresceu muito a valorização excessiva e narcisista do cuidado do corpo pela busca incessante de uma aparência esbelta e formosa, por um consumo obsessivo de produtos e serviços de saúde. Nestes grupos, surgiu uma mania pela saúde, entendida principalmente como manutenção de uma vitalidade juvenil permanente do corpo pela incorporação individual de estilos saudáveis de vida e o consumo de ginásticas, alimentos, procedimentos estéticos e medicamentos especiais.

Difere do processo acima referido de alienação pela entrega aos doutores da responsabilidade pela definição dos caminhos do cuidado da saúde, pois há uma ênfase na responsabilidade pessoal para com a própria saúde, mas de uma forma simplista, pois esta juventude permanente é ilusória e a fixação no cuidado do corpo desconsidera outras dimensões do viver saudável. Cuidar bem do corpo, fazer exercícios físicos regulares, ter hábitos de vida saudáveis, procurar ser bonito e cuidar dos detalhes da alimentação são atitudes muito positivas, mas que se tornam perniciosas quando viram uma obsessão que evita pensar e considerar o processo de envelhecimento, sofrimento e morte que estão presentes em todas as formas de vida. O profissional de saúde vira um instrumento desta busca obsessiva e ilusória. Ele precisa ter uma percepção crítica das demandas destes clientes para não reforçar suas ilusões e poder contribuir para seu esclarecimento. É a consciência da morte, com as suas etapas preliminares, o envelhecimento e as doenças, que faz o ser humano se desapegar de suas transitórias potencialidades de juventude e buscar orientar o seu viver por valores mais duradouros como a amorosidade, a solidariedade e a justiça.

Saúde plena é entrega apaixonada, com sabedoria, ao jogo da vida. Não se entrega com garra e alegria ao viver se estamos apegados à preservação de detalhes do corpo, imobilizados pelo medo do sofrimento e da morte inevitável, obcecados pelo conserto dos inúmeros pequenos defeitos presentes em todos ou amargurados com as perdas que vão se acumulando com o tempo.

Os profissionais de saúde, apesar do termo saúde em seu nome, são chamados a atuar principalmente nas doenças, nas crises, nas perdas, no sofrimento e na ameaça de morte. Mas podem fazê-lo de uma forma que ajude as pessoas a se aproximarem da saúde plena. O momento da doença e da crise pode ser um momento de reorientação da vida. Este é o desafio da proposta de integralidade na saúde. Mas para isto, precisam conhecer e saber superar os perigos que cercam o trabalho em saúde.

4 - EXIGÊNCIAS E SABERES ESPECIAIS NECESSÁRIOS

É usual ouvir a afirmação de que qualquer coisa basta para a assistência à saúde aos pobres. Sendo eles tão carentes, qualquer migalha já teria um grande significado. Na sua propalada ignorância, eles nem saberiam valorizar esforços mais elaborados de assistência. Por isto, causa surpresa verificar a existência de tantos profissionais estudando arduamente como aprimorar a sua atuação junto a eles. Causa também surpresa constatar que os pobres estão revoltados com a assistência que lhes é usualmente prestada. As manifestações mais agressivas de insatisfação causam indignação nos serviços. Para deslegitimá-las e esconder seu real significado, estas revoltas e agressividades são logo classificadas como grosseria, falta de educação e ignorância, que, no imaginário das elites, seriam típicas das classes populares.

É notória a precariedade da maioria dos serviços destinados aos grupos sociais subalternos. É usual encontrar prédios feios, cheios, desorganizados e com atendentes ríspidas, profissionais com baixos salários, escolhidos sem processos seletivos bem feitos e gerenciados de forma ora autoritária, ora displicente. Isto reflete a realidade do jogo político: de um lado, mais recursos e melhor organização dos serviços destinados aos grupos sociais com mais poder e melhor condição econômica e, de outro lado, menos recursos e pior organização dos serviços destinados aos pobres, oprimidos e marginalizados. No setor saúde, isto gera graves consequências, pois estes últimos grupos sociais têm uma condição sanitária muito mais precária e exigem muito mais recursos e ações sanitárias para se obter a equidade.

A precariedade da assistência não se deve apenas à precariedade dos recursos. O modelo da assistência prestada nestes serviços é, em geral, profundamente inadequado. Eles têm, como referência orientadora, o modelo de atenção denominado de biomedicina, o modelo hegemônico de assistência à elite econômica e social, mas que ali é operada de forma caricatural. O

modelo biomédico já vem gerando muitas insatisfações e críticas importantes entre os usuários de padrão cultural e econômico privilegiado, mas é entre os grupos subalternos que ela manifesta mais suas limitações.

Em que consiste este modelo biomédico de assistência? Não é algo que diz respeito apenas à assistência médica, mas a todas as outras profissões do setor saúde (fisioterapia, odontologia, nutrição, farmácia, educação física, terapia ocupacional, enfermagem, etc.). Trata-se de um modelo de assistência que se tornou dominante no setor saúde a partir do final do século XIX e só começa a ser criticado, de forma mais consistente, no final do século XX.

Nele, doença é vista como um mau funcionamento dos mecanismos biológicos, estudados do ponto de vista da biologia celular, da bioquímica e das leis da física. O papel do profissional de saúde é intervir física e quimicamente para consertar o defeito no *mecanismo enguiçado*. As atividades mentais (pensamento, sentimento, sonho, contentamento, sofrimento e angústia), quando valorizadas, são entendidas apenas como resultado da anatomia, bioquímica e fisiologia do cérebro.

Para trabalhar orientado por este jeito considerado, até então, como científico de prestar assistência, são necessários profissionais que apliquem as técnicas de modo desvestido de sentimentos, pois estes corroeriam a objetividade. São necessários profissionais que aprendam a olhar para os pacientes de um modo focado em seus órgãos e, não, na sua totalidade como pessoa. Cada manifestação do paciente é processada procurando identificar seu significado como sinal de acometimento de algum órgão específico do seu corpo, de modo a chegar a uma classificação do problema dentre uma das diversas entidades patológicas já definidas e estudadas pela ciência. As manifestações do paciente têm sentido e são valorizadas apenas se ajudam a encontrar a classificação do problema dentro das categorias já padronizadas pela ciência. Este modelo exige também profissionais treinados a mirar

principalmente as doenças (os defeitos), desvalorizando as singularidades positivas e a garra e a criatividade da pessoa para enfrentar desafios e viver com alegria e solidariedade. É necessário também que os profissionais sejam treinados a dar valor apenas ao saber produzido nos grandes centros de pesquisa e que conseqüentemente desvalorizem o saber produzido localmente pelas comunidades e pelos colegas. O saber presente nas tradições passa a ser visto apenas como curiosidade. É ainda preciso de profissionais competitivos e, conseqüentemente, individualistas, pois a concorrência é consagrada como o grande instrumento de garantia da eficiência. Tudo isto resulta em trabalhadores habilidosos em tratar doenças orgânicas, mas que não sabem cultivar o florescimento da vida.

Este modelo biomédico de assistência teve um enorme impacto positivo na melhoria das condições de saúde da população durante o século XX, em que se tornou dominante. Continua gerando inovações fascinantes na assistência à saúde, mas vem sendo crescentemente denunciado como ineficiente (os crescentes recursos que exige estão cada vez gerando menores resultados), ineficácia (a insatisfação dos usuários tem aumentado muito), iatrogênico (o número de danos e adoecimentos causados pela própria assistência têm crescido enormemente), desumano (a desconsideração de dimensões subjetivas e sociais inerentes aos problemas de saúde tem revoltado e gerado muito sofrimento nos pacientes, pois os trata como coisas) e entranhado de interesses comerciais (os tratamentos considerados mais modernos têm sido definidos principalmente por empresas interessadas em ampliar o consumo de seus produtos).

A insatisfação com o modelo biomédico e a sua inadequação são muito maiores para com os pobres, oprimidos e marginalizados. A situação de miséria, a opressão social, a humilhação, o sufoco na gestão do cotidiano e a insegurança em relação ao dia seguinte geram uma tensão e instabilidade emocional muito grande. Eles ficam muito mais vulneráveis às variações da

realidade social. Têm uma dificuldade muito maior para seguir tratamentos prescritos de forma insensível às suas condições de vida. Por terem menos conhecimento para decodificar as informações e orientações técnicas dos profissionais, acabam as compreendendo menos e tendo muitos mal-entendidos. Têm menos opções e recursos para compensar e superar o agir técnico focado apenas sobre os órgãos do corpo acometido pelo problema. A espoliação e perda de tempo e energia das ações de saúde desnecessárias e corrompidas, pelo interesse comercial, lhes causam muito maior dano e revolta por causa da precariedade de seus recursos e reservas. Além disto, usualmente têm acesso apenas a ações muito limitadas do modelo biomédico. A expressão “uma medicina pobre para os pobres” é uma realidade comum. Os preconceitos para com eles e, até, certa repulsa de muitos profissionais fazem com que sejam tratados com desdém e rispidez.

As práticas do modelo biomédico foram pensadas e elaboradas com vistas aos pacientes de melhor condição econômica e política, consumidores mais almejados das empresas que comandam a pesquisa e produzem os meios materiais para implementação dessas práticas ou que operam os serviços privados que as oferecem. A maioria dos doutores dos serviços de saúde, principalmente as suas lideranças, veio das elites ou das classes médias da sociedade e, mesmo sem perguntar, compreendem melhor as condições culturais, psicológicas e materiais de seus pacientes, vindos do mesmo ambiente social. Assim, naturalmente, suas orientações e prescrições levam em conta sua realidade, mesmo que o modelo de consulta não valorize as dimensões sociais e psicológicas. Mesmo que os profissionais de nível superior não tenham uma preocupação de deixar seus raciocínios serem entendidos, os seus clientes mais privilegiados são capazes de compreendê-los em parte e até questioná-los. Estes pacientes podem ter acesso ainda, pela compra no mercado profissional, de uma série de serviços de apoio complementar (psicoterapias, massagens, variados tipos de *personal trainers*, cuidadores,

empregadas domésticas, medicinas holísticas, academias de ginásticas, ioga, ginástica postural, *spas*, musicoterapias, polícias privadas, danças terapêuticas, entretenimentos, tratamentos estéticos, consultorias especializadas, acesso a ricas fontes de leitura e pesquisa, engenheiros, maior disponibilidade de tempo e recursos para participar de espaços reflexivos e pedagógicos, advogados, associações de defesa do consumidor, entidades de classe, políticos amigos, etc.) que compensam parcialmente o caráter tecnicista e focado apenas no órgão doente da biomedicina.

Por estas razões, pode-se afirmar que o modelo biomédico é um terno costurado *sob medida* para os setores mais privilegiados da sociedade. E, mesmo assim, tem se mostrado com enormes inadequações para estes clientes.

Não basta propor ou querer prestar uma assistência à saúde de boa qualidade para os grupos sociais subalternos. É preciso, para isto, repensar as práticas de assistência para eles. O modelo biomédico de assistência demorou séculos para se consolidar. Um novo modelo de atenção, mais humano e adequado para os setores econômica e politicamente marginais da sociedade, também exigirá um processo demorado e que só poderá ser conseguido por um longo e coletivo esforço de pesquisa e compartilhamento de experiências. É ainda preciso lutar politicamente para se ter recursos necessários para esta assistência de qualidade para grupos tão desconsiderados, apesar de serem numericamente tão expressivos. Pouco adianta apenas a vontade sincera de ter uma prática mais integral e holística se não há recursos e treinamento em novas formas de abordagem: no corre-corre dos serviços, acaba-se sendo obrigado a operar os formatos tradicionais de atendimento, com rotinas já bem estabelecidas e treinadas, para conseguir ser rápido.

Dos saberes já acumulados na perspectiva mais ampla de assistência, o saber mais importante é o que enfatiza a importância do diálogo para a redefinição das práticas assistenciais. O diálogo é o grande instrumento para a busca de adequação da assistência a

estes grupos sociais tão diversos e vivendo situações existenciais tão diferentes daquelas imaginadas pelos profissionais de saúde.

O profissional, diante de cada caso, dispõe de múltiplos meios de investigação, que fornecem diferentes níveis de precisão ao diagnóstico, e tem diferentes formas de tratamento, que proporcionam níveis diversos de segurança e de cobertura. Cada um destes meios de investigação e tratamento tem diferentes custos (dinheiro, tempo, sofrimento, afastamento das atividades e esforço físico) para o paciente e para a sociedade. Cada um dos possíveis meios de investigação e de tratamento para uma determinada situação resulta em diferentes níveis de agressão para o corpo e para a rotina familiar. A decisão de quais recursos, de investigação e tratamento, vão ser empregados, em cada caso, não é uma decisão puramente técnica, mas baseada em valores subjetivos e culturais, bem como na consideração da realidade material em que as pessoas vivem. Os padrões de investigação e de tratamento tidos como ótimos pelo modelo biomédico são, no fundo, decisões e padrões estabelecidos levando em consideração as condições de vida das classes dominantes. E mesmo as condutas ainda não padronizadas podem ser mais facilmente decididas, sem diálogo, pelos seus profissionais porque eles são membros destas mesmas classes. As considerações que eles fazem, baseados em suas próprias condições pessoais e em suas vivências, são, em grande parte, aplicáveis aos seus clientes. Isto não ocorre em relação aos grupos sociais subalternos. Como um profissional pode compreender as estratégias, ou mesmo o milagre, de sobrevivência de uma família composta de quatro filhos e uma mãe (abandonada pelo marido) que vivem em casebre da periferia de uma pequena cidade, sem móveis e sem utensílios domésticos, e que têm um rendimento declarado apenas de pequenas lavagens de roupas e da bolsa família? Dificilmente um profissional conseguirá compreender bem a sua psicologia, os seus hábitos de vida, as suas prioridades e a sua visão da sociedade. Como ele pode então decidir por eles? Só existe mesmo um caminho: o diálogo.

Os pacientes trazem para os atendimentos, visões e saberes importantes (porque integrados em sua cultura e em sua realidade material de vida) que precisam ser valorizados. Por isto, é preciso aprender a construir as condutas terapêuticas através do diálogo. De um lado, o paciente que conhece intensamente a realidade onde está inserido o seu problema de saúde e carregado de crenças, saberes e estratégias de intervenção nesta realidade. De outro lado, o médico com conhecimentos técnicos sobre o problema, mas também carregado de crenças próprias da cultura do grupo social de onde veio. Na medida em que cada um sabe dos seus limites, é possível estabelecer uma relação, onde o diálogo não é apenas uma estratégia de convencimento, mas a busca de uma terapêutica mais eficaz por estar inserida na cultura e nas condições materiais do paciente, como também por estar aberta a outras lógicas de abordagem da doença. Agindo dessa forma, se contribui para a formação de cidadãos mais capazes de gerirem sua saúde.

Nestas várias décadas de atuação profissional, tenho viajado para vários locais do Brasil, chamado para dar assessorias e participar de eventos. Tenho convivido com muitos trabalhadores de saúde que atuam junto aos pobres, oprimidos e marginalizados. Percebo que vivem grandes dificuldades na relação com os grupos sociais subalternos. Angustiam-se e se revoltam, muitas vezes, porque seus clientes não entendem e não incorporam as verdades que trazem. Costumam dizer *“este povo não nos compreende”*. Sentem-se como se seus esforços fossem desvalorizados. Alguns chegam a dizer: *“não merecem minha dedicação”*. A grande dificuldade é não perceberem que a cultura destes grupos e pessoas que assistem é expressão de um rico conhecimento e sabedoria de enfrentamento das dificuldades e de busca de felicidade nas condições concretas de sua tensa existência. Uma sabedoria e um conhecimento que se mostram de jeito bastante esquisito e confuso para o padrão dos profissionais. Não percebem também que têm outros valores para orientar suas prioridades do existir. Não percebem ainda que há uma diversidade muito grande de formas de

pensar, sonhar e organizar a vida entre os grupos subalternos. De forma alguma são uma realidade uniforme. Na verdade, *a maior crise de compreensão é nossa*; nós, profissionais, é que não entendemos suas variadas formas de buscar uma vida intensa, nas suas tão diferentes realidades. Com isto, nosso trabalho fica superficial. Porque desconsideramos seus caminhos diferentes e não acreditamos na possibilidade de terem formas próprias e inteligentes de organizar suas vidas marcadas por tantas precariedades, confusões e opressões, não investimos na superação das incompreensões. Acabam sendo vistos como apáticos, deseducados e descontrolados.

As pessoas marcadas pelo sofrimento e pela humilhação da subalternidade, em geral, apresentam dificuldades para se expressar ou para elaborar um discurso direto e claro na linguagem dos doutores, em sua relação com os serviços de saúde, dificultando o entendimento de sua lógica e de seus valores. Esta característica cria desafios muito especiais para o seu atendimento. Para superar esta crise de compreensão, é preciso aproximação com abertura afetiva. O coração (símbolo da inteligência emocional e espiritual do ser humano) tem grande poder de compreender aquilo que o raciocínio lógico não consegue. É preciso criar dinâmicas para que as pessoas silenciadas se expressem. É preciso promover um ambiente afetivo para que se percebam acolhidos e à vontade para explicitar suas considerações e opiniões.

Mas é necessário também de estudo. Muito já foi escrito e sistematizado sobre os caminhos diversos de busca da saúde dos pobres, oprimidos e marginalizados de nossa sociedade. A antropologia, psicologia, sociologia, ciências das religiões, economia e pedagogia têm muito para contribuir neste sentido. Só com esta compreensão e a conseqüente valorização de seus saberes, valores e iniciativas, um verdadeiro diálogo poderá reorientar a assistência à saúde e torná-la potente e gratificante.

5 - AS VÁRIAS FACES DA POBREZA, OPRESSÃO E MARGINALIDADE NA SOCIEDADE

Pobreza, opressão e marginalidade são conceitos pouco precisos nas ciências humanas. Têm sido estudados por diferentes autores e disciplinas, com diferentes definições e ênfases teóricas. Justamente por causa desta imprecisão conceitual é que eles são adequados para as reflexões deste livro. Assim, permitem nominar pessoas e grupos sociais muito diversos e situações inesperadas de subalternidade e exclusão que não se enquadram em esquemas teóricos clássicos. Expressam uma realidade em que a sensibilidade afetiva costuma, muitas vezes, detectar com mais precisão do que as muitas análises sociológicas.

Já vi pobres marginalizados na Inglaterra (imigrantes paquistaneses) com condições materiais melhores do que muitas famílias consideradas ricas na cidade onde morava, no interior da Paraíba. O ser considerado pobre tem uma dimensão relativa que depende da situação de disponibilidade de recursos em determinado ambiente social. Vi também opressores com atitudes aristocráticas, morando em favelas bem precárias.

Minha mãe, que trabalhava na pastoral da saúde de sua paróquia católica, em bairro bem rico de Belo Horizonte, conheceu e apoiou pessoas extremamente oprimidas e marginalizadas (principalmente idosos e deficientes físicos ou mentais), morando em apartamentos finamente decorados deste bairro tão nobre. Um ex-aluno trabalhou na ONG Médicos Sem Fronteiras, assistindo populações ricas, mas extremamente oprimidas pela guerra e dominação política. Há pessoas com boas condições materiais, mas que vivem humilhados por pertencerem a grupos sociais marginalizados, como os travestis e os ciganos. Pertencer a um grupo religioso pode ser fator importante de exclusão social. Pessoas pertencentes à determinada religião podem ser opressores ou oprimidos dependendo do lugar onde moram.

Opressão e marginalidade podem surgir em situações inusitadas e inesperadas. Podem estar em situações extremamente variadas: favelados das periferias dos grandes centros urbanos, camponeses, índios da Amazônia, índios nos bairros urbanos, sem-terra, moradores de rua, idosos oprimidos por filhos e netos, prostitutas que sustentam sua casa, mas vistas com vergonha pelos familiares, imigrantes, presos das penitenciárias, desempregados, o aluno desajeitado e tímido da escola famosa, dependentes de drogas psicoativas, os gays, as pessoas com deficiência física, as esposas de maridos grosseiros, o amante acuado por jogos persistentes de chantagem emocional, o trabalhador de grande empresa exploradora de mão de obra, o doente crônico deixado isolado em seu quarto, pessoas com agitação mental maior que a usual, o empregado do sapateiro da esquina, o funcionário público com vínculo precário, pessoas com aparência física muito diferente dos padrões de beleza, as vítimas da guerra, os ciganos, as faxineiras dos luxuosos shoppings centers, os operários, o morador de distante povoado ribeirinho, pessoas com ideias e propostas de vida muito diferentes da maioria, filhos de pais autoritários, etc.

Se a opressão e marginalidade são mais evidentes em alguns grupos sociais e em algumas situações familiares e institucionais, elas, de alguma forma, são também experiências de todos. Os profissionais de saúde não são apenas pessoas que delas cuidam. De alguma forma, eles também as experimentam em suas vidas, de modo mais forte em alguns momentos e em alguns de seus espaços de convivência. Essas dolorosas experiências próprias, mesmo que transitórias, são importantes referências para melhor compreender as pessoas a quem cuidam.

As situações de opressão e marginalidade são muitas, mas a maioria está definida pela inserção de seu grupo social no processo econômico e na consequente forma de participação da riqueza produzida, podendo ser enquadrada dentro do conceito marxista de classe trabalhadora. Empregados subordinados de grandes e pequenas empresas, grandes ou pequenas fazendas, casas

de famílias e pequenas propriedades rurais. Eles e seus familiares. São pessoas que vivem de trabalho assalariado ou que até mesmo não o conseguem durante períodos, quando sobrevivem de pequenos negócios precários. São elas que constroem a imensa riqueza mundial atual, mas tem acesso apenas a uma parte pequena dela. Assim, grande parte desta enorme variedade de situações está determinada por um número bem mais restrito de causas sociais, a maioria delas ligadas à forma como a riqueza é produzida e distribuída na sociedade. E como o poder político é controlado. As ciências sociais e a economia política são fundamentais para a compreensão destas origens comuns de muitas destas situações.

Há também dinâmicas subjetivas profundas que reiteradamente têm gerado mentalidades e atitudes criadoras de opressão e humilhação nas relações sociais e que, ao longo da história, em diferentes contextos políticos e modos de produção econômica recriam a exploração e a exclusão com diferentes roupagens. Estas dinâmicas subjetivas têm sido objeto de intensa preocupação e elaboração por parte das tradições espirituais da humanidade e de muitas correntes filosóficas.

Há, portanto, uma grande inter-relação entre causas subjetivas profundas e causas políticas e econômicas. Diferentes tradições teóricas enfatizam uma dimensão ou outra, gerando apaixonadas polêmicas.

A assistência à saúde integral busca contribuir também no enfrentamento destas fontes estruturais, subjetivas e sociais, da pobreza, opressão e marginalidade, sendo, portanto, importante buscar que os pacientes e os grupos assistidos as compreendam. O tratamento e a prevenção de doenças são importantes espaços para questionamento e discussão das causas mais gerais do sofrimento. Para contribuir neste sentido, o profissional precisa se inteirar destes estudos.

No entanto, **as teorias mais importantes sobre as origens da pobreza, opressão e marginalidade na sociedade não dão conta de explicar e identificar todas as situações.** A

realidade é mais complexa do que as teorias existentes. Muitas vezes, o apego extremo a determinada teoria sociológica, religiosa ou econômica sobre as causas e explicações da opressão e exclusão impedem a percepção de situações novas e até frequentes. Por isto é importante a sensibilidade, que pode conseguir perceber situações inusitadas. Pela sensibilidade pode se identificar, se comprometer e, posteriormente, buscar análises explicativas para estas situações inesperadas. As teorias são importantes instrumentos para apurar nosso olhar sobre a realidade, mas podem também turvar a visão.

A identificação e conhecimento de muitas situações de opressão e marginalidade têm sido possíveis também pela formação e luta de movimentos sociais destes grupos. São movimentos que criam união e articulação política, divulgam saberes e denúncias e trazem para a cena cultural e política questões até então encobertas.

Pessoas que não convivem de perto com os pobres oprimidos e marginalizados podem vê-los de forma romântica e simplista, como se fossem apenas vítimas inocentes e passivas da opressão social. Eles são constituídos de grupos e pessoas contraditórias como quaisquer outras. São vítimas, mas também cúmplices do sistema de opressão. Outros modos de opressão e subalternidade podem ser criados dentro de famílias e grupos sociais empobrecidos e marginalizados. Pessoas injustiçadas podem exercer grandes injustiças e ter ações extremamente perversas. Se entre eles há muita luta solidária de superação, também há indolência e desunião. A miséria e humilhação não têm apenas efeitos materiais e psicológicos, mas também morais. Podem gerar comportamentos tumultuados, agressivos e ressentidos. Suas contradições têm sido usadas politicamente para justificar o não investimento em políticas sociais a eles destinadas. A visão mítica dos pobres é também base para uma intensa rejeição após a percepção das primeiras contradições. Comprometer-se com eles, é fazê-los, acolhendo também estas contradições e ajudando pedagogicamente sua progressiva superação.

Os serviços de saúde são um dos principais locais para onde se dirigem os que mais sofrem e são maltratados na sociedade. Se o profissional não tiver uma visão restrita à queixa orgânica bem específica dos pacientes e tiver sensibilidade, ele pode ajudar a identificar e problematizar realidades opressivas bem maquiadas pelas famílias ou pela cultura dominante. Uma queixa centrada em um problema físico bem específico pode ser o jeito socialmente mais aceito para se chegar aos profissionais de saúde e pedir socorro, quando o sofrimento é difuso e confuso por derivar de situações sociais complexas. Alguns machucados nas pernas e braços podem revelar situações de espancamento repetido em famílias garbosas. Algumas modalidades de doença pulmonar podem indicar condições de trabalho insalubres. Uma dor de cabeça persistente pode mostrar o ritmo desumano de trabalho de uma empresa. Isto dá uma dimensão política muito forte para o trabalho em saúde, tornando-o instigante e grave. Exige um saber e uma habilidade para lidar com situações que podem gerar perseguições ao profissional. O solo por onde se desenvolve o trabalho em saúde exige um caminhar reverente. Mas também pode ser trilhado levemente com espírito comercial e de ostentação.

Os serviços de saúde podem ser também locais que reforçam a marginalização e exclusão de pessoas e grupos sociais. *“Não vou neste serviço, porque lá me sinto mais pobre do que normalmente já me sinto”*. Muitas resistências em procurar os serviços se devem aos olhares de rejeição e às pequenas ironias, que ali acontecem provenientes dos profissionais ou dos outros usuários. Na fragilidade da crise trazida pela doença, rejeições aparentemente pequenas causam grande efeito de afundamento da autoestima. Para alguns grupos mais excluídos, é preciso criar serviços específicos próprios para se conseguir uma frequência regular, tamanha é a rejeição com que são tratados.

A assistência à saúde, que acolhe e trata a opressão e a marginalização, pode acontecer em diferentes tipos de serviço. Os serviços de atenção primária à saúde, bem inseridos na vida

comunitária e com condições de dar um acompanhamento próximo e de longo prazo, são espaços privilegiados para um trabalho potente e criativo. As enfermarias dos hospitais acolhem os subalternos por períodos limitados, em momentos de muita fragilidade e de dependência intensa a um cuidado humano e pedagógico, podendo ter grande significado na transformação de situações de opressão. As unidades de atendimento de urgência iniciam o cuidado nas crises, momentos cruciais na vida das pessoas, onde as situações de injustiça e desprezo se mostram evidentes, clamando por iniciativas firmes e carinhosas. O atendimento ambulatorial especializado é fundamental no acompanhamento de pessoas acometidas por problemas específicos e servem de referências orientadoras da assistência continuada nos serviços de atenção primária. Neles, é possível rever condutas antigas que não estavam dando resultados satisfatórios e perceber dimensões humanas ainda não consideradas. Organizações não governamentais e movimentos sociais voltados para problemas específicos de saúde (como para portadores de HIV, usuários de serviços de saúde mental, Síndrome de Down, hanseníase, dependentes de drogas psicoativas, etc.) ou para públicos específicos (como os homossexuais, prostitutas, meninos de rua, negros, etc.) são espaços de trabalho riquíssimo e locais de articulação de lutas políticas fundamentais. Por traz do funcionamento de todos estes serviços, há gestores que podem atuar numa perspectiva de sua transformação em direção a uma assistência mais humana e integral. É um trabalho mais distante do atendimento às pessoas, mas muito difícil, pois exige muita habilidade política e uma visão ampla das possibilidades e alternativas. Os gestores dos serviços de saúde podem criar condições gerais propícias a uma assistência integral e orientar amplamente o conjunto de serviços em direção a um cuidado humanizado. O atendimento integral não depende apenas de uma relação interpessoal humanizada, mas também de condições

materiais e institucionais que exigem trabalho habilidoso e persistente para serem construídas.

São, portanto, muitas as formas, espaços e possibilidades de um trabalho em saúde a serviço da superação da opressão, pobreza e marginalidade em suas múltiplas e surpreendentes faces. Elas precisam ser articuladas para serem mais potentes.

6 - O AMOR NO TRABALHO EM SAÚDE

Para muitos profissionais de saúde, o trabalho com os pobres, oprimidos e marginalizados não se orienta só pelo dever profissional, pela cobrança das instituições onde estão empregados, pelos lucros financeiros que obtêm ou por uma obrigação moral aprendida em sua formação. Orienta-se principalmente pelo vínculo afetivo e pelo compromisso fundado neste vínculo. A partir deste vínculo afetivo, aproximam das pessoas e comunidades com um olhar e uma escuta sensíveis, atentas para dimensões sutis da realidade. Orientam seu agir principalmente pela percepção das suas consequências no olhar, nos corpos e nas palavras das pessoas que cuidam.

Este vínculo se inicia com o encantamento com a criatividade da população, a gratidão e valorização como são acolhidos nas comunidades, os instigantes desafios teóricos trazidos pelas complexas situações em que são chamados a lidar e seus consequentes aprendizados, além do clima de amizade e de alegria que surge neste tipo de trabalho. Trata-se inicialmente de um vínculo reforçado pelos encontros e acontecimentos do momento. Mas este vínculo vai se aprofundando. Situações de dificuldade, ingratidão, tensão, conflito e frustração surgem, criando períodos sem estes reforços. São tempos áridos que desanimam alguns, mas fazem outros profissionais descobrirem estar vinculados para além das emoções presentes. Trata-se de um vínculo mais visceral e mais atávico que os aproxima de um compromisso não apenas com os usuários mais próximos dos

serviços, mas com a população em geral, principalmente os mais necessitados. Vai criando uma maior capacidade de indignação com outras situações de injustiça e opressão presentes na sociedade. Envolve-os, aos poucos, nas lutas políticas pela ampliação dos direitos sociais e pela superação das causas estruturais da desigualdade. Este vínculo mais profundo, que vai ficando sem medo das dificuldades, enfrentamentos e perseguições decorrentes, é mais bem expresso pelo conceito de amor.

O amor é um sentimento simples de ser entendido por ser uma realidade existencial universal, mas, ao mesmo tempo, é um conceito confuso e de significado teórico pouco preciso por assumir formas muito diferentes no cotidiano da vida humana. Há o amor de mãe, dos casais, dos religiosos, dos políticos populistas, do comércio preocupado com a venda de presentes, dos prostíbulos, dos poetas, etc. Há ainda o amor ao dinheiro, ao poder, a Deus e àquele prato favorito. A grande valorização do amor romântico, entre os casais na cultura contemporânea, tem criado uma referência muito forte para sua compreensão, que tende a tornar o conceito de amor em algo muito idealizado, com as qualidades mais belas possíveis, o que cria ilusões por esconder as suas contradições e seus condicionamentos sociais. No mundo acadêmico e profissional, onde impera uma ideologia de valorização da objetividade racional e lógica desvestida de qualquer emoção, passou a ser um conceito extremamente evitado. Mas na vida privada destes profissionais e acadêmicos, fora dos seus ambientes de trabalho e pesquisa científica, tem sido um dos temas que mais gera interesse. Na última década, no entanto, vem sendo tema de crescente debate nas ciências humanas.

Amor é um vínculo afetivo intenso e profundo entre seres que reorienta a relação entre eles, a partir do momento em que se estabelece. Diferencia-se dos outros vínculos afetivos pela intensidade. Nele, dinâmicas inconscientes tornam-se fortes, superando o controle da vontade consciente. Gera um enlevo afetivo que toma simultaneamente a consciência e o agir dos seres

envolvidos. Desencadeia um tipo especial de acolhimento, compreensão mútua e aceitação de diferenças não bem compreendidas. Cria uma relação de reciprocidade com um forte sentimento de união de interesses, propósitos, necessidades e emoções. A partir daí, estabelecem-se compromissos que se baseiam mais na emoção do que na vontade e no dever racionalmente construído. Neste vínculo, passa-se a sofrer e alegrar intensamente com o sofrimento e a alegria do outro. A partir do momento em que se estabelece na vida das pessoas, passa a ser elemento estruturante importante do sentido e da motivação que dão ao seu existir. É uma experiência, ao mesmo tempo, espontânea como também intencionalmente cultivada. A abertura e o investimento da vontade consciente criam condições para que a sua dinâmica de envolvimento emocional se aprofunde.

Amor é, portanto, regido principalmente pelo sentimento e não pela vontade. Não se ama por obrigação. Ele não pode ser ordenado. Não é um dever moral. Quando existe amor, o dever moral é supérfluo. Mas como ele não está presente na maioria das relações humanas, a moral é necessária. Para muitos filósofos (SPONVILLE, 2011), o agir regido pela moralidade é um agir como se houvesse amor, com aparência de amorosidade, para o bem do convívio humano em sociedade. A moral, sim, é regida pela vontade e pelo dever.

A valorização dos sentimentos, das emoções e das intuições significa uma abertura para dimensões e forças que estão fora do controle da vontade e da elaboração consciente e lógica. É uma abertura para elementos vindos do inconsciente, onde não existe apenas o amor: ali estão também rancores, instintos confusos, medos intensos, agressividades, ímpetos contraditórios e a agitação de nossas neuroses. Para dar espaço à amorosidade é preciso também acolher e elaborar nossas dimensões sombrias, que tendem a se manifestar juntas. Não basta querer amar. O amor vem. E vem misturado com o que não é amor. Amar é um processo exigente de elaboração. Ao fazê-lo, potências subjetivas ligadas à

sensibilidade e à intuição são desenvolvidas, levando a superação do viver restrito ao que é racional, medível e claramente explicável.

A valorização do amor no trabalho em saúde significa a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas. O vínculo afetivo cria novos canais de compreensão. Leva a mente a colocar-se no lugar do outro, para perceber o significado dos acontecimentos a partir de sua perspectiva. Alguns chegam a afirmar que só se compreende bem aquilo que se ama. Assim, o amor permite que o afeto se torne elemento estruturante dos diálogos, acordos e motivações do processo de construção de uma vida com mais saúde. O amor aciona um processo subjetivo de elaboração, não totalmente consciente, que traz importantes percepções, motivações e intuições sobre a realidade para o processo de produção da saúde. Assim, são incorporados ao trabalho aspectos mais sutis da realidade subjetiva e material da população. O amor é, portanto, uma dimensão importante na superação de práticas desumanizantes e na criação de novos sentidos e novas motivações para o trabalho em saúde.

O vínculo afetivo, nesta perspectiva, se diferencia das situações de submissão presentes nas relações de dependência emocional, não podendo ser confundida com sentimentalismo ou infantilização das relações de cuidado. Em nome do amor, muitas cobranças opressivas são feitas. Ao contrário, o amor fortalece o compromisso com a superação de situações de sofrimento e injustiça. Enquanto referência para a ação política, pedagógica e de cuidado, o amor amplia o respeito à autonomia de pessoas e de grupos sociais em situação de iniquidade, por criar laços de ternura, acolhimento e compromisso que antecedem às explicações e argumentações.

Há inicialmente uma surpresa ao perceber a potência terapêutica e de transformação social do agir regado pela emoção

amorosa. Vai se percebendo, no entanto, que a expressão desta emoção precisa ser modulada para que seja eficaz e ética. Não é qualquer emoção, pois ela também pode ser expressão de rancores, preconceitos e neuroses. É preciso aprender a lidar com as emoções no trabalho profissional. É um processo de aprendizado demorado que acontece por meio de vivências, em que erros e acertos são cometidos e refletidos. A relação continuada e franca com os pacientes, possibilitada pelo vínculo, permite que estas situações possam ser revistas. Vai se desenvolvendo o que vem sendo chamado de inteligência emocional (GOLEMAN, 1996). E a vida afetiva do profissional, inclusive sua vida privada, vai sendo enriquecida.

Em uma sociedade onde grande parte dos profissionais tem um trabalho alienado, sem vínculo com o que se produz, ter um trabalho criativo e integrado com seus principais propósitos de vida é um grande privilégio. A qualidade deste trabalho, carregado de motivação e sentido, acaba sendo reconhecido, gerando gratificações, inclusive financeiras. Portas institucionais se abrem, mesmo sem iniciativa intencional para isto.

A valorização do trabalho profissional por amor é algo bastante propalado em discursos de gestores, empresários e políticos para cobrar um maior empenho do trabalhador, muitas vezes, sem condições institucionais mínimas. Por isto, há uma desconfiança generalizada contra o uso desta palavra no ambiente institucional. Mas o que realmente dá força e legitimidade para o trabalho, por e com amor, é a vivência de experiências significativas em que ele aconteceu, transformou e encantou. Depois de experiências como esta, discursos, ideologias e mensagens adocicadas têm pouco valor. Quem passou por esta vivência, evita falar muito sobre ela, pois as palavras são pequenas para expressá-la bem. Só conversam com quem percebe entender destes caminhos sutis da subjetividade humana. Trata-se de uma experiência que leva a uma paz e a uma sensação de sentido pleno que dão uma certeza e uma assertividade para seguir o caminho

tomado. Assenta-se em rocha firme e se sente bem apoiado. As ventanias e confusões do trabalho não mais abalam significativamente. Depois desta experiência, firme na rocha, se tem força para enfrentar gestores, empresários e políticos com discursos hipócritas. O desafio passa a se manter-se assentado nesta rocha, nesta vivência do amor, pois rancores, cansaços, medos e seduções individualistas de consumo e poder podem crescer e fazer se afastar da rocha. E o trabalho em saúde é cheio destes perigos.

Mantê-lo nas trilhas do amor exige sabedoria, estudo e reflexão.

A experiência da centralidade do amor na existência humana transforma os objetivos do trabalho em saúde. A amorosidade e a ternura passam a ser não apenas uma metodologia de aprofundamento do diálogo e do cuidado, para se tornar também seu objetivo. Não se busca apenas uma sociedade justa, igualitária, participativa, sem marginalizados e com direito assegurado à assistência, mas também uma sociedade amorosa, pois só assim o ser humano se realiza plenamente. A amorosidade é, pois, instrumento e finalidade do trabalho de promoção da saúde.

As dimensões da emancipação ligadas à justiça, democracia e equidade das políticas sociais têm passos e metas mais palpáveis e delimitadas. São necessárias mudanças das leis, do sistema de representação política, da distribuição dos recursos públicos, da organização da produção econômica, do fortalecimento de organizações sociais, etc. São metas e passos muito difíceis, mas palpáveis dentro de uma lógica racional. Já a ampliação da amorosidade na sociedade é uma dimensão da emancipação menos palpável e menos controlada pela ação consciente. Depende do acolhimento e difusão de dinâmicas que, como o vento, a vontade não consegue governar; apenas cria-se espaço, elabora-se e espera. Isto é extremamente incômodo para as mentes regidas pelo cálculo e pelas estratégias racionalmente definidas.

REFERÊNCIAS

SPONVILLE-COMTE, A. *O amor*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

CIÊNCIA, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE UM DIÁLOGO NECESSÁRIO NO ENSINO E PRÁTICA MÉDICA

Dr. Édison Martinho da Silva Difante¹

RESUMO: O artigo tem como objetivo principal salientar a importância da inclusão da disciplina “Ciência, espiritualidade e saúde” tanto no ensino quanto na prática em medicina. Dividido em três partes, em um primeiro momento, busca-se enfatizar que a dimensão espiritual do ser humano não pode ser negligenciada. Tomando por referência a abordagem de alguns filósofos contemporâneos, apresentam-se breves caracterizações da noção de espiritualidade. A partir de dados concretos, na sequência, abordam-se as causas da inserção da espiritualidade no ensino da medicina. As partes finais do texto, mesmo que de forma resumida, buscam tratar de alguns embates próprios da sociedade contemporânea, a saber, entre doença e objeto, paciente e pessoa, dinheiro e cuidado. A título de conclusão, apresenta-se um pequeno relato de experiência docente e são elencados alguns desafios para uma formação espiritual, que, por sua vez, auxilie em um processo formativo humanizador.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência. Espiritualidade. Saúde. Medicina. Formação humanizadora.

**Science, Spirituality and Health: a necessary dialogue in
medical teaching and practice.**

ABSTRACT: This paper has as its principal objective stress the importance of the inclusion of the subject “Science, spirituality and health” both on the teaching and on the practice of medicine. Divided into three parts, on the first moment, it aims to emphasize that the spiritual dimension of the human being cannot be neglected. Taking as reference the approach of some contemporary

¹ Professor na Universidade de Passo Fundo (UPF) e na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Doutor em Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); E-mail: difante@upf.br; edisson.difante@uffs.edu.br.

philosophers, it presents breath characterizations of the notion of spirituality. From concrete data, in sequence, it approaches the causes of the insertion of spirituality on the medical teaching. The text's final parts, even if summarized, seek to deal with some of the problems of the contemporary society, namely among disease and object, patient and person, money and care. By way of conclusion, it presents a short teachers' experience story, and some challenges are listed for a spiritual formation, which, in turn, helps in a humanizing formative process.

Keywords: Science. Spirituality. Health. Medicine. Humanizing formation.

INTRODUÇÃO

Espiritualidade, em uma concepção fragmentada, significa cultivar um lado do ser humano, seu espírito, o qual pode ser acessado de diferentes modos, a saber, pela meditação, pela interiorização, pelo encontro consigo mesmo e com a transcendência. Nesta perspectiva a espiritualidade aparece como modo-de-ser-da-pessoa e não apenas como momento de sua vida. Angerami – Calmon (2004) ressalta que, antes de tudo, ela consiste num conjunto de valores que fazem parte da história de cada um e da forma como cada pessoa a encara. Cada momento da vida, por mais breve que seja, deve ser único e inestimável, abrindo-se diante da magnitude dos fatos e remetendo a amplos horizontes do eu, do tu e do mundo. Com isso, a espiritualidade pode ser concebida como um caminho, um modo de ser que impregna de valores o pensar, o agir-trabalhar, no qual o transcendente faz-se morada, irradiando no homem a dignidade, a igualdade, instigando uma fraternidade universal. Os fundadores dos caminhos espirituais mergulharam de forma extraordinária no Ser, tiveram e testemunharam o encontro com a Realidade última. Tais pessoas, de certo modo, somente “tiveram suas vidas transformadas a partir de uma profunda mudança interior” (BOFF, 2001, p. 29-30).

O cuidado, por sua vez, é um modo de ser fundamental do humano. Não se pode pensar e falar do cuidado como algo independente do ser. Sem cuidado o ser humano deixaria de ser humano. Assim, o cuidado de si, o compartilhamento grupal e a ética solidária podem ser pontos de partida para a retomada do valor das ações escolhidas e a serem realizadas, resgatando a humanidade e a espiritualidade nelas contida.

Eis uma questão que até pouco tempo, senão desconhecida, ficava em segundo plano, tanto nos cursos de formação para o exercício da saúde quanto nos da área pedagógica. A ciência moderna, desde sua gênese e por longos anos compreendeu o ser humano, como um ser fragmentado, composto por partes justapostas, um composto de corpo e alma (DESCARTES, 1973). Alavancados por estas concepções durante muito tempo surgiram muitos saberes ligados ao corpo e à matéria (ciências da natureza) e os vinculados ao espírito e à alma (ciências do humano), perdendo-se a unidade sagrada do ser humano vivo, que é, segundo Leonardo Boff (2012), a convivência dinâmica de matéria e de espírito entrelaçados e interconectados. Segue-se, pois, que este aspecto que precisa ser resgatado, e mais, tal aspecto não somente deve ser resgatado, mas também levado em consideração nos processos pedagógicos, especialmente na educação em saúde.

1 - ALGUMAS CARACTERIZAÇÕES DA NOÇÃO DE ESPIRITUALIDADE

Segundo a perspectiva do filósofo contemporâneo alemão Ernst Tugendhat, no livro intitulado *Não somos de arame rígido*, mais precisamente no capítulo “As raízes antropológicas da religião e da mística”, afirma: “a maior frustração do ser humano é a morte”. O que está por detrás de tal afirmação é a dimensão existencial, algo que remete inevitavelmente ao espiritual, mas que também é imanente a todo o ser humano. Desde as primeiras sociedades, quando o homem passou a viver em grupo, em

pequenos povoados, no centro de tais comunidades sempre era construído um templo ou algum lugar no qual o humano buscava reverenciar algum tipo de divindade. Em outros termos, sempre houve uma busca pela compreensão da finitude e da dinâmica da vida. Tugendhat fala que o ser humano é portador de uma vontade deliberativa, no que, segundo ele, consiste a diferenciação com relação aos demais animais da natureza². Contudo, a questão colocada é que nem sempre os desejos e vontades humanas são realizados. Então, o que resta ao humano é encontrar uma forma de acomodar tais frustrações em sua vida cotidiana. Sempre deixando claro que dentre todas as frustrações, as quais assolam o homem durante a vida, a morte é a maior delas, isto é, aquela que inevitavelmente vai chegar e lhe tirar do mundo. A partir disso, abre-se a perspectiva para o sobre-natural, para o divino, e para o místico, isto é, para a religiosidade e para a espiritualidade (Cf. TUGENDHAT, 2001)³.

Elli Benincá, professor e sacerdote, ao que parece, segue uma vertente heideggeriana ao falar da finitude humana no livro *Introdução à filosofia*. Benincá retoma o dizer de um enfermo, segundo o qual, a aceitação da “a morte racionalmente é fácil, mas

² Por outro viés, segundo Allan Kellehear “[t]odo animal entende a morte. Nisso os seres humanos não diferem e nunca difeririam deles. [...]. Somente os seres humanos sabem que vão morrer. [...]. Recentemente, humanistas como Ernest Becker e Norbert Elias defenderam o *status* único de ser humano, devido à nossa consciência ‘especial’ herdada a partir do desenvolvimento do ego, muito mais que por conta de uma natureza divina” (KELLEHEAR, 2016, p. 29-30).

³ Sempre vai haver a necessidade de o profissional, em qualquer que seja a sua área, respeitar as afirmações, valores e convicções dos outros. Independentemente de instituições religiosas - cada vez mais surgem novas religiões -, sempre houve entre as pessoas os chamados Santos Populares, que podemos associar à “expressão popular do sagrado”. Surgem, pois, Santos populares e entidades divinas, às quais, nos momentos de aflição, os devotos sempre recorrem. A título de exemplo, podemos mencionar as devoções à “Santinha” de Passo Fundo Maria Elizabeth de Oliveira, bem como à “Santinha” da cidade de Santa Maria, “Mariazinha” Penna, como expoentes regionais de outras formas da expressão do sagrado.

quando existencialmente ela bate à nossa porta é bem diferente” (BENINCÁ, 1975, p. 39). Comprovadamente, o ser humano sempre teve e tem preocupações com a sua finitude. Em outras palavras, é inerente ao próprio ser humano “a grande resistência em aceitar a [...] finitude. Ficamos cegos, mas não queremos admitir a nossa situação de fragilidade” (BENINCÁ, 1975, p. 40).

Para o filósofo alemão Martin Heidegger

[a] morte se desentranha como perda e, mais do que isso, como aquela perda experimentada pelos que ficam. Ao sofrer a perda, não se tem acesso à perda ontológica como tal ‘sofrida’ por quem morre. Em sentido genuíno, não fazemos experiência da morte dos outros. No máximo estamos apenas ‘junto’ (HEIDEGGER, 1996, p. 19).

A partir da passagem de Heidegger pode-se destacar duas coisas importantes para o presente estudo: a questão da perda para aqueles que ficam e a questão do estar junto. Conforme já foi mencionado, a questão do estar junto remete à vida em comunidade, à família, à comunhão. Somente sofre-se com a perda de algo que é valioso, logo, importante em nossa vida.

Segue-se, pois, a busca de explicações extramundanas, mas ao mesmo tempo mundanas, pois se fundam na fragilidade humana. Elas terão como fundamento as próprias inquietações humanas. “Quando o desastre se faz presente a uma família, facilmente culpamos a Deus ou ao destino. Isto demonstra que não assumimos a nossa finitude. A morte é nossa constante possibilidade” (BENINCÁ, 1975, p. 40).

Leonardo Boff no livro *Espiritualidade: um caminho de transformação* segue a perspectiva de Dalai-Lama. A espiritualidade se relaciona com aquelas qualidades do espírito humano, tais como amor, tolerância, compaixão, paciência, capacidade de perdoar, responsabilidade e noção de harmonia, entre outras. Estas características podem trazer felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os demais. Por outro lado, ainda na perspectiva de Boff, ritual e oração, junto com a questão

relacionada à salvação estariam diretamente relacionados às religiões como um todo.

Seguindo a mesma definição, o objetivo da prática espiritual estaria diretamente relacionado à prática ética: transformar e aperfeiçoar o estado do coração e da mente, isto é, tornar o ser humano melhor (Cf. BOFF, 2001). Segue-se daí, que espiritualidade e religião são coisas distintas, embora a espiritualidade consista na fonte que mantém as religiões vivas (BOFF, 2001, p. 28-29).

Na perspectiva de Dalai-Lama e, conseqüentemente, aquela adotada por Boff

espiritualidade é aquilo que produz dentro de nós uma mudança. [...] Há mudanças que não transformam nossa estrutura de base. [...] Mas há mudanças que são interiores [...] capazes de dar um novo sentido à vida ou de abrir novos campos de experiência e de profundidade rumo ao próprio coração e ao mistério de todas as coisas (BOFF, 2001, p. 17-18).

Ainda nessa linha de interpretação ou raciocínio é possível trazer a definição de Hans Jonas. No livro intitulado *Matéria, espírito e criação* o filósofo vai tratar da liberdade transcendente do espírito. Ao falar de três tipos de liberdade, Jonas enfatiza que a liberdade em sentido transcendente é aquela a partir da qual o homem pode estabelecer

metas transcendentais para seu comportamento e, de fato, assim o faz em coisas tais como a fé, a devoção a um ideal absoluto... ou mesmo em uma construção ilusória de sua compreensão falível dos valores (JONAS, 2010, p. 30).

Isso remete ao cuidado para com o bem interior da própria pessoa e em sua intersubjetividade. Assim, a liberdade do espírito remete a um modo “eminente desta ‘transcendência imanente’” (JONAS, 2010, p. 32).

Luc Ferry, filósofo contemporâneo francês, no livro *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*, vai trazer uma

distinção que não aparece – pelo menos da mesma forma - em outros autores, tais como Leonardo Boff e Harold Koenig. Para Ferry, a noção de espiritualidade laica diferencia-se da ética e da moral como aponta Boff. Independentemente da crença religiosa e das convicções morais, diz o autor: “Quem nunca sonhou com outra vida? Quem não pensou, às vezes, que a ‘verdadeira vida está em outra parte?’” (FERRY, 2012, p. 232). Ora, estas são preocupações interiores, todos os seres humanos partilham.

As questões referentes à vida do espírito são questões existenciais. Elas

dizem respeito ao amor e ao luto, às idades da vida, à educação de nossos filhos, às nossas relações com nossos parentes, ao que devemos fazer diante dos contratemplos da existência, em nossas profissões, para não ficarmos estagnados nelas, para lhes dar sentido etc. – tudo isso nos ocupa e preocupa o tempo todo (FERRY, 2012, p. 233).

Tais sentimentos não se confundem com a moral ou a ética, embora estejam relacionados. As realidades espirituais, como diria Blaise Pascal, são de outra ordem⁴, que a filosofia tradicional chamaria de vida do espírito, ou seja, espiritualidade. Segue-se, a partir de Ferry, que existem dois tipos de espiritualidade:

Um age por meio de Deus e é, certamente, o conjunto das religiões; o outro, sem deus, é o grupo das grandes filosofias. [...]. As grandes filosofias [...], pelo menos as que não estão a serviço da religião, culminam sempre numa tentativa de dar uma resposta leiga à questão da vida boa, numa busca da sabedoria que não passa nem por deus, nem pela fé, mas pelos meios disponíveis, aceitando a condição de mortal, e pela simples lucidez da razão (FERRY, 2012, p. 234)⁵.

Essa abordagem pode ser relacionada aquela proposta por Ernst Tugendhat, quando fala a respeito das “raízes antropológicas

⁴ Sobre esse mesmo assunto vale conferir a obra *Pensamentos* de Blaise Pascal.

⁵ A definição de Ferry, embora pertinente e válida, é limitada. Ao que parece, a questão da espiritualidade é muito mais abrangente que isso.

da religião e da mística”. Tanto a religiosidade quanto a mística referem-se ao espiritual. A primeira remete ao divino, ao sagrado, algo que não é acessível aos sentidos, enquanto a segunda reporta-se à própria vida. Em outras palavras, a mística, em muitos casos, não deixa de ser uma espiritualidade laica (Cf. TUGENDHAT, 2001). Pois ela consiste em uma busca de si mesmo conectado ao universo, a partir da própria vida e na própria vida.

2 - CAUSAS DA INCLUSÃO DA ESPIRITUALIDADE NO ENSINO E NA PRÁTICA DA MEDICINA

No que se refere à questão da relação entre espiritualidade e educação para o trabalho em saúde, hoje existe uma vasta bibliografia disponível, escrita por médicos, por religiosos e por demais pessoas interessadas em discutir o assunto - na medida em que pensam no ser humano em sua integralidade. Tais materiais abordam desde a inclusão da dimensão espiritual no processo terapêutico, reflexões sobre a morte - prevista ou inesperada -, trato para com os parentes de enfermos, modo de se reportar aos pacientes em fase terminal, etc. Dentre os assuntos, merece destaque a forma com que os profissionais encaram o paciente: um indivíduo que tem uma história de vida, que possui crenças e valores. Um cuidado integral não pode menosprezar ou negligenciar tais aspectos inerentes ao ser humano.

Harold Koenig, no livro *Espiritualidade no cuidado com o paciente*, traz uma consistente abordagem a respeito do por que, como e quando incluir a espiritualidade no tratamento de pacientes. Além disso, Koenig aborda resultados e limites de tal inclusão. Ao iniciar a obra o autor elenca cinco razões que os médicos deveriam considerar: 1- Muitos pacientes são religiosos, e crenças religiosas ajudam a lidar com muitas coisas. 2- Crenças religiosas influenciam em decisões médicas, especialmente quando os pacientes estão seriamente doentes. 3- Atividades e crenças religiosas estão relacionadas à melhor saúde e qualidade de vida. 4-

Muitos pacientes gostariam que os médicos comentassem suas necessidades espirituais. 5- Médicos que falam sobre as necessidades espirituais não são novidade, tendo raízes na longa história da relação religião, medicina e cuidados de saúde (KOENIG, 2005, p. 05)⁶.

Para Koenig “ser espiritual é uma parte inerente de muitas pessoas – isso forma a raiz de suas identidades como seres humanos e dá à vida sentido e propósito” (KOENIG, 2005, p. 05). Ao negligenciar-se tal dimensão, seria como ignorar o ambiente social ou o estado psicológico do paciente. Logo, isso remete a uma falha ao tratar do humano em sua completude. Essa dimensão é importante não somente quanto ao aspecto da identidade de uma pessoa, mas também usada para lidar com todo o tipo de situações difíceis da vida – especialmente doenças graves.

A obra de Koenig traz dados concretos e estatísticas que comprovam a importância da espiritualidade com relação aos tratamentos médicos. Segundo pesquisa realizada nos Estados Unidos⁷

quase 90% dos pacientes dizem que crenças religiosas e suas práticas são importantes formas pelas quais eles podem lidar e ter senso de suas doenças físicas, e mais de 40% indicam que a religião é o mais importante fator que os ajudam nessas horas. [...]. [Ainda], 80% dos americanos dizem que a frase ‘eu recebo uma boa quantidade de conforto e sustentação de minhas crenças religiosas’ é completamente ou em sua maior parte verdadeira (KOENIG, 2005, p. 05-06 – acréscimo meu).

Segue-se, que o uso da crença e práticas religiosas é importante na medida em que reduzem o estresse emocional, causado por perdas e mudanças. No caso específico de doenças, na medida em que Deus ajuda a resolver, segundo Koenig, o paciente

⁶ Harold Koenig reporta-se principalmente ao sentido de espiritualidade vinculada à religião. Contudo, não se pode afirmar que a espiritualidade é exclusividade das religiões.

⁷ Essa pesquisa foi realizada nos Estados Unidos a mais de uma década, contudo, acredita-se que tais resultados são perfeitamente cabíveis ao Brasil.

não precisa preocupar-se tanto, sente-se aliviado. “Eles podem acreditar que Deus tenha um propósito em permitir que sofram algum tipo de dor ou doença, o que dará um significado ao sofrimento e o tornará mais suportável” (KOENIG, 2005, p. 06).

Koenig enfatiza que algumas pesquisas sugerem que pessoas religiosas passam menos tempo nos hospitais. Pois encontram amparo na religião – já que toda a religião se forma a partir de um grupo - e suas práticas ou modos de vida são mais saudáveis. Às práticas religiosas estão associadas

à saúde mental, melhor saúde física e menos necessidades por serviços de saúde. Esta pesquisa também ajuda a dispersar a noção existente entre os profissionais de saúde de que a religião não é relacionada à saúde ou ainda que tenta piorá-la (KOENIG, 2005, p. 09).

De modo distinto, mas enfatizando a mesma necessidade de inclusão, o professor e pesquisador Eymard Vasconcelos, no livro *Espiritualidade no trabalho em saúde*, aborda a questão da necessidade do debate sobre o significado da espiritualidade nas práticas de saúde e educação em saúde. Segundo o autor, tal debate deve ser possibilitado “dentro das instituições públicas e privadas do setor saúde, em que a linguagem científica é o elemento comum considerado mais legítimo para o diálogo” (VASCONCELOS, 2006, p. 11). Além de trazer e possibilitar tal debate, a segunda parte do livro ainda traz uma longa discussão, feita por vários pesquisadores, a respeito do proceder ou lidar com essa dimensão do humano no dia-a-dia do trabalho em saúde.

A contribuição do livro mencionado é grandiosa no cenário brasileiro. Uma

maior compreensão do fenômeno da espiritualidade pode ser importante neste momento em que o sistema público de saúde brasileiro e muitos grupos privados de assistência à saúde buscam reorientar suas práticas de atenção de forma que melhor se ajustem à realidade cultural da população e a realidade subjetiva dos

Almeja-se uma formação que venha a contribuir para com o desenvolvimento humano de todos os envolvidos nos processos educativos e de saúde. Desse modo, ao tratar de formação em espiritualidade, abre-se a perspectiva para tal a qualquer pessoa, independentemente de suas crenças e convicções religiosas. Assim, também o aspecto referente à espiritualidade laica merece destaque.

3 - POSSÍVEIS EMBATES CONTEMPORÂNEOS⁸

Charles Taylor no primeiro capítulo do livro *A ética da autenticidade* vai falar da primazia da razão instrumental na atualidade. Tal uso da razão é inerente a todas as esferas do mundo contemporâneo – globalizado e determinado em função do lucro financeiro. Ao falar da instrumentalização da razão, Taylor aponta que nem mesmo a área da saúde, especialmente a medicina, não passa ilesa a esse processo. Logo, a razão instrumentalizada envolve também o domínio da medicina. Seguindo Patrícia Benner, Taylor fala que

a abordagem tecnológica na medicina frequentemente deixou de lado o tipo de cuidado que envolve tratar o paciente como uma pessoa completa com uma história de vida, e não como locus de um problema técnico (TAYLOR, 2011, p. 15).

Segue o autor, “a sociedade médica não raro subestima a contribuição das enfermeiras, que, com mais frequência [...] oferecem esse cuidado sensível de maneira mais humana” (TAYLOR, 2011, p. 15-16).

A abordagem de Taylor reforça um diagnóstico da sociedade contemporânea. Na atualidade, os resultados são o que mais importa. Muitas vezes, as pessoas acabam esquecendo que

⁸ Atesta-se para os possíveis embates na prática médica: doença/ objeto, paciente/ pessoa, cuidado/ dinheiro.

somos todos humanos e que partilhamos essa mesma condição. Em nome da ciência, hoje mais técnica do que propriamente ciência, a vida das pessoas parece ter mudado o sentido. No caso da medicina, boa parte das vezes, hoje o que se percebe é um vazio, perdeu-se de vista o horizonte de tal área de conhecimento que seria a promoção da saúde em todas as esferas possíveis da vida humana.

Luc Ferry, no livro *Aprender a viver*, de uma maneira metafórica, por assim dizer, afirma o seguinte:

se diz que a técnica é uma ‘racionalidade instrumental’, justamente porque nos diz como realizar do melhor modo um objetivo, *mas ela nunca o estabelece por si mesma*. Ela se move na ordem do ‘se... então’: ‘se você quer isto, então faça aquilo’, nos diz ela, mas nunca determina o que é preciso escolher como fim. Um ‘bom médico’, no sentido do bom técnico da medicina, pode tanto matar o paciente quanto curá-lo – acontece mais facilmente a primeira e não a segunda opção... Mas decidir tratar ou assassinar é algo totalmente diferente da lógica técnica enquanto tal (FERRY, 2007, p. 248-249).

Tem-se a impressão de uma objetificação de doenças e consequentemente uma coisificação do humano. Logo, a relação entre médico e paciente pode ser determinada pelo lucro e pelo ganho financeiro.

Seguindo uma corrente de pensamento semelhante Elisabeth Kübler-Ross, no livro *Sobre a morte e o morrer*, relata vários casos envolvendo pacientes, muitos deles em fase terminal. Além disso, a autora aborda a questão referente ao modo de tratamento dispensado aos parentes de enfermos, isto é, aos seus familiares. Chama atenção o seguinte relato, algo que é comum em grandes hospitais: muitas vezes, apesar das várias tentativas, dificilmente os parentes de pacientes conseguem falar com o médico. Através da enfermagem, e repetidamente acontece, eles conseguem saber que o médico pode estar em cirurgia ou, então, em outro lugar qualquer.

Como há um número cada vez maior de responsáveis pelo bem-estar de cada paciente, ninguém conhece o paciente muito bem, nem o paciente sabe o nome de seu médico. Não é raro acontecer que encaminhem os parentes de uma pessoa a outra, indo eles parar na sala de algum capelão [...] na expectativa de encontrar algum consolo e compreensão para sua própria agonia (KÜBLER-ROSS, 1996, p. 181).

Talvez, seja somente com esse último que eles consigam ter uma receptividade apropriada e condizente com o ser humano.

Aqui cabe perceber e ressaltar a dificuldade da atuação na área da saúde. Muitas vezes não é possível um tratamento humanizado a todos, mas o mínimo que se espera é o respeito. Assim como em qualquer outra profissão, na área da saúde também impera a questão referente aos resultados. Eles são decisivos para um profissional, mas principalmente para quem está enfermo. Logo, a relação entre médico e paciente é algo superficial, em certo sentido, conseqüentemente, as doenças são tratadas como objetos de aplicação de determinado saber e o paciente um mero local no qual encontra-se tal objeto. Em razão disso, perde-se a noção de cuidado para com a pessoa que ali está – na maioria das vezes fragilizada -, restando apenas a impressão de um serviço prestado, ao qual é atribuído determinado valor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, mesmo que de forma sumarizada, esta parte do texto tenta relatar, em parte, uma experiência docente⁹, bem como apresentar alguns dos principais desafios que se colocam para que haja uma formação espiritual, isto é, uma formação humanizada, mais precisamente no campo da medicina. Cabe lembrar que os desafios são variados, somente serão elencados alguns, e a experiência é particular.

⁹ A experiência mencionada diz respeito a atuação do autor como professor da disciplina “Ciência, Espiritualidade e Saúde” junto ao curso de Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul, na cidade de Passo Fundo.

Ao docente, quando inicia uma disciplina voltada à espiritualidade, na medida em que pretende desenvolver um trabalho sério e responsável, demanda bastante trabalho e uma dose de boa vontade. No começo, há que se confessar, houve certo receio, pois para alguém com formação em filosofia unicamente, egresso de uma instituição laica, foi algo novo e ao mesmo tempo desafiador. Contudo, logo de saída, percebeu-se que tais problemas foram se dissipando pouco-a-pouco. Aquilo que era somente algo desafiador tornou-se também instigante e, nessa medida, muito se aprendeu, principalmente a partir dos relatos e experiências particulares dos acadêmicos.

Nesse caso, em específico, o ponto de partida ou inicial da disciplina se deu a partir de uma conversa informal em um primeiro encontro. Como que uma espécie de mapeamento, perguntou-se aos acadêmicos sobre as suas convicções religiosas, místicas e espirituais. Da mesma forma, buscou-se saber acerca da compreensão que os mesmos tinham a respeito da noção de espiritualidade. A partir disso, foi possível perceber quais seriam os principais pontos a serem abordados no desenvolver da disciplina.

A partir do segundo encontro iniciou-se uma breve abordagem referente à ciência, isto é sobre a metodologia científica e seu rigorismo. Posterior a isso, seguiu-se uma análise a respeito da relação e diferenciação entre espiritualidade e religiosidade, para, somente após falar-se em espiritualidade religiosa e espiritualidade laica. Os passos mencionados consistem nos pressupostos necessários para que se possa, em uma segunda parte da disciplina, tratar da importância da dimensão espiritual no ensino de medicina. A partir daí, podemos analisar casos e situações muitas vezes conflituosas entre crenças e procedimentos, convicções pessoais e prescrições e discutir sobre o quanto a espiritualidade pode ser profícua, quando considerada, em um tratamento.

Cabe, por fim, ressaltar o seguinte, enquanto desafio para uma formação humanizada:

a) na contemporaneidade, marcada pela cientificidade, e esta marcada pela técnica, pelo uso instrumental da razão, que tem como objetivo unicamente um resultado, desafiador é introduzir em um curso superior uma disciplina humanizadora, coisa que, segundo muitos, entra diretamente em atrito com os demais componentes curriculares;

b) o desinteresse de alguns acadêmicos quanto aos temas abordados. Muitos, falam ao próprio professor que a disciplina é alternativa, que não tem muita importância, embora ressaltem a importância de uma formação humanizada;

c) em virtude da época em que se vive muito pouco se sabe sobre as religiões e a espiritualidade de um modo geral, para não falar em ciências humanas. Muitas vezes, ao que parece, se está nadando contra a maré, contra quase tudo aquilo que é tido como norma na sociedade e no ensino superior.

Ao término, é possível dizer embora praticamente todos ressaltem a importância de tal formação, a dimensão humanizadora da ciência acaba ficando em segundo plano. O acadêmico acaba priorizando as disciplinas práticas e teóricas específicas de seu curso como aquelas fundamentais. Esquece, muitas vezes, que sua prática futura diz respeito ao cuidado para com seres humanos. Talvez com o passar do tempo, e na medida em que a saúde coletiva passar a ser vista como algo essencial nos cursos de medicina, e que, da mesma forma, outros cursos, de outras instituições, passarem a inserir a disciplina – focada na dimensão espiritual -como obrigatória, ressaltando a sua importância, então se pode pensar em uma formação humanizada para os futuros médicos.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CALMON, Valdemar Augusto. De espiritualidade, de ateísmo e de psicoterapia. In:_. (Org.). *Espiritualidade e prática clínica*. São Paulo: Pioneira, 2004.

BENINCÁ, Elli. *Introdução à filosofia*. 5. ed. Passo Fundo: UPF, 1975.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

_____. *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2012.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

FERRY, Luc. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

_____. *Aprender a viver: a filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. (Parte II)

JONAS, Hans. *Matéria, espírito e criação: dados cosmológicos e conjecturas cosmogônicas*. Petrópolis: Vozes, 2010.

KELLEHEAR, Allan. *Uma história social do morrer*. São Paulo: UNESP, 2016.

KOENIG, Harold G. *Espiritualidade no cuidado com o paciente*. São Paulo: FE, 2005.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.

TUGENDHAT, Ernst. *Não somos de arame rígido*. Canoas: ULBRA, 2001.

VASCONCELOS, Eymard Mourão (Org.). *A espiritualidade no trabalho em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006.

ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

Dr. Pe. Heraldo Pinto Farias, sss

1- ESPIRITUALIDADE

Nos últimos tempos muito se tem falado e escrito sobre *espiritualidade*. Algo que já denota uma diversidade de posturas a respeito do assunto, envolvendo até mesmo, interferências culturais no decurso da história, mudando seu sentido e expressões na vida.

Com o passar dos tempos, a espiritualidade foi entendida apenas restrita ao campo religioso, sem qualquer conotação com as realidades humanas.

Influenciada pela filosofia grega (o dualismo platônico)¹, a própria Igreja nos transmitiu que *espírito* e *espiritualidade* são realidades opostas ao corpo e à matéria. Isso influenciou a teologia e gerou uma separação entre a vida espiritual e a vida material. Com esse pressuposto, pensava-se que, quanto maior fosse o desprezo pelo corpo, pelo material, mais espiritual seria uma pessoa ou um grupo; quanto mais fugisse da realidade, da história, mais próxima de Deus estaria².

1.1- O QUE É ESPIRITUALIDADE

Mas, o que é espiritualidade, então? A nossa mais antiga Tradição cristã não entendia dessa maneira. O *espírito* (do hebraico – *ruáh*, do grego – *pneuma* – *sopro, hálito, vento*) é o próprio Espírito de Deus que pairava sobre as águas desde o princípio dos tempos (cf. Gn 1,2), como “vento impetuoso” (cf. Sl 33,6; 1Rs

¹ Existem também influências da filosofia medieval e moderna. Para isso, cf. BARONTO, Luiz Eduardo. *Laboratório Litúrgico pela inteireza do ser na vivência ritual*, p144-148.

² Os textos paulinos referentes à vida no Espírito não fazem uma distinção entre espírito e corpo ou matéria. Mas sim, entre espírito e carne. Assim sendo, corpo e espírito são a pessoa em sua totalidade, não podendo ser uma ou outra coisa indistintamente, ou em momentos separados. Cf. Rm 8,1-17; 1Cor 15,35-44; Gl 5,13-26.

19,11, Jó 1,19, Is 27,8) que revela Deus através de sua Palavra criadora³. *Espírito* aqui é uma força dinâmica e criadora provinda do próprio Deus⁴.

Na tradição bíblica, portanto, *Espírito* é entendido como vento, sopro de vida, respiração, hálito, vento que oxigena e faz viver, que dá sentido à vida. E, como o espírito é a dimensão essencial da pessoa humana, é nesse espírito que Deus faz habitar o seu próprio Espírito (cf. At 2,17; 4,31; 5,32; 1Cor 2,11-12; 3,16; 6,19).

Assim sendo, devemos também repensar a própria concepção de ser humano, para rompermos com o dualismo platônico, presente ainda hoje entre nós. O ser humano não é formado por partes em si mesmas e separadas, mas é uma totalidade complexa e articulada como um todo orgânico. Em sua totalidade, o ser humano é formado de corpo-mente-alma⁵. As três são indissociáveis⁶, pois provêm de Ruáh (sopro divino, energia

³ Essa mesma Palavra será entendida como a ação do Deus encarnado – Jesus Cristo (cf. Jo 1,1-14).

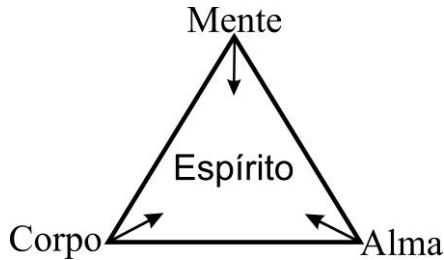
⁴ Cf. BINGEMER, Maria Clara L. e FELLER, Vitor Galdino, *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. Col. Livros básicos de teologia, Teologia Sistemática: Trindade e graça I, vol. 6. Ed. Siquem, Valencia, 2002, p. 100; MATEOS, Manuel Díaz, *A vida nova: fé, esperança e caridade*. Col. Teologia e libertação, série III: A libertação na história, vol. 4. Vozes, Petrópolis, 1993, p. 54-55.

⁵ O Catecismo da Igreja Católica (= CIC) nos dá a diferença existente entre a alma e o espírito: a alma está relacionada ao que é racional no ser humano, à sua inteligência e vontade. “Muitas vezes o termo alma designa na Sagrada Escritura a vida humana ou a pessoa humana inteira. Mas designa também o que há de mais íntimo no homem e o que há nele de maior valor, aquilo que mais particularmente o faz ser imagem de Deus: ‘alma’ significa o princípio espiritual no homem”: CIC 363. Cf. CIC, 33, 362, 364, 1934. O espírito é aquele que procede de Deus e está ligado aos sentimentos. “Essa necessidade de associar os sentidos à oração interior responde a uma exigência de nossa natureza humana. Somos corpo e espírito, e sentimos a necessidade de traduzir exteriormente nossos sentimentos. É preciso rezar com todo o nosso ser para dar à nossa súplica todo o poder possível”: CIC, 2702, cf. 327.

⁶ “O homem é ‘corpore et anima unus’ (uno de corpo e alma). A doutrina da fé afirma que a alma espiritual e imortal é criada diretamente por Deus”: CIC, 382. “Por vezes ocorre que a alma aparece distinta do espírito. Assim, São Paulo

criadora), o espírito (pneuma) que perpassa as outras três dimensões humanas, dando-as unidade e sentido⁷.

Graficamente podemos representar essa compreensão da seguinte maneira:



Compreendendo *espírito* como sopro de vida, aquilo que dá sentido à vida da pessoa e, por decorrência, compreendendo o ser humano como uma totalidade complexa e inter-relacionada entende-se que *espiritualidade* seja algo muito concreto, histórico, que revela a pessoa em seu todo. Espiritualidade é aquilo que dá sentido à vida de alguém, que determina seu modo de pensar e de agir no mundo, “... suas motivações maiores e últimas, seu ideal, sua utopia, a mística pela qual vive e luta e com a qual contagia”⁸. É, portanto, mais do que uma “maneira de ser”. É uma “maneira de viver”.

1.2 - ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Ao entender espiritualidade como a maneira de viver, toda pessoa ou grupo possui uma *espiritualidade* que irá identificá-lo e,

ora para que nosso ‘ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo’, seja guardado irrepreensível na Vinda do Senhor (1Ts 5,23). A Igreja ensina que esta distinção não introduz uma dualidade na alma. ‘Espírito’ significa que o homem está ordenado desde a sua criação para seu fim sobrenatural, e que sua alma é capaz de ser elevada gratuitamente à comunhão com Deus’: CIC, 367, cf. 365.

⁷ Cf. CIC, 382; BARONTO, Luiz Eduardo. *Laboratório Litúrgico pela inteireza do ser na vivência ritual*, p. 151-154.

⁸ CASALDÁLIGA, Dom Pedro, *Nossa espiritualidade*, 2ª ed., Paulus, São Paulo, 1998, p. 8.

ao mesmo tempo, distingui-lo, implicando na diversidade de espiritualidades existentes. Os cristãos também possuem uma espiritualidade própria – a espiritualidade cristã. Ela contém elementos estruturais que nos dão um arcabouço tradicional, comum a todo cristão: a humanidade de Jesus Cristo; o Reino de Deus; o Espírito Santo; o Evangelho (a Palavra de Deus); a Igreja (vida comunitária - a história) e a oração (liturgia), entre outros.

Deus, fazendo-se humano em seu Filho Jesus Cristo pela encarnação, através do seu modo de viver, deixou-nos, como discípulos e discípulas seus, um ideal, uma mística a ser vivida. A primeira e maior característica ou exigência da espiritualidade cristã é, portanto, o *seguimento à pessoa de Jesus Cristo*.

Isso implica em dizer que o nosso viver é Cristo (cf. Fl 1,21); que caminhamos em seu seguimento à conformidade de nossas vidas com a dele. Seguir a Jesus é estar, como ele, em comunhão com Deus e na fidelidade ao seu projeto de aliança com a humanidade (cf. Jo 4,34), tornando-nos seus irmãos e irmãs (cf. Mt 12,46-50). Seguir a Jesus implica em assumir sua prática, seu programa de vida (cf. Lc 4,18-21), para assim, manifestar o Reino de Deus, sabendo discernir os sinais e o próprio ritmo do Reino (cf. Mc 4,30-32). Como nos orienta a Igreja: *“as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano, que não lhes ressoe no coração”* (GS 1).

Quem nos orienta a tal fidelidade é o Espírito Santo. O cristão é aquele que se deixa guiar pelo Espírito Santo que vai orientando sua vida cotidiana: familiar, profissional, social, política e eclesial, no hoje de sua história (cf. 1Cor 12,1-10; Gl 5,25). Somente o Espírito pode configurar a pessoa a Jesus (cf. Jo 14,15-26; 15,26-27).

A espiritualidade cristã, além de ser expressa no seguimento a Jesus, na fidelidade a Deus, sob a orientação do

Espírito Santo, é também eclesial, ou seja, é *comunitária*. É na comunidade cristã dos discípulos e discípulas de Jesus que temos a nossa identidade. É no cotidiano dos confrontos, conflitos e desafios comunitários que vamos experimentando e fazendo acontecer o ideal da vida em Cristo que nos torna um, unidos ao seu Corpo pelo mesmo Espírito (cf. 1Cor 10,14-17; 12,13). Na comunidade cristã vamos aprendendo a arte de viver o batismo, apropriando-nos do projeto de Deus.

E, para não perder a memória do Senhor, mantendo-nos fiéis ao Pai e no seguimento a Jesus, nossa espiritualidade cristã é litúrgica, ou seja, *celebrante*. Celebramos o próprio mistério do Senhor que, por sua morte e ressurreição, tornou *mistérica* a nossa vida, até podermos dizer como Paulo: “*Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim*” (Gl 2,19b-20). A liturgia nos ajuda a crescer na intimidade com Deus, chamando-o de paizinho (cf. Mc 14,36; Rm 8,15).

A liturgia é a primeira e principal norma do agir cristão. O mistério celebrado dá ao cristão tanto o conteúdo da sua fé⁹, quanto a forma do seu viver.

Em resumo, podemos dizer que espiritualidade cristã é a vida em Cristo¹⁰, movida e guiada pelo Espírito Santo. É a vida no próprio Espírito de Jesus Cristo. É a vida de seguimento a Jesus, não mais segundo a carne, mas segundo o Espírito Santo, aquele que inspira e configura toda a vida do cristão (cf. Lc 10,38-42).

⁹ Daí o adágio deixado por Próspero de Aquitânia (V séc.): “*Legem credendi lex statuat supplicandi*”, ou em sua forma resumida: “*Lex orandi, lex credendi*”. Isto é: a lei da oração é a lei da fé, pois a lei da fé é definida ou determinada pela lei da oração. De fato, a Igreja crê a partir e conforme o que ela mesma reza.

¹⁰ Para Nicolau Cabasilas a vida em Cristo consiste na vivência dos sacramentos, vida que tem nos sacramentos da iniciação cristã a sua fonte. Cf. CABASILAS, Nicola, *La vita in Cristo*, Città Nuova, Roma 2005.

Espiritualidade essa, vivida na comunidade cristã, tendo como fonte e cume a liturgia.

2 - A LITURGIA COMO FONTE E CUME DA VIDA ESPIRITUAL

Um dos problemas com os quais nos deparamos na relação do cristão com a liturgia é o de tratá-la como rituais externos, desprovidos de qualquer “espírito”, enquanto normatividade a ser executada; ou como puro dever religioso a ser observado.

A compreensão da espiritualidade litúrgica pode nos ajudar a romper com tais preconceitos e assumir o nosso celebrar como valor para o agir cristão, fonte e cume da vida espiritual. Porque a liturgia é o espaço privilegiado para alimentar a fé cristã, imprimindo em nosso cotidiano um estilo de vida conforme o que celebramos e professamos.

2.1 - ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

Entendendo espiritualidade enquanto atitude de vida, ou modo de viver de uma pessoa e que, para o cristão, esse modo de viver tem como referencial Jesus Cristo, podemos definir a espiritualidade litúrgica¹¹ enquanto atitude fundamental do cristão que, movido pelo Espírito Santo, insere-se na obra salvífica de Cristo¹², participando do seu Mistério Pascal através dos diversos atos litúrgicos, principalmente dos sacramentos de iniciação cristã, tornando-os fonte e cume de sua vida, em vista do crescimento e amadurecimento da fé e da manifestação do Reino de Deus na história, até a sua realização definitiva, pois a liturgia “... é a

¹¹ Cf. NEUNHEUSER, B., *Espiritualidade litúrgica*. In: SARTORE, Domenico & TRIACCA, Achille M., *Dicionário de Liturgia*, p. 371; BUYST, Ione, *Espiritualidade litúrgica latino-americana ("da libertação")*, inédito; CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil. Elementos de Pastoral Litúrgica*, 43, n.160.

¹² Mais do que inserir-se, o cristão é inserido pelo próprio Cristo na história da salvação.

primeira e necessária fonte, da qual os fiéis haurem o espírito verdadeiramente cristão”¹³.

É, portanto, a liturgia que leva o cristão a uma maior autenticidade de vida, porque brota da participação salvadora no Mistério Pascal de Cristo (cf. Rm 6,1-11; Fl 2,5-11; 3,8-14; Cl 2,6-3,17), para atualizá-lo no seu cotidiano (cf. Gl 2,19-21).

2.2 - A CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO DO SENHOR COMO FUNDAMENTO DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Quando nos reunimos em assembleia, sobretudo por ocasião da Eucaristia, estamos realizando o mandato de Jesus: “... Façam isto em memória de mim” (Lc 22,19b). Desde os primeiros tempos do cristianismo, o domingo¹⁴ é o dia por excelência para fazer essa memória do Senhor celebrando sua morte e ressurreição. Por isso esse dia se tornou o primeiro e o mais importante da semana.

Fazer memória vai para além do lembrar. Possui um duplo movimento: **ascendente** – recordamos os feitos de Deus na história, alegrando-nos por ter feito maravilhas em nosso favor; e **descendente** – pedimos que Deus, não se esquecendo desses feitos, continue agindo na história. Por isso, o memorial é sempre realização, atualização das ações de Deus, que para nós cristãos, encontram em Jesus sua plena manifestação por sua entrega na cruz, selando a nova e eterna aliança.

Jesus, antes mesmo de morrer, quis ensinar aos seus discípulos o sentido último do seu mistério. Anunciou-lhes a sua morte (cf. Mc 9,31b) como consequência da sua fidelidade ao projeto do Pai. Morte que será provocada e planejada pelos chefes religiosos e políticos, aqueles que armaram ciladas contra o justo (cf. Sb 2,12a.17-20). Quiseram, movidos pela ambição, destruir o

¹³ Constituição *Sacrosanctum Conclium* (=SC), 14. “...A Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força”: SC 10.

¹⁴ Cf. Mt 28,1; Mc 16,2; Lc 24,1; Jo 20,1.19; At 20,7; 1Cor 16,2; Ap 1,10.

projeto de Jesus através da eliminação de sua vida. Mas ele não se intimidou. Deu continuidade à missão recebida do Pai. Por causa da sua fidelidade o Pai o ressuscitou, aprovando suas ações e revelando-se totalmente como o Deus da vida e não da morte.

Os discípulos, num primeiro momento, não compreenderam a missão do mestre. Queriam e disputavam poderes e prestígios. Continuando o ensinamento até mesmo em casa, Jesus revelou aos discípulos que quem quisesse ser o primeiro e o maior deveria tornar-se o menor e o servidor de todos (cf. Mc 9,33-35). Como aconteceu ao mestre, os discípulos, sendo fiéis ao projeto de Deus, também receberiam perseguições, e até mesmo a morte (cf. Jo 15,20).

Fazer a memória do Senhor é participar do seu mistério de morte e ressurreição (cf. SC 2; 5). Em outras palavras, fazer a memória do Cristo é participar, é entrar em comunhão com o seu corpo (tornar um só corpo com ele e com os irmãos); é participar do seu destino: morte (morrer para o pecado e toda forma de não vida e, na manifestação do Reino, se necessário, assumir a cruz como consequência); é participar da ressurreição na vida que brota da sua entrega, vivendo na dignidade de filhos de Deus. É passar da noite para o dia, das trevas para a luz.

Ao celebrar o mistério do Cristo, ele mesmo, por seu Espírito, vai moldando o cristão à sua estatura, para que assuma a sua vida pela participação em seu mistério (cf. At 20,7-12). Assim, é através da liturgia (dos sacramentos, em particular, da Eucaristia e da oração do Ofício Divino¹⁵), que o cristão vai tornando sua vida mais cristã, aderindo e assemelhando-se a Cristo.

2.3 - O ANO LITÚRGICO COMO CAMINHO ESPIRITUAL

Celebramos o mistério de Jesus no espaço e no tempo. Dessa maneira, o espaço onde realizamos nossas celebrações do mistério, pela importância que possui, é sempre espaço da

¹⁵ A reforma conciliar dá o nome de Liturgia das Horas.

manifestação de Deus. Espaço que, através da beleza, não de mera suntuosidade (cf. SC 124), fale das coisas do alto, expressando o mistério pascal do Cristo (cf. SC 122).

Na liturgia nosso tempo cronológico é transformado em tempo de Deus – *kairológico*. Tempo da ação de Deus, que sempre agiu em favor do seu povo. Em nosso tempo, porém, marcamos os dias e festas para melhor celebrar o mistério do Senhor e ele, com a força do seu Espírito, age nesse tempo, não se limitando a ele.

Durante o ano litúrgico fazemos uma caminhada espiritual e vamos, progressivamente, penetrando os mistérios de Jesus Cristo, celebrando e fazendo memória da obra salvífica de Deus em seu Filho. Para facilitar tal caminhada o nosso ano litúrgico é dividido em três ritmos: diário, semanal e anual.

O ritmo diário nos é dado pela celebração do Ofício Divino. Através da oração com os salmos, celebração que tem a dignidade da presença do Cristo (cf. SC 7) e também é destinada aos fiéis leigos (cf. SC 100), a Igreja louva o Senhor e intercede pela salvação do mundo.

“Por antiga tradição cristã o Ofício Divino está constituído de tal modo que todo o curso do dia e da noite seja consagrado pelo louvor de Deus” (SC 84). Sua finalidade é a de santificar o dia e toda a atividade humana (cf. IGLH 11), pois o Cristo nos exortou para orarmos sempre (cf. Lc 18,1).

O Ofício Divino possui uma estrutura pascal tanto internamente em cada hora como no decurso do dia. O que encontramos, por exemplo, nas duas horas principais (cf. SC 89a): os salmos da manhã nos convidam a unirmo-nos a toda a criação que se alegra com o novo dia, pois a noite passou. As trevas foram vencidas pela luz; a morte foi vencida pela ressurreição. Fazendo a memória da ressurreição do Cristo, recordamos a criação divina e com ela, fazemos oferta a Deus do novo dia e de nós mesmos. Com a oração do fim do dia recordamos a morte de Cristo como caminho para a vida plena em Deus, pois finda o dia, mas não finda nossa confiança em Cristo, nossa luz, que venceu as trevas. Por

isso, evocamos o dia sem ocaso e sem noite, por causa da ressurreição de Jesus.

O ritmo semanal tem como eixo o dia do Senhor, o domingo, fundamento e núcleo do ano litúrgico (cf. SC 106). Até o fim do primeiro século, provavelmente, não havia uma celebração anual do Mistério Pascal. Por isso, a ressurreição de Cristo, celebrada semanalmente desde as primeiras comunidades cristãs ganhou importância em relação à celebração anual da Páscoa judaica (cf. Mt 28,1; At 20,7-12; 1Cor 16,2; Ap 1,10). Nesse dia proclamava-se a páscoa de Jesus, que era o centro das pregações apostólicas nas celebrações do Batismo (cf. Rm 6,1-11) e da Eucaristia (cf. 1Cor 11,17-33). Assim, hoje nos reunimos para ouvir a Palavra de Deus e participar do banquete, da ceia do mistério do Senhor (cf. SC 106).

O domingo tornou-se o dia de festa da memória perigosa do Senhor. Memória que ilumina a vida, o cotidiano. Dia de descanso, quando proclamamos que o tempo pertence a Deus (cf. SC 106). Daí, o tempo de parada para celebrar torna-se tempo kairológico. Proclamamos que ninguém tem o direito de nos dominar ou escravizar, pois a vida pertence a Deus: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.” (Mt 22,21). Interromper o ritmo cotidiano é dizer que a vida tem sentido, e este sentido é expresso e compartilhado em comunidade: dimensão religiosa e social do descanso.

É o domingo que dá a tônica, a espiritualidade pascal da semana. Eis o motivo pelo qual “as outras celebrações não se lhe anteponham, a não ser que realmente seja de máxima importância, pois que o domingo é o fundamento e o núcleo do ano litúrgico” (SC 106).

Já o **ritmo anual** possui dois ciclos: do natal, com os tempos do advento e do natal; e o ciclo da páscoa, com os tempos da quaresma e da páscoa; além do tempo comum, dividido em 33 ou 34 semanas. As semanas são marcadas pela leitura semi-contínua dos textos bíblicos nos anos pares e ímpares. Aos

domingos fazemos o caminho espiritual proposto por cada evangelista: ano “A” – Mateus, ano “B” – Marcos, ano “C” – Lucas.

Assim, no decurso do ano é revelado todo o mistério de Cristo, desde a encarnação e natividade, até a ascensão, pentecostes e a feliz espera da volta do Senhor (cf. SC 102). Caminho espiritual para nos assemelharmos cada vez mais ao Cristo, nossa páscoa, tornando nossa vida, nosso cotidiano, nosso agir mais pascal.

2.4 - PARTICIPAÇÃO PLENA, CONSCIENTE, ATIVA E FRUTUOSA NA LITURGIA

É muito comum ouvirmos em nossas comunidades, frases como: “o padre ‘tal’ vai celebrar”; ou: “vou assistir à missa”, sem percebermos o alcance de tais afirmações. Ora, na realidade, não é bem isso que acontece quando falamos de celebração. E, principalmente, quando falamos da Celebração Eucarística.

A vivência da espiritualidade litúrgica não é algo pronto, acabado. Ela é feita em um caminho que exige disposição pessoal para participar do mistério celebrado. Lidamos aqui com o princípio da *participação*, exigência da própria natureza da liturgia.

Etimologicamente **participar**, do latim - *participatio*, significa *tomar parte de*, como sinônimo de *adesão*, *intervenção*. Significa, portanto, *ter relação com*, *estar em comunhão*.

A Igreja afirma que ela deseja “que todos os fiéis sejam levados àquela plena, consciente e ativa participação das celebrações litúrgicas, que a própria natureza da liturgia exige e à qual, **por força do batismo**, o povo cristão, ‘geração escolhida, sacerdócio régio, gente santa, povo de conquista’..., tem direito e obrigação” (SC 14; cf. 48).

Isso implica dizer que, todo fiel participa da liturgia. Mais ainda, que todo fiel celebra a liturgia. E isso lhe é conferido pelo Sacramento do Batismo, donde emana sua condição sacerdotal.

É na liturgia que os membros da Igreja, por estarem reunidos em assembleia, fazem parte do corpo místico de Cristo, do qual ele é a cabeça (cf. SC 7). Aí participam, se envolvem, entram em comunhão com a maior forma de participação de Deus na história, quando entregou seu Filho único para a nossa salvação.

Mas isso não significa que a participação se dá de maneira automática ou puramente normativa. Existem níveis dessa participação, como afirmou o Concílio Vaticano II: uma participação plena, consciente e ativa de todos na ação ritual.

A participação plena é progressiva. Na celebração e a cada celebração, todos vamos penetrando o Mistério na busca da identificação com o Cristo - sua missão, sua morte e ressurreição. Vamos crescendo na comunhão com o Pai, buscando adquirir “os mesmos sentimentos de Cristo Jesus” (Fl 2,5), por causa da ação do Espírito.

A participação consciente equivale ao sentido teológico-litúrgico que os fiéis vão tendo da celebração. Também é progressiva e necessita de uma catequese. Quanto mais se compreende o que é ritualizado, mais se penetra no Mistério, porque sabe e aceita o que Deus vai realizando em cada um e na comunidade celebrante. O que não se reduz ao puro racional, mas depende da fé no Mistério celebrado¹⁶.

A Participação ativa envolve o corpo, a sensibilidade, as atitudes externas que compreendem o andar, cantar, sentar, levantar, dar as mãos, abraçar, conduzir objetos, comer, beber. Não como mero movimentar-se, pois a participação ativa implica no envolvimento consciente a partir da própria dinâmica ritual, o que é diferente de um movimentar-se alegórico ou meramente espontâneo.

¹⁶ Cf. SC 9.

É o ser humano em sua totalidade que participa da ação ritual. Ser humano que toca e é tocado pelo mistério¹⁷ através de sinais, símbolos, gestos e palavras.

Esses três níveis de participação na liturgia estão intimamente relacionados. Necessitamos da compreensão teológico-litúrgica para que entremos no jogo do rito conscientemente e possamos participar no e do Mistério de Jesus que celebramos.

Disso decorre a **participação frutuosa**¹⁸ na liturgia daqueles que a tornam a fonte e o cume de suas vidas. São eles estimulados a viver a caridade do próprio Cristo¹⁹, transformando suas vidas e o seu cotidiano. Aqui estamos no campo da própria espiritualidade litúrgica: quem celebra o mistério do Cristo não retorna ao cotidiano da mesma forma. Sua vida torna-se a expressão daquilo que celebrou, ritualizou, acolheu na fé.

Mas, alguns cuidados são necessários para que o rito aconteça e facilite a participação:

2.4.1 - A preparação

A liturgia é uma ação de sinergia entre Deus e a comunidade. Esta, por sua vez, deve preparar e preparar-se para que o mistério seja celebrado, pois passa pelos sinais sensíveis, para levar a efeito a obra da salvação²⁰. Disso decorre a

¹⁷ Cf. BUYST, Ione. Alguém me tocou! Sacramentalidade da liturgia na Sacrosanctum Concilium (SC), Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia. Em: *Revista de Liturgia*, Mar./Abr. 2003, 4-9.

¹⁸ Cf. SC 11.

¹⁹ Cf. SC 10.

²⁰ “Para levar a efeito obra tão importante, Cristo está sempre presente em Sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas... Com razão, pois, a liturgia é tida como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros”: SC 7.

necessidade da organização de uma Pastoral Litúrgica que leve em conta a preparação das celebrações.

Além e no mesmo campo da Pastoral Litúrgica, o espaço litúrgico também contribui para uma boa ritualização do mistério, pois a ele deve relacionar-se, dele deve ser sinal, cuidando também que os objetos pertencentes ao culto divino sejam “... dignos, decentes e belos, sinais e símbolos das coisas do alto”²¹.

2.4.2 - A ministerialidade

A diversidade de ministérios expressa a riqueza do Corpo místico de Cristo – sua Igreja. É importante o investimento e a expressão de tal diversidade. Cada um desempenhando aquilo que lhe compete²². Eis a riqueza do Corpo de Cristo, que não se coaduna com a concentração de ministérios na ação ritual do seu Mistério.

2.4.3 - A formação litúrgica

A formação litúrgica solicitada pelo Concílio para todos os membros da Igreja²³ deverá levar em conta, em primeiro lugar, a relação com o corpo, para que ele, em sua totalidade, expresse o que se celebra.

No Brasil várias técnicas e métodos têm contribuído para uma formação litúrgica que contemple a pessoa em sua inteireza e unidade, entre eles encontram-se: o “laboratório litúrgico”²⁴, que busca recuperar a unidade perdida entre o sentido teológico-litúrgico do rito e a sua ritualização, e o método da “leitura orante da Bíblia”, que tem sido um bom instrumento formativo e de

²¹ SC 122.

²² Cf. SC 28.

²³ Cf. SC 14-19.

²⁴ Cf. BARONTO, Luiz E. P., *Laboratório Litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual*.

cultivo de uma espiritualidade cristã que dê importância à escuta da Palavra de Deus²⁵.

CONCLUSÃO

O cristão tem uma espiritualidade que o caracteriza e o distingue de outros, com outras espiritualidades. A espiritualidade cristã passa, necessariamente, pela liturgia. O cristão celebra o que crê e o conteúdo-forma do que ele crê é determinado pela liturgia, ou seja, por aquilo que ele celebra.

Pela liturgia o cristão é inserido num caminho espiritual de entrada e assimilação do mistério do Cristo, participando assim, da história da salvação. O ano litúrgico é o itinerário pedagógico para uma maior e melhor penetração no mistério celebrado, possibilitando ao cristão de ir, cada vez mais, assemelhando-se ao Cristo, sua salvação e esperança da páscoa definitiva.

Tudo isso exige do cristão disciplina e formação litúrgica, para que o seu celebrar seja sempre mais pleno, consciente, ativo e frutuoso, tornando a sua vida uma expressão daquilo que ele celebra, e fazendo da liturgia a fonte e o cume de toda a sua vida: do seu pensar e do seu agir.

Disso nasce a importância dos ritos (textos, gestos, símbolos) na liturgia, pois o que aí fazemos se torna “norma”, se torna forma teológica do agir cristão em seu cotidiano.

²⁵ Cf. A BÍBLIA NA FORMAÇÃO. 2ª ed. Col. Tua Palavra é vida. CRB/Loyola, São Paulo, 2000, p. 14ss.

ECOESPIRITUALIDADE A PARTIR DAS NARRATIVAS DA CRIAÇÃO RESCOBRINDO A PERTENÇA À CASA COMUM¹

Capaz de transformar desertos em terra fértil,
o homem parece orgulhar-se de ser um criador de desertos².

Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon³
Esp. Junior Bufon Centenaro⁴

Resumo: O atual sistema econômico mata. Mata a vida, os sonhos, as esperanças, os pobres, a Casa Comum. No entanto, diversos mitos da criação ensinam que fomos criados para viver de maneira diferente, com outro estilo de vida, com outra espiritualidade. Revisitar e saborear a sabedoria destes mitos nos ajuda a redescobrir o sentido de pertença a mesma Casa Comum e a encontrarmos pistas espirituais desafiadores a fim de colaborar na assunção de uma ecologia integral.

Palavras-chave: Deus, ecoespiritualidade, Francisco, casa comum, criação.

INTRODUÇÃO

O impasse ambiental enfrentado em escala planetária interpela a humanidade a repensar suas bases culturais, científicas e religiosas. A era do Antropoceno apresenta a amplitude do risco

¹O presente ensaio constitui-se como uma reconstrução de uma das partes do trabalho de conclusão da Pós Graduação em Espiritualidade, de Junior Bufon Centenaro, realizada na Itepa Faculdades de Passo Fundo.

²H. CAMARA, *Quem não precisa de conversão?*, p. 50.

³Doutor em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma; Mestre em Teologia Sistemática com Especialização em Espiritualidade pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Graduado em Teologia pela Itepa Faculdades, Passo Fundo, Graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: itepafaculdades@hotmail.com.br

⁴Mestrando em Educação (Bolsista Capes) pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo. Pós Graduado em Espiritualidade pela Itepa Faculdades. Graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: junior.centenaro@bol.com.br

que a vida da Casa Comum está passando, pois nunca antes na longínqua história da vida na Terra uma espécie pode colocar em perigo a existência de todas as outras formas de vida. O modelo humano atual de habitação do planeta mostra-se insustentável, pois opera numa lógica linear e ilimitada de extração dos recursos naturais, num planeta que não funciona de forma linear, e é finito. Pertencer a um grupo, a um ambiente, estar situado e localizado, implica uma configuração com esse espaço, uma identificação responsável, quando se reconhece que ele é imprescindível para o equilíbrio das relações. As atitudes humanas revelaram explicitamente a partir da modernidade uma quebra de sentido de pertença à natureza. A áurea da apropriação da natureza por parte do ser humano o tornou muito alheio e distante de sua casa, o planeta, desenraizando-o dos ecossistemas.

A ecoespiritualidade apresenta-se como campo problematizador da crise ambiental e ao mesmo tempo, como resposta e busca de ressignificações no campo religioso e espiritual no que tange a relação ser humanidade/natureza. Para Boff⁵, ela representa uma mudança de paradigma, e nas suas palavras, essa transição significa que “por séculos pensamos sobre a Terra. Nós éramos o sujeito do pensamento e a Terra o seu objeto e conteúdo. Depois de tudo o que aprendemos da nova cosmologia, importa pensarmos *como* Terra, sentirmos *como* Terra, amarmos *como* Terra”. Constitui dizer que ecoespiritualidade é sentir, amar e pensar como Terra. Aguirre e Franky, citam a definição de Victorino Pérez Prieto, ressaltando que a “espiritualidade ecológica supõe uma conexão empática com a realidade, cujo traço fundamental é a unidade indivisível entre Deus, o mundo, o humano”⁶. Essa concepção leva a entender Deus como “relação” em substituição da ideia de Deus dominador, que significa uma busca de comunhão harmônica com o todo. De modo geral, a

⁵Cf. Leonardo BOFF. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*, p.306.

⁶Cf. Alírio AGUIRRE; Carlos FRANKY. *Espiritualidades, religiões e ecologia*. In: Afonso MURAD (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. p. 109.

espiritualidade ecológica nos desafia a aprender a viver e conviver dentro da casa comum. “A mudança climática não nos pergunta se somos cristãos, muçulmanos ou hinduístas, não escolhe gênero, nem raça, idade ou ideologia”, mas exige construir uma “unidade a partir da diversidade da vida”⁷.

O objetivo deste ensaio é identificar alguns elementos concernentes a ecoespiritualidade e elucidar sua contribuição para a redescoberta do sentido de pertença a Casa Comum⁸. Para uma melhor organização didática, amparados em pesquisa bibliográfica de caráter investigativo hermenêutico, organizamos o texto em duas partes. Inicialmente apresentaremos contribuições da sabedoria das tradições religiosas diante do impasse ambiental e a noção de compreender a Terra como grande Mãe. Em seguida lançamos pistas desafiadoras no campo da espiritualidade ecológica para construir uma habitação consciente e sustentável da Casa Comum.

1 - SABEDORIA DAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS ANTE O IMPASSE AMBIENTAL

Nas mais variadas tradições religiosas do mundo existem narrativas muito antigas que buscam explicar a origem das coisas, da vida, do Universo. Para Boff⁹, “A narrativa faz parte do ideário dos grupos culturais, dos maiores aos menos expressivos, mas revela “como os seres humanos se representam a origem do universo, seu lugar no cosmos, o sentido da caminhada humana, como o presente é o futuro do passado, qual o destino da humanidade e como tudo se religa com a divindade”. Uma narrativa busca definir segurança e ordem, criar sentido para a vida, explicar o passado, o caos e desenhar o futuro. Geralmente as

⁷Ibidem. p. 111.

⁸O termo ganhou força com a publicação da Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da Casa Comum, publicado em 2015, de autoria do Papa Francisco.

⁹Cf. Leonardo BOFF. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*, p. 63.

narrativas se expressam em linguagem mítica e simbólica e comumente são perpassadas de geração em geração de forma oral.

A espiritualidade ecológica busca nesse universo simbólico das mitologias da criação recuperar elementos fundamentais da sabedoria antiga que indicam uma relação respeitosa e equilibrada com o ambiente. Em primeiro lugar é importante estabelecer uma abertura a essas formas de sabedoria milenar que não poucas vezes estão à margem da lógica ocidental dominante do pensamento, quando não vitimadas pelo preconceito oriundos do cientificismo e outros aditivos arrogantes. Em segundo lugar é necessário redescobrir as implicâncias da ecoespiritualidade para o cristianismo, e nisto, a compreensão integral da narrativa da criação presente no Gênesis.

1.1 - TRADIÇÕES AUTÓCTONES DO CONTINENTE AMERICANO

Para as tradições autóctones do continente Americano, *sentir, amar e pensar* como terra é um legado e uma experiência intimamente ligada aos valores culturais, religiosos e sociais. Da mesma forma que é possível ter uma visão atualizada via hermenêutica da narrativa da criação presente no livro do Gênesis, pode-se encontrar no conjunto de saberes religiosos das tradições ancestrais elementos sobre o cuidado da Casa Comum e da relação de irmandade com as criaturas, que compartilham o mesmo ninho de vida, a casa Terra. Segundo Marcelo Barros¹⁰, “para a maioria dos povos indígenas, a Mãe Terra é tratada como o espaço e casa dos espíritos. E essa compreensão de que a Terra é moradia do Espírito, é comum a quase todos os povos indígenas”. Isto leva a uma forma de celebrar a relação com a Terra e com o sagrado em todos os momentos da vida. A Terra não está fora do ser humano e de sua existência, mas ela é comunicação de vida, a própria vida

¹⁰ Marcelo BARROS. *A profecia da Terra, a Espiritualidade e Desafios para a Fé*. p. 22.

que nutre, alimenta, sustenta e acolhe o ser humano novamente no final de sua vida. Uma das figuras mais simbólicas é a *Pacha mama*, que para Aguirre e Franky¹¹ é “a grande mãe, que comunica seu amor, alimentando-nos e acolhendo-nos, desde que nascemos até quando voltamos a ela”.

Em torno da figura da *Pacha mama*, configura-se o paradigma do Bem Viver das culturas indígenas. A colonização europeia subjugou e demonizou grande parte do saber e da estrutura religiosa dos povos autóctones, e hoje a Igreja Católica reconhece que é preciso revisitar a sabedoria e a espiritualidade dessas culturas. O Bem Viver constitui-se como uma dessas buscas. Vallinoto et al, afirma que é “um conceito em construção que engloba os termos *sumak kawsay*, do quéchua do Equador, e o *suma qamanã*, dos aimarás da Bolívia”¹². Ele se torna paradigma porque além de ser um “projeto social vindo das culturas indígenas, pode ser para nós um testemunho concreto da realização de uma ecologia amorosa que nos faz viver em comunhão com todo ser vivo e com todo o universo”¹³. Ele se torna paradigma pois leva a um modo de ser, a uma maneira de entender a vida e conduzi-la, de forma relacional, na qual a liberdade, a felicidade, a reciprocidade e o cuidado e a festa são valores fundamentais¹⁴. Na *Carta da Terra*¹⁵, afirma-se a defesa, sem discriminação dos direitos de todas

¹¹ Cf. Alírio AGUIRRE; Carlos FRANKY. Espiritualidades, religiões e ecologia. In: Afonso MURAD (Org.) *Ecoteologia: um mosaico*. p. 119.

¹² Maria Jesus VALLINOTO; Nohora NINÑO; Gérman CLAVIJO. Educar para o Bem viver à luz da fé. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. p. 194.

¹³ Cf. Marcelo BARROS. “Ecologia integral e espiritualidade trans-religiosa”. In: *Livro-agenda Latino-americana*, p. 232.

¹⁴ Maria Jesus VALLINOTO; Nohora NINÑO; Gérman CLAVIJO. Educar para o Bem viver à luz da fé. In: Afonso MURAD (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. p. 195.

¹⁵ Em 14 de março de 2000, na Unesco em Paris, foi aprovada depois de 8 anos de discussões em todos os continentes, envolvendo 46 países e mais de cem mil pessoas, desde escolas primárias, esquimós, indígenas da Austrália, do Canadá e do Brasil, entidades da sociedade civil, até grandes centros de pesquisa, universidades, empresas e religiões.

as pessoas a um ambiente natural e social, que possa assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem estar-estar espiritual, dando especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias. Além disso, afirma-se “o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas a formas sustentáveis de vida”¹⁶.

A cosmovisão indígena é repleta de simbolismo quando se pensa o ser humano como um filamento na enorme teia da vida. Na famosa carta do Cacique Seattle¹⁷ encontramos uma noção muito clara dessa relação: “A terra não pertence ao homem. É o homem que pertence a terra. [...] todas as coisas estão interligadas. O que acontece à Terra recai sobre os filhos da Terra. Não foi o homem quem teceu a trama da vida. Ele é só um fio dentro dela. Tudo o que ele fizer a teia estará fazendo a si mesmo”. Essa maneira de compreender o ser humano conectado a teia da comunidade de vida pode muito bem ser identificada nos mitos e lendas de origem do mundo das tradições indígenas, fundamentais para compreender o cuidado ecológico e a espiritualidade que cerca este cuidado.

Na revisitação da tradição indígena Kaingang, por exemplo, encontramos preciosos elementos para uma visão holística da ecoespiritualidade, além de ser um pequeno pagamento de uma dívida a este povo que foi dizimado pela colonização... Do povo jogado à margem pela sociedade, pisado e maltratado junto com a Mãe Terra pelo avanço destruidor alicerçado no mito do progresso ilimitado, surge uma chama de esperança, um lembrete básico a toda a humanidade de que somos filhos da Terra.

O povo Kaingang entende-se como filho da terra, pois a lenda da origem dos primeiros humanos, contada em sua mitologia,

¹⁶Leonardo BOFF. *Sustentabilidade: o que é – o que não é*. p. 174.

¹⁷A famosa Carta do Cacique Seattle, teria sido dirigida ao Presidente dos Estados Unidos Franklin Pierce, em 1854, em resposta à proposta deste último de comprar terras que até então tinham “pertencido” à sua tribo, os índios Duwamish, que habitavam a região onde atualmente se encontra o estado de Washington - no extremo Noroeste dos Estados Unidos, fazendo divisa com o Canadá. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm>>.

afirma que os dois primeiros da sua nação saíram do solo: “numa serra, não sei bem onde, no sudoeste do estado do paraná, dizem eles que ainda hoje podem ser vistos os buracos pelos quais subiram. Uma parte deles permaneceu subterrânea; essa parte se conserva até hoje l e a ela se vão reunir as almas dos que morrem, aqui em cima”¹⁸. O ser humano  totalmente dependente da terra que o criou e o sustenta até sua morte, e aliás, ela o acolhe novamente em seu seio quando o sopro vital chegar ao fim.

Na mitologia Guarani, *Nhanderuvuçu*, divindade suprema, foi quem criou tudo. Vendo sua criao decidiu que deveria povo-la, pegando um pouco de argila, foi moldando uma figura e chamou de homem e outra figura chamou de mulher, “misturando vários elementos da natureza para deixar cada vez mais bonita sua criao”. Quando estava satisfeito, soprou a vida nas figuras. “No seu sopro havia o princípio do bem e do mal, e então *Nhanderuvuçu* partiu e deixou os homens aqui”¹⁹. Percebe-se, portanto, que este mito apresenta importantes questões para uma visão ecoespiritual: a relao do ser humano com a terra, a origem e o fim da vida humana, a sexualidade dos seres humanos, a demografia, o bem e o mal, a liberdade, a divindade criadora...

O racionalismo moderno, por sua vez, impregnou uma série de estereótipos aos saberes míticos e por muito tempo se acreditou que seriam formas ultrapassadas, pois a razão instrumental daria conta de solucionar os grandes dilemas humanos. Segundo Marcelo Barros²⁰, “cientistas atuais que pesquisam Física Quântica afirmam que a realidade material do universo se manifesta como realidade relacional. O mundo não  só uma realidade concreta. Há uma interao entre os seres animados

¹⁸Povos Indígenas no Brasil. *Cosmologia e Mitologia*. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/289>>.

¹⁹Perdido em Pensamentos. *Mitologia Guarani*. Disponível em: <<http://perdido.co/2016/05/mitologia-guarani/>>.

²⁰Cf. Marcelo BARROS. *A profecia da Terra, a Espiritualidade e Desafios para a Fé*. p. 23.

e inanimados”. Isso é comprovado, por exemplo, quando o físico Fritjof Capra²¹, ao trabalhar com o conceito de alfabetização ecológica afirma que um pensamento complexo e sistêmico conduz a uma mudança de objetos para relações. Compreender relações não é fácil, pois vai contra o método científico tradicional da cultura ocidental, que ensinou a medir e pesar as coisas. Para o físico, as “relações não podem ser medidas nem pesadas; precisam ser mapeadas. Podemos desenhar um mapa de relações, interligando diferentes elementos ou diferentes membros de uma comunidade”. Portanto, a realidade é muito mais que a soma das partes, é uma rede de relações e de padrões, dinâmica e complexa, a exemplo de um ecossistema, que é conhecido como um todo organizado e relacionado. Sem desprezar as conquistas da Modernidade, o paradigma ecológico têm criticado vários limites desta, tais como a razão instrumental, o antropocentrismo, o tecnicismo, o positivismo, o colonialismo econômico e cultural. Nos últimos tempos, de modo especial, a Espiritualidade do Seguimento a Jesus Cristo, tem denunciado a idolatria do mercado que tem exigido o sangue dos pobres e da Terra²².

Retomar as tradições espirituais ancestrais de todos os continentes para pensar uma espiritualidade trans-religiosa aberta para a diversidade de saberes, compreender a ampla gama com que a ecoespiritualidade trabalha, tem possibilitado grandes passos na construção do paradigma ecológico. A espiritualidade dos saberes religiosos-espirituais ancestrais oferece importantes contribuições para um futuro humanizado, sustentável e do Bem Viver.

1.2 - ECOESPIRITUALIDADE QUE EMANA DAS NARRATIVAS BÍBLICAS DA CRIAÇÃO

Dizer criação é mais que dizer natureza (Papa Francisco)

²¹Cf. Fritjof CAPRA, Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século XXI, in: A. Trigueiro (Org.) *Meio Ambiente no século XXI*, p. 23.

²² Ivanir Antonio RAMPON, *Francisco e Helder – Sintonia Espiritual*, p. 32-35.

A epígrafe com a qual iniciou-se o presente tópico é de autoria do Papa Francisco, que na encíclica *Laudato Si'*, revela um dos pontos centrais da ecoespiritualidade que é propriamente defender a relação entre “espírito” e “matéria” como elementos indissociáveis. Nas palavras do Papa:

Na tradição judaico-cristã, dizer “criação” é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com o projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado. A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma conversão universal²³.

Não resta dúvida que as palavras referidas acima consolidam uma interpretação da narrativa da criação do livro do Gênesis diferente da interpretação antropocentrista. Assim, tendo em vista que se cada criatura possui um valor em si, existe uma ética que o ser humano precisa respeitar, pois não está nele a centralidade dominadora, aliás, se a criação é um projeto do amor de Deus, como permitir o egoísmo despótico do ser humano com relação a criação? Garcia e Lodonõ dizem que a hermenêutica bíblica tem muito a contribuir com a ecologia e com a ecoespiritualidade. Partem de um princípio de que “a Bíblia não pode oferecer algo que não tem. Por exemplo, não pode dar explicação científica do mundo, do universo. O relato da origem do mundo (*cosmos*) na Bíblia (Gn 1) está escrito em linguagem poética”²⁴. Na *Laudato Si'*, Francisco dedicou uma parte do capítulo que versa sobre o Evangelho da criação para falar da “sabedoria das narrações bíblicas” e acentua que o “livro do Gênesis contém, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e a sua

²³Papa FRANCISCO, *Laudato si, sobre o cuidado da casa comum*. n. 76.

²⁴Luis G. E. GARCIA; Alejandro LODOÑO. Perspectiva a partir da Bíblia. In: Afonso MURAD (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. p. 139.

Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon

Esp. Junior Bufon Centenaro

realidade histórica”²⁵. Do mesmo modo, sugerem que a existência humana está pautada em três relações fundamentais: com Deus, com o próximo e com a terra; romper com a harmonia dessas três relações é recusar reconhecer-se como criatura limitada e frágil, bem como romper com seu próprio equilíbrio humano pois “tudo o que fere a Natureza e a envenena, e a esteriliza, é insulto ao Criador e desonra o co-criador.”²⁶.

O teólogo Jürgen Moltmann²⁷, tece fortes críticas ao pensamento dominante cristão que legitimou o antropocentrismo exacerbado, considerado uma das raízes humanas da crise ecológica. O Papa Francisco, por sua vez, também salientou tal questão e assim como Moltmann, apontou que do próprio texto mal interpretado surge a possibilidade de uma profunda e nova concepção:

Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração do Gênesis, que convida a “dominar” a terra (cf. Gn 1,28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja. Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras. Hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados a imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre todas as criaturas²⁸.

Francisco chama atenção para que os textos bíblicos sejam lidos de acordo com seus contextos e com uma justa hermenêutica, para que o “dominar” não seja mal entendido e sim compreendido dentro de seu significado de cultivar e guardar. Uma das mais conhecidas narrativas é a do livro do Gênesis, que descreve a

²⁵Cf. Papa FRANCISCO. *Laudato si, sobre o cuidado da casa comum*. n. 66.

²⁶H. CÂMARA, *Um olhar sobre a cidade*, p. 111.

²⁷Cf. Jürgen MOLTSMANN; Leonardo BOFF. *Há Esperança para a criação ameaçada?*

²⁸Cf. Papa FRANCISCO. *Laudato si, sobre o cuidado da casa comum*. n. 67.

criação do mundo por Deus em sete dias. Para Boff²⁹, a mesma narrativa foi transmitida em duas versões diferentes: a javista (Gn 2) por usar o nome Javé para Deus, datada de aproximadamente 950 a. C., e a sacerdotal (Gn 1), escrita mais tarde de acordo com a “teologia litúrgica do templo”. Ambas as narrativas possuem o “propósito originário de fazer uma profissão de fé sobre a bondade do universo”, pois ao ser criado por Deus o cosmo revela-se mais forte que o caos e as forças de dissolução da vida. O significado da vida e da existência, “desde as estrelas, as plantas, os animais, até os seres humanos, vem carregado de excelência e sentido, porque guarda em si a marca registrada de Deus”³⁰. Essas referências indicam a necessidade de uma leitura ecológica da narrativa da criação, presente no Gênesis.

Em linguagem poética, o relato sacerdotal permite vislumbrar Deus como arquiteto que nos primeiros três dias faz uma separação e nos três dias seguintes uma ornamentação. *Separa* no primeiro dia a luz das trevas, no segundo as águas de cima (céu) e as águas de baixo (mares), no terceiro a terra e as plantas de todo tipo e os mares. *Ornamenta* no quarto dia o firmamento, adornando-o com o sol, a lua e as estrelas; no quinto, o firmamento com as aves e o mar com os peixes; no sexto dia cria os animais e todo gênero e o homem. Nas palavras de García e Lodoño, “para completar aquilo que é próprio de um poema perfeito (significado pelo número 7), o sétimo dia é uma exortação ao cumprimento do repouso sabático, a exemplo de javé”³¹. A narrativa deve ser olhada como um lindo poema, como uma mensagem muito clara revelada por Deus, de que Ele é o criador inteligente e criou o humano também inteligente a sua imagem e semelhança.

O versículo que algumas vezes foi deturpado é o 28º do capítulo 1: “Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundos,

²⁹ Cf. Leonardo BOFF. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*. p. 64.

³⁰ *Ibidem*. p. 65.

³¹ Cf. Luis G. E. GARCIA; Alejandro LODOÑO. *Perspectiva a partir da Bíblia*. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. p. 142.

multipliquei-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”³². O problema reside na ideia de superioridade do ser humano sobre a natureza pois o mandato divino é “dominai”, sendo essa uma leitura bíblica que teria fortalecido o antropocentrismo. De todo modo, os autores afirmam que a “relação mais óbvia de “dominar” é com a palavra ‘*Dominus*’, cuja tradução mais óbvia costuma ser Senhor, Dominador, Criador”³³. Todavia na lógica do Deus Criador o ser humano por ser imagem e semelhança é chamado a ser cocriador. Se Deus ama e considerou tudo muito bom, o ser humano como cocriador não pode estragar a obra. Seja qual for a tradução, entender o “dominar” nos dias de hoje é qualquer coisa menos “destruir”. O ser humano é diferente do restante da criação. A ele cabe administrar a casa comum, sendo neste exercício administrativo imagem e semelhança do Criador, ou seja, cocriatura criadora. Há várias décadas já dizia Dom Helder Camara, é “mais do que tempo de defender a Natureza das depredações criminosas que ela está recebendo. Quando Deus encarregou o homem de dominar a Natureza, de modo algum encarregou o homem de arrazar (sic!), destruir... Vamos espalhar a idéia de Mãe Terra?”³⁴.

Moltmann em sua análise, destaca que no segundo relato da criação está mais clara a missão humana de cuidar e preservar o Éden, assim como um jardineiro. São textos antiquíssimos e com o advento da modernidade se tornaram modernos, ou seja, foram interpretados pela ótica renascentista. Nas palavras do teólogo: “no tempo da Renascença esse modelo de ser humano foi aguçado: o ser humano passou ocupar o centro do mundo. [...] Ele vê também o homem como sendo, ‘dentro da ordem universal, o mais invejável

³²Cf. BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 2008.

³³Cf. Luis G. E. GARCIA; Alejandro LODOÑO. Perspectiva a partir da Bíblia. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. p. 145. A palavra também é próxima de *Domus*, ou seja, Casa...

³⁴H. CÂMARA, *Um olhar sobre a cidade*, 116.

dos seres, (inclusive) entre as estrelas”³⁵. A partir de Francis Bacon o desejo técnico-científico de posse sobre a natureza tornou-se justificado pelo fato do ser humano ser a imagem de Deus. Contudo, é preciso esclarecer que “enquanto a Bíblia fundamenta a dominação do ser humano sobre a criação no fato de os seres humanos haverem sido criados à imagem e semelhança de Deus, Francis Bacon, ao contrário, vai afirmar que a dominação humana sobre a natureza é que comprovará sua semelhança a Deus”³⁶. É o mesmo que dizer que o ser humano ao se tornar proprietário da criação pela ciência e pela técnica se igualaria ao Criador, o “todo poderoso”. Mas não é esta mensagem central bíblica, por isso a exigência de uma justa hermenêutica.

O que há de novo a partir de uma nova forma de ler os textos bíblicos que narram a criação? Pode-se dizer que é uma profunda revolução, ou ainda, uma redescoberta de coisas antigas, porém necessárias para o atual contexto da ecoespiritualidade. Por que esse novo modo de compreender o lugar do humano na criação é uma fonte para a ecoespiritualidade? Primeiramente o ser humano passa a ser entendido como o *último* ser criado, conseqüentemente o mais dependente de todos. Não há possibilidade de sobrevivência do gênero humano sem os elementos circundantes, animais, plantas, ar, água, luz, energia, etc. Os outros seres podem muito bem existir sem a presença do humano, mas o contrário não é possível. Por isso, Moltmann é contundente ao afirmar: “é exatamente por isso que não é correto interpretar o ser humano como se ele fosse o dominador divino ou como solitário jardineiro da natureza”³⁷.

Para poder ser entendido enquanto humano só o é pelas conexões e pelas ligações com os outros seres criados. Deus não soprou o seu Espírito vivificante somente sobre o ser humano, mas

³⁵Cf. Jürgen MOLTSMANN; Leonardo BOFF. *Há Esperança para a criação ameaçada?* p. 20.

³⁶Ibidem. p. 22.

³⁷Ibidem. p. 23.

sobre todos os seres criados, daí conclui-se que, “se a imagem de Deus no ser humano está no Espírito Divino, que nele habita, então todas as demais criaturas, nas quais o Espírito divino também habita, são imagem de Deus e assim devem ser reconhecidas e respeitadas”³⁸. Uma nova leitura ilumina a ecoespiritualidade pois abre aos cristãos e não cristãos, a noção de que as peculiaridades humanas são parte integrante da natureza, assim sendo, o ser humano não é o centro do mundo e, para continuar sobrevivendo, precisa se integrar a comunidade dos seres vivos, à casa comum, abandonando a arrogância dominadora em uma abertura para aquilo que Moltmann denomina de “humildade cósmica”.

2 - PERTENCER À TERRA: DA DOMINAÇÃO DESPÓTICA À HABITAÇÃO CONSCIENTE

Somos isto: seres naturais que habitam em primeiro lugar um mundo natural: um mundo de natureza³⁹

Existe ao mesmo tempo uma relação de pertença e de estranhamento do ser humano com relação a Terra. Muitos pensadores tem utilizado a expressão *filho da Terra*, que é simbólica, tendo em vista que o ser humano necessita impreterivelmente de outros seres para viver, e estes, existem em interdependência. Nas palavras de Afonso Murad, “há um parentesco entre todos os seres vivos. Somos filhos da Terra, pois nossa espécie apareceu depois de longo processo de evolução da matéria e dos seres vivos no nosso planeta”⁴⁰. O estranhamento ocorre na medida em que o os humanos não conseguem reconhecer esse processo de pertença e integração à teia da vida. Para a Ecoespiritualidade, sentir-se pertencente a Casa Comum é pensar, agir, sentir, atuar, comunicar *como* Terra, sendo parte integrante da

³⁸Ibidem. p. 23.

³⁹Cf. Carlos R. BRANDÃO. *Minha Casa, o mundo*, p. 32.

⁴⁰Cf. Afonso, MURAD (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. p. 47.

comunidade de vida do planeta, como aponta a *Carta da Terra*. Entretanto, não cabe apenas a ecoespiritualidade esta tarefa, por isso, entende-se que são muitas as contribuições lançadas de várias fontes que interagem, iluminam e somam-se a ela nesse grande desafio de passar de uma dominação e apropriação indevida para uma habitação consciente da Casa Comum.

As várias teorias e ideias que comungam da necessidade de redescobrir o pertencimento do ser humano à Terra, possuem similaridades ao propor que para que isso seja possível é preciso olhar para a Terra como Mãe, como Casa Comum, Comunidade de Vida, Sistema Vivo, Ninho de Vida. Apesar das diferenças que todas essas denominações possam ter entre si, algo é consensual: “tudo está interligado e conectado na grande casa comum”. Diante disso, colocar-se-á em evidência alguns desafios permeados pela ecoespiritualidade, considerados fundamentais para uma habitação consciente da Terra.

2.1- ENTENDER A TERRA COMO GRANDE MÃE

A visão dos astronautas que participaram dos vários programas espaciais revelaram um novo olhar sobre o planeta. A convicção é de que, a Terra é como uma grande nave, um todo azul flutuando pelo espaço. Essa visão do “todo” mudou a concepção dos astronautas, que sentiram-se parte do planeta e acima de tudo responsáveis por ele, haja vista que do espaço não é possível diferenciar o humano do todo, pois o que se vê é um todo resplandecente. Este relato aproxima-se de duas explicações que convergem ao entenderem a Terra como um “grande superorganismo vivo”: *A Pacha Mama*, já citada anteriormente, ligada a cosmovisão dos povos indígenas de sentir-se filhos da Mãe Terra e a *Teoria Científica de Gaia*, de James Lovelock

Gaia é o nome da Terra, entendida como um sistema fisiológico único, uma entidade que é viva pelo menos até o ponto em que, assim como os outros organismos vivos, os seus processos

químicos e a sua temperatura regulam-se automaticamente em um estado favorável aos seus habitantes. [...] A evolução dos organismos se encontra tão intimamente articulada com a evolução do seu ambiente físico e químico que, juntas, constituem um único processo evolutivo, que é autorregulador⁴¹.

Com o olhar das novas ciências, foram dados vários passos ao comprovar que existem relações recíprocas entre os seres animados e inanimados do planeta. A biosfera, juntamente com a atmosfera “formam os oceanos e os continentes como um único e original sistema complexo, o qual tem a capacidade de fazer surgir a vida, bem como o espaço ideal para sua manutenção”⁴².

Em poucas palavras significa dizer que a Terra como grande organismo possui vida, ela é capaz de autorregular-se, gerar permanente vida e autorregenerar-se. As combinações de vários elementos na biosfera são automáticas para a manutenção das condições de sua própria existência, como grande sistema vivo. Essa teoria, que também é chamada de hipótese Gaia, afirma que Gaia agiu de tal maneira que gerou seu princípio antrópico. Porém, a mesma teoria trabalha com a previsão de que se o ser humano continuar a agredir os ecossistemas e afetando os ciclos naturais de sobrevivência do planeta, seria “abortado”, justamente em nome da auto-regulação e auto-regeneração.

Desse modo, o ser humano tem responsabilidade pela garantia das condições de habitação do planeta, reconhecendo que é chamado a cuidar de quem o cuida. A hipótese Gaia tem muito a contribuir com o desafio da ecoespiritualidade de redescobrir a pertença a Casa Comum, a Mãe Terra, como ninho e grande lar onde o ser humano habita com outros seres animados e inanimados, tendo a missão de cultivar e guardar a Casa Comum⁴³. O grande desafio é sermos, de fato, o princípio antrópico que ama, venera,

⁴¹Cf. LOVELOCK Apud MURAD (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. p. 49

⁴²Cf. Jürgen MOLTMANN; Leonardo BOFF. *Há Esperança para a criação ameaçada?* p. 35.

⁴³ Ivanir Antonio RAMPON, *Ecologia: um paradigma em prol da vida, Caminhando com o Itepa*, p. 45-60.

conhece, cuida e guarda a criação. Nesta direção nos aponta a Plenitude do princípio antrópico, Jesus Cristo, que nos ensinou a buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça (Mt 6,33). Da mesma forma, exemplo de feliz memória nos deixou Francisco de Assis, o Padroeiro da Ecologia:

Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior⁴⁴.

2.2 - ECOLOGIA INTEGRAL: HABITAÇÃO CONSCIENTE EM TODAS AS DIMENSÕES DA VIDA

A ecologia integral acerca-se da ecoespiritualidade e a ecoespiritualidade aborda a ecologia integral pois o grande desafio do presente é compreender, pensar e agir dentro de uma ecologia integral. O ambientalismo e outras correntes que procuraram ao longo do tempo intervenções no meio ambiente sem pensar as correlações com as questões sociais mostraram-se ineficazes e incompletos. O Papa Francisco, por meio da *Laudato Si'*, incentivou profundamente o discurso ecológico que vai além da ecologia ambiental uma vez que inclui no documento magisterial o político-social, mental, cultural, educacional, ético e o espiritual. A habitação consciente da Casa Comum não pode ser desvinculada da ecologia integral, aliás, talvez esse seja o segredo para que o ser humano em toda as suas dimensões sintam-se pertencente e

⁴⁴ FRANCISCO, *Laudato Si'*, n. 10.

responsável pela Casa Terra. O Testemunho de São Francisco de Assis,

mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano. Tal como acontece a uma pessoa quando se enamora por outra, a reação de Francisco, sempre que olhava o sol, a lua ou os minúsculos animais, era cantar, envolvendo no seu louvor todas as outras criaturas. Entrava em comunicação com toda a criação, chegando mesmo a pregar às flores convidando-as a louvar o Senhor, como se gozassem do dom da razão. A sua reação ultrapassava de longe uma mera avaliação intelectual ou um cálculo econômico, porque, para ele, qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe⁴⁵.

O Papa compartilha, portanto, da teoria do pensamento complexo, que compreende que de algum modo tudo está interligado. Segundo ele, não existem crises separadas: “uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental” e além disso, as soluções “requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza”⁴⁶. O Papa continua afirmando que a “análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos”, existe uma interação profunda entre os ecossistemas “e entre os diferentes mundos de referência social e, assim, se demonstra mais uma vez que o todo é superior à parte”⁴⁷. Acrescenta-se a isso a ecologia cultural, ou seja, a cultura “entendida em seu sentido vivo, dinâmico e participativo – que não se pode excluir na hora de repensar a relação do ser humano com o meio ambiente”⁴⁸.

⁴⁵ FRANCISCO, *Laudato Si'*, n. 11.

⁴⁶ FRANCISCO, *Laudato Si'*, n. 139.

⁴⁷ *Ibidem*. n. 141.

⁴⁸ *Ibidem*. n. 143.

O Papa faz um alerta de que a visão consumista do ser humano, desencadeada pela economia globalizada, hegemoniza as culturas e debilita a diversidade cultural que é um tesouro para a humanidade. “É preciso assumir as perspectivas dos direitos dos povos e das culturas, dando assim provas de compreender que o desenvolvimento de um grupo social, [...], requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais *a partir da sua própria cultura*”⁴⁹. O desaparecimento de uma cultura, por mais simples ou menor que seja é algo grave, tanto o ou mais do que o desaparecimento de uma espécie animal ou vegetal. Do mesmo modo, “a imposição de um estilo hegemônico de vida ligado a um modo de produção pode ser tão nocivo como a alteração dos ecossistemas”⁵⁰.

A ecologia cultural leva a prestar atenção especial as comunidades indígenas, suas tradições culturais, espiritualidade, modo de vida. Para Francisco, “não são uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam seus espaços”. Para os indígenas a terra é um dom gratuito de Deus e dos antepassados, é espaço sagrado “com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores”⁵¹. Uma ecologia integral interliga as culturas, as formas mais variadas de cuidado, de respeito aos povos e ao planeta. O Papa ao dar ênfase nesse ponto, sobre as comunidades tradicionais ou “aborígenes” como consta na Encíclica, agrega a cosmovisão dos povos indígenas para a espiritualidade ecológica.

A ecologia integral em suas várias dimensões carrega em si o princípio do bem comum, que pressupõe “o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para ser desenvolvimento integral”⁵².

⁴⁹Ibidem. n. 144. Grifos do autor.

⁵⁰Ibidem. n. 145.

⁵¹Ibidem. n. 146.

⁵²Ibidem. n. 155.

Porém, as condições atuais da sociedade mundial revelam desigualdades brutais e cresce o número de pessoas descartadas, privadas de direitos fundamentais, de um ambiente digno de vida. Isto torna como “consequência inevitável” uma “opção preferencial pelos mais pobres”, que leva a pensar no “destino comum dos bens da terra”⁵³. A dificuldade em levar a sério este desafio tem a ver com uma fragmentação e deterioração ética e cultural, que acompanha a degradação ecológica.

Por fim, a ecologia integral possui uma perspectiva ampla, já não se pode falar em sustentabilidade sem uma solidariedade e preocupação intergeracional: “que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão crescendo?”. A espiritualidade cristã e as indígenas tem uma grande contribuição diante disso, pois entendem a terra na lógica da recepção, ou seja, “é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte”⁵⁴. Ela é dada ao ser humano como dom, não pode ser vista somente pelo critério utilitarista da produção do lucro e do consumo ilimitado. A busca pela ecologia integral é uma conversão pessoal e de toda a sociedade, para uma mudança de rumo, para uma autêntica conversão ecológica, para um habitar consciente e responsável da Casa Comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Terra não nos pertence. Somos nós que pertencemos a ela. Tudo o que fizermos a ela, de certo, modo estamos fazendo a nós (cf. Seattle). Esta redescoberta da nossa pertença à Terra critica a visão instrumental que predominou na Modernidade e é hegemônica na Contemporaneidade, apesar de todo o discurso ecológico. Por este e outros motivos, como por exemplo, o domínio do sistema econômico capitalista neoliberal, a Era Antropoceno vive um impasse: talvez, para garantir o futuro de Gaia terá que

⁵³Ibidem. n. 158.

⁵⁴Ibidem. n. 159

“abortar” seu princípio antrópico. O cultivo de espiritualidades ecológicas que se traduzam em pequenas e grandes opções práticas poderá garantir o futuro da humanidade na Casa Comum. Nós, humanos, podemos nos aproximar da natureza apenas como técnicos que lidam com um objeto que deve ser explorado para satisfazer nossos desejos insaciáveis ou tê-la como irmã e Mãe, com quem cultivamos uma profunda e misteriosa-sacramental intimidade:

Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude...”⁵⁵.

Dessa forma poderemos como humanidade redescobrir o sentido de pertença a Casa Comum, como terra que ama, sente, pensa e age. A espiritualidade ecológica deve permear nossas vidas para que o presente o futuro sejam sustentáveis, para que a criação não deixe de ser um projeto sempre aberto do amor do Deus criador.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Alírio; FRANKY, Carlos. Espiritualidades, religiões e ecologia. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 103-134.

BARROS, Marcelo. *A profecia da Terra, a Espiritualidade e Desafios para a Fé*. Caderno de Formação. Brasília: Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Social: 2016.

_____. Ecologia integral e espiritualidade trans-religiosa. In: ALVES, Flávio; ALVES, José Fernandes; ALMEIDA, Vilma Ribeiro. *Livro-agenda Latino-americana*. Goiânia: Comissão Dominicana Justiça e Paz, 2017.

⁵⁵ FRANCISCO, *Laudato Si'*, n. 11,

Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon

Esp. Junior Bufon Centenaro

BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade. O que é – o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Ecologia grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1996.

BRANDÃO, C. R. *Minha casa, o mundo*. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

CAMARA, Helder. *Quem não precisa de conversão?*. São Paulo: Paulinas, 1987.

CAPRA, Fritjof. Alfabetização Ecológica: o desafio para a educação do século XXI. In: TRIGUEIRO, André (coord). *Meio ambiente no século 21 – 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

GARCIA, Luis G. E.; LODOÑO, Alejandro. Perspectiva a partir da Bíblia. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 137-164

MOLTMANN, J; BOFF, L. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis: Vozes, 2014.

MURAD, Afonso (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. Ecologia, consciência planetária e bem viver. In: MURAD, Afonso (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 17-60.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

RAMPON, Ivanir. Ecologia: um paradigma em prol da vida!
Caminhando com o Itepa. Passo Fundo:

Itepa, ano XXIV, n° 88, p. 45-60, mar. 2008.

RAMPON, Ivanir Antonio. *Francisco e Helder – Sintonia Espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2016

VALLINOTO, Maria Jesus; NINÕ, Nohora; CLAVIJO, Gérman; Educar para o Bem viver à luz da fé. In: Afonso MURAD (Org.), *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 167-204.

VIGIL, José Maria. Cuidado com o planeta e eco-espiritualidade. In: ALVES, Flávio; ALVES, José Fernandes; ALMEIDA, Vilma Ribeiro. *Livro-agenda Latino-americana*. Goiânia: Comissão Dominicana Justiça e Paz, 2017.

SITES CONSULTADOS

CULTURA BRASIL. *Carta do Cacique Seattle*. Disponível em:
<<http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm>>. Acesso em 26/06/2017.

*Ecoespiritualidade a partir das Narrativas da Criação
Rescobrindo a pertença à Casa Comum*

PERDIDO EM PENSAMENTOS. *Mitologia Guarani*. Disponível em:
<<http://perdido.co/2016/05/mitologia-guarani/>>. Acesso em 26/05/2017.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. *Cosmologia e Mitologia*. Disponível em:
<<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/289>>. Acesso em 24/06/2017.

ESPIRITUALIDADE DO AGENTE DE PASTORAL

Ms. Pe. Ari Antonio dos Reis¹

INTRODUÇÃO

Este artigo reflete sobre a espiritualidade que sustenta a vida e compromisso do Agente de Pastoral, pessoa que, em nome da sua fé, se dedica à ação Evangelizadora, como discípulo missionário, em um serviço gratuito em vista do Reino de Deus.

A experiência de espiritualidade decorre do testemunho deste Reino em uma realidade que se transforma devido à mudança de época ou de uma profunda crise de civilização, em que os critérios considerados fundamentais das relações humanas e com o mundo criado são relativizados, gerando situações de anti-Reino. É possível acrescentar a iluminação que o Papa Francisco lançou a partir da Encíclica *Laudato Sí* – LS, sobre o cuidado com a casa comum, lembrando que questões sociais e a questão ambiental estão imbricadas². Implica em cuidar das pessoas, sobretudo os pobres e excluídos e, cuidar da nossa casa comum. É comum porque todos moramos nela e dependemos dela. Este é o chão no qual a Agente pisa e se desafia anunciar o evangelho, marca constitutiva da sua espiritualidade.

Primeiramente, o texto trata do ponto de partida da missão do Agente de Pastoral, a saber, a condição de batizado, enquanto pessoa mergulhada na proposta de Jesus. Em seguida, se refletirá sobre o princípio de que a missão parte da fé em Jesus e se configura a Ele, o que se traduz em um fundamento de espiritualidade. Serão elencadas algumas dimensões desta fundamentação espiritual na pessoa e na proposta de Jesus Cristo.

¹ Professor da ITEPA Faculdades. Presbítero da Arquidiocese de Passo Fundo – RS.

² Cf. *Laudato Si* - LS 49.

Finalmente, serão apresentados os horizontes e os desafios do Agente de Pastoral quanto à espiritualidade fundamentada no seguimento de Jesus Cristo no compromisso do anúncio do Reino.

1 - O AGENTE DE PASTORAL: PESSOA QUE ASSUME A PROPOSTA DE JESUS ENQUANTO BATIZADO

A Igreja, na missão evangelizadora, conta com inúmeros Agentes de Pastoral que dispõem seu tempo e seus dons a serviço da evangelização. Estes Agentes assumem papéis e funções diferenciadas. Existem diversos tipos de Agentes de Pastoral: ministros ordenados e não ordenados (leigos, religiosos/as). Todos são membros do Povo de Deus, formando uma só Igreja. Participam de igual modo, enquanto Povo Sacerdotal do único Sacerdócio de Cristo³ e aprofundam esta participação no compromisso do seu seguimento pela diversidade de dons colocados a serviço⁴, sob a inspiração do Espírito Santo. Segundo o *Documento de Aparecida* são os “os cristãos que estão incorporados a Cristo pelo batismo, que formam o povo de Deus e participam das funções de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Realizam, segundo sua condição, a missão de todo povo cristão na Igreja e no mundo⁵”. A evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma Instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus⁶. Ressalta-se que, em grande parte

Existe uma espiritualidade que sustenta essa missão assumida pelo Agente de Pastoral, uma base que permite que ele avance no compromisso pessoal, contribuindo com a missão da Igreja. Tudo se faz em comunhão com a Igreja, que tem a tarefa de testemunhar o Ressuscitado no mundo, marcado por um profundo processo de transformações. Segundo afirmação do Documento de

³ LG 10.

⁴ Cf. 1Cor 12,4-11.

⁵ DAp 209.

⁶ EG 110.

Aparecida: “os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas”⁷. Essas mudanças influenciam a missão do Agente de forma profunda e em fatos dos quais eles não têm o domínio porque “essa nova escala mundial do fenômeno humano traz consequências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também, naturalmente, a religião”⁸. No contexto de mudanças profundas, faz-se necessário manter o testemunho de fé, visto que esta permite a serenidade e a sobriedade na condução da vida e da militância, apesar das dúvidas.

Em uma realidade em constante transformação, onde os critérios de orientação da vida cristã e cidadã passam a ser questionados, como manter a fidelidade aos princípios do agir cristão fundamentados no Reino anunciado por Jesus? Esta fidelidade já é um princípio de espiritualidade. Existem outros caminhos, mais tranquilos, mas fáceis de serem assumidos. Seriam estes caminhos condição de fidelidade ao Cristo crucificado e ressuscitado? Jesus diz que este é o caminho do mundo e não o Seu caminho (Jo 17,16). Mas é a este mundo que os discípulos são enviados para dar o testemunho e levarem outros a acreditar na Palavra do Salvador (Jo 17,20). É uma tensão que vai perpassando o trabalho evangelizador.

O Agente de Pastoral lê a sua missão a partir da sua compreensão como **batizado**, mergulhado na comunidade cristã e incorporado a Jesus. O Batismo é a porta de entrada de um longo caminhar na condição de discípulo de Jesus. O episódio do batismo de Jesus lembra a manifestação do Pai e a descida do Espírito Santo⁹. A partir daí, Jesus começou a sua caminhada de anúncio do Reino¹⁰ e constituiu o grupo dos Doze que o acompanhavam,

⁷ DAp 33.

⁸ DAp 35.

⁹ Cf. Mc 1,10-12.

¹⁰ Cf. Mc 1,14.

primeiramente na condição de discípulos e mais tarde como anunciadores do Reino (Mt 10,1ss).

Todo o ser humano foi chamado à vida. Foi também chamado à pertença eclesial pelo Batismo. A constituição *Lumen Gentium*, que trata da Igreja, assim define o batizado: “pois os batizados pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo, para que todas as obras do homem cristão ofereçam sacrifícios espirituais e anunciam poderes d’Aquele que os chamou a sua admirável luz (...) por toda parte deem testemunho de Cristo. E aos que o pedirem deem razão da sua esperança da vida eterna”¹¹. Enquanto batizada, a pessoa é acolhida pela Igreja. Faz-se membro do Povo de Deus, inserido na comunhão com a Santíssima Trindade e assume o compromisso de anunciar o Reino. É chamado a servir na obra evangelizadora da Igreja¹². Isso implica apresentar Cristo a quem não O conhece ou a quem perdeu o sentido da fé, conforme recorda o Papa Francisco na Exortação *Evangelii Gaudium*¹³ - EG. Essa missão, vale insistir, é compromisso de todos os cristãos. É o serviço prestado a partir e, em nome da fé, como garante o Apóstolo Paulo ao expressar: “ai de mim se não evangelizar” (1Cor 9,16).

O Papa Francisco ensina que o cristão que se encontrou com Jesus Cristo, assume a tarefa de ajudar outros a dar esse passo, sabendo que tudo é obra de Deus e Jesus é o primeiro e maior evangelizador¹⁴. Isto não exime a pessoa desta tarefa grandiosa. Jesus, aquele que permite o encontro com Ele, envia também para a missão como enviou seus discípulos¹⁵. A centralidade dessa missão é o anúncio do Reino, mediado pela prática do bem.

¹¹ LG 10.

¹² Cf. LG 11

¹³ Cf. EG 14.

¹⁴ Cf. EG 12.

¹⁵ Cf. Lc 9,1-6.

Neste mundo, marcado pelas mudanças profundas, a autocompreensão como discípulo missionário, permite avançar mesmo nas tensões porque a tarefa é grande. Faz-se necessário o testemunho que mostre para as pessoas que são possíveis outros caminhos. O Agente não pode desanimar, acomodar-se, porque sua missão parte do mundo em mudança, mas se estrutura Naquele que venceu o mundo, porque amou este mundo (Jo 16,13).

Na condição de batizado incorporado a Cristo, o Agente de Pastoral se autocompreende como enviado para servir a obra de Jesus. E faz isso em diferentes condições e situações, assim como são diversas as necessidades da missão evangelizadora.

O serviço é um aspecto importante na espiritualidade do Agente de Pastoral. Em várias passagens dos Evangelhos, Jesus lembrava aos discípulos a necessidade de se assumirem como servidores. É significativa a menção do capítulo 13 do Evangelho de João. Eram os momentos finais do Mestre com o grupo. Na atitude de lavar os pés dos discípulos, quis deixar simbolizada esta condição para o seu seguimento.

O Agente de Pastoral é um servidor, mergulhado na caminhada cristã para servir e, no serviço, encontra a liberdade da prática cristã. Assim, experimenta a alegria missionária de partilhar a vida com o povo fiel de Deus, procurando acender o fogo no coração do mundo¹⁶.

Este ponto de partida é fundamental para que se compreenda a espiritualidade do Agente de Pastoral. Tudo começa com a sua compreensão de batizado, mergulhado no projeto de Jesus. Desta referência assume o compromisso evangelizador, atuando em um mundo marcado por transformações profundas, tendo necessidade de garantir o acento comunitário e servidor da sua missão. A espiritualidade do Agente de Pastoral considera este fundamento sob o risco de uma condução de vida rompida com o princípio básico do Cristianismo: estar em Jesus. Anunciar Jesus

¹⁶ EG 271.

enquanto caminho espiritual, compreende esta consciência de batizado.

2 - MISSÃO DO AGENTE DE PASTORAL: CONFIGURAR-SE A JESUS

O Agente de Pastoral, consciente da sua pertença ao discipulado de Jesus Cristo e à comunidade cristã, sente-se desafiado a dar um passo a mais. Implica em viver o compromisso cristão de uma forma mais consistente. Poderia se dizer, mais militante. Militante é aquele que acredita em uma causa e se esforça para que ela se torne realidade. O Evangelho de Lucas no capítulo 10, narra o envio dos “setenta e dois” para a missão. O evangelista quis revelar para sua comunidade a universalidade da missão, que está além da atuação missionária dos Doze. Essas pessoas estavam com Jesus e são enviadas por Ele para a missão. Este é o desafio da “Igreja em saída” que o Papa Francisco tem enfocado com tanta insistência¹⁷.

Sair é comprometer-se em estar em outra realidade, na qual não se tem o domínio pleno. É a novidade que provoca, gera tensão, mas que pode fazer crescer. Estando com Jesus, os discípulos viveriam o discipulado em uma dimensão na proximidade com Jesus. Provocados a sair, enviados em missão¹⁸, foram enfrentar outra realidade, certamente mais desafiadora. Foram para a missão, porque estavam convencidos da sua validade. Este convencimento os levou a sair. A espiritualidade tem a ver com estar convencido de algo, a ponto de dar outros passos, a partir deste convencimento primeiro, porque o amor de Cristo nos impele¹⁹.

Por vezes, a travessia provoca contrariedade e insegurança, sobretudo quando se dá o enfrentamento de realidades

¹⁷ EG 24.

¹⁸ Cf. Lc 10,1.

¹⁹ EG 9.

difíceis²⁰. Diante disso, é importante parar e reconhecer que Jesus está junto na missão e ajuda nas travessias, especialmente as mais difíceis (Mt 14,27). A configuração a Jesus provoca a noção de que não é possível caminhar sem voltar-se constantemente a Ele, a motivação primeira da evangelização e do trabalho do Agente de Pastoral.

2.1 - JESUS CRISTO, NOSSA MOTIVAÇÃO PRIMEIRA

A missão do Agente de Pastoral parte do compromisso com Jesus. Mergulhado no seu projeto pelo Batismo e amadurecido na fé, segundo a graça do Sacramento da Confirmação, o Agente vai assumindo um processo de maturação da sua fé. Contudo, o foco é o encontro pessoal com Jesus. Os Evangelhos revelam as diferentes leituras deste encontro. Os Sinóticos falam de um chamado, a acolhida ao chamado e uma caminhada de discipulado marcado pelo ensino, descobertas, tensões, enfrentamentos, alegrias e partilhas. Era a caminhada necessária que os discípulos estavam fazendo.

O texto de João revela um encontro único²¹. A alguns foi apresentado Jesus como o “Cordeiro de Deus”, O seguiram, ficaram com Ele e assumiram o discipulado. O conhecimento foi se aprofundando até assumirem a causa de Jesus, como a sua causa, o Reino anunciado como o seu Reino. O discurso de Pedro, logo após a crucificação-ressurreição, revela este comprometimento profundo com a proposta de Jesus. Disse Pedro: “Deus ressuscitou este Jesus e todos somos testemunhas disso (...). Portanto, que toda a Casa de Israel saiba com plena certeza: esse Jesus que vocês crucificaram, Deus o tornou Senhor e Cristo²²”.

²⁰ Cf. Mt 14,24.

²¹ Cf. Jo 1,35ss.

²² Cf. At 2,22-36.

Em continuidade ao compromisso assumido pelos Apóstolos e pelas primeiras comunidades cristãs²³, o Agente de Pastoral assume o compromisso do anúncio do Reino. É o compromisso evangelizador assumido, porque já se encontra mergulhado e abraçado por Jesus e quer que outros façam a mesma experiência, pois o bem tende a se comunicar. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros²⁴.

O Agente de Pastoral é instrumento para o anúncio do Evangelho. Faz isso impelido pelo amor de Cristo, sabendo que Ele é o primeiro e maior evangelizador²⁵. Ajuda muito estar convencido que tudo é obra de Deus. Ele tem a primazia. Na Sua bondade e abertura chama o Agente de Pastoral para cooperar com Ele na força do Espírito Santo. Esta convicção permite não cair no erro de pensar que a inteligência e a racionalidade são as únicas via na missão evangelizadora. Parte-se de Jesus, inspirado e acompanhado pelo Pai.

A missão do Agente de Pastoral se faz impregnada da presença de Jesus Cristo, porque se sente amado por Ele. Sobre este amor diz o Papa Francisco: “um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida, que amor seria?”²⁶. É um sustentáculo espiritual inestimável, porque mantém o seguimento onde o Agente sente-se sujeito da sua vida e da missão, contudo um sujeito sustentado por Aquele que é a sua causa primeira, a tal ponto que provoca o desejo de comunicá-lo, porque se ele é missionário, é porque Jesus o impeliu a este passo e, a medida da caminhada vai se convencendo disso.

²³ Cf. At 2,42-47.

²⁴ EG 9.

²⁵ EG 10.12.

²⁶ EG 264.

2.2 - AUTOCOMPREENSÃO COMO DISCÍPULO

A autocompreensão como discípulo é outro critério importante na caminhada espiritual do Agente de Pastoral. Outrora foi lembrada a condição de discípulos dos Doze que estavam com Jesus e dos Setenta e dois, segundo o texto de Lucas, que foram enviados em missão. Discípulo é a pessoa que está em processo de aprendizagem, de descoberta. Não se considera pronta, mas em busca. Costuma-se dizer que humanamente estamos sempre aprendendo, descobrindo coisas novas no processo da vida. Não aprende quem se fecha ao conhecimento.

A prática cristã também considera este critério. O discipulado faz parte da missão do Agente de Pastoral. Enquanto discípulo precisa estar com Jesus e compreender a sua proposta. O afastamento ou a falta de convicção, gera o medo, a insegurança e o risco de sucumbir frente aos ventos contrários da travessia missionária (Mt 14,26ss).

Na Exortação *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco lembra o princípio do discipulado, enquanto uma constante na vida do Agente de Pastoral: o verdadeiro missionário não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha, fala, respira e trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele no meio da tarefa missionária. Se uma pessoa não O descobre presente no coração, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar segura do que transmite, falta-lhe força e paixão²⁷.

A autocompreensão como discípulo permite a humildade de empreender a busca, a serenidade de aprender com os erros, a abertura de partilhar saberes e descobrir outros saberes, a paciência de conviver com o diferente e a convicção de que o caminho se faz caminhando e também aprendendo, descobrindo o mistério do Reino.

²⁷ EG 266.

2.3 - ABERTURA À AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Um dos momentos fortes da celebração do Sacramento da Crisma é a invocação ao Espírito Santo. Implica que a pessoa, confirmada na sua fé, disposta ao compromisso evangelizador, contará com a força que vem do alto, assim como os cristãos dos primeiros séculos²⁸. Nisto se configuram a Jesus Cristo que após o Batismo, recebeu o Espírito Santo (Mc 1,10) começando sua jornada missionária. A abertura ao Espírito Santo diz para o Agente de Pastoral que ele, mesmo com empenho, força de vontade, criatividade e tantos outros atributos, precisa contar com a “força do alto”.

O Papa Francisco, no capítulo V da Exortação *Evangelii Gaudium*, sob o título “Evangelizadores com Espírito” trata dessa questão, caracterizando como “evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo²⁹”. Escreve o Papa: “No Pentecostes o Espírito Santo faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transformados em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua³⁰”. A saída de si mesmo está na perspectiva do encontro com outros povos para evangelizar, a descentralização, mas também a compreensão de que não se pode nada sozinho, sem contar com a força do Espírito Santo.

Isto é importante porque permite a superação da tentação, mencionada anteriormente, de reduzir a ação evangelizadora à uma obra meramente humana. O Papa Francisco afirma ainda que a primazia na obra evangelizadora é de Deus, e nós somos seus colaboradores³¹. O Acolhimento ao Espírito Santo segue esse princípio que se deve fazer consciência permanente sob o risco do vacilo diante da grandeza da tarefa contraposta às limitações humanas. Muitos projetos ruíram, porque em determinado

²⁸ Cf. At 2,3.

²⁹ EG 259.

³⁰ EG 259.

³¹ EG 12.

momento contou-se em demasia com a força humana, mas com pouco apelo e confiança na ação divina. O Agente de Pastoral compreende que “o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo tempo e lugar, mesmo contracorrente³²”.

Esta presença inefável vem ao encontro da fraqueza humana do Agente (Rm 8,26) diante da necessidade de responder ao compromisso do seguimento de Jesus Cristo. A invocação ao Espírito Santo frente à missão é busca do algo a mais que tantos estão carentes e, por isso, sucumbindo. O Papa pede que invoquemos o Espírito Santo apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã, porque Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova não somente com palavras, mas, sobretudo, com uma vida transfigurada pela presença de Deus³³, visto que a missão é humana, enquanto tarefa delegada pelo Pai, em Jesus Cristo, na força do Espírito Santo.

2.4 - PARTILHAR A VIDA E A MISSÃO

Um dos acentos fundamentais da vida cristã é a **comunidade**. A fé cristã amadurece e é confrontada na experiência comunitária. Um dos sinais da gravidade deste princípio é a vida sacramental. Ela compreende a experiência comunitária. Jesus Cristo, já no início da missão na Palestina, chamou doze homens para estar com Ele e enviá-los em missão. Seguiram um itinerário de conhecimento, descobertas e fortalecimento do compromisso com o Reino.

Os fatos marcantes das primeiras comunidades cristãs aconteceram quando a comunidade estava reunida. Lembramos acima o evento de Pentecostes. Podemos citar outros: Os discípulos de Jesus, nos primeiros tempos, formaram uma pequena comunidade, na qual Maria estava presente (At 1,12-14); a decisão

³² EG 259.

³³ EG 259.

de escolher um substituto para Judas Iscariotes foi debatida na comunidade (At 1,23-26). A decisão de escolher pessoas para o atendimento aos necessitados foi assumida na comunidade (At 6, 1-7). O apóstolo Paulo baseava a sua tarefa missionária na fundação de comunidades e escrevia cartas para estas, visando ajudá-las no discernimento e seguimento de Jesus Cristo.

Estes fatos são narrados para recordar que a missão evangelizadora, mesmo fundada no compromisso pessoal daqueles que fizeram a experiência do encontro com Jesus e decidiram comunicar a outras pessoas, não tem força no acento individualista. Ela é tarefa comunitária. É fundamental para a espiritualidade do Agente de Pastoral assumir e viver a pedagogia do trabalho comunitário, de aprender a partilhar sua missão com outras pessoas. Jesus enviou os discípulos para missão dois a dois (Lc 10,1-12). Paulo fazia questão de ter consigo companheiros na tarefa missionária (At 13,3.13; 15,35; 16,1). A partilha do compromisso evangelizador com outro Agente, com a comunidade, ajuda a entendermos que a tarefa, mesmo com acento pessoal, não se funda no individualismo, mas na partilha do compromisso evangelizador. Esta confronta, fortalece e enriquece o Agente de Pastoral.

O Agente de Pastoral precisa precaver-se da tentação de ser o centro do processo, de imaginar que tem respostas e soluções para todas as dificuldades. A experiência trinitária de comunhão sugere o caminho possível da missão evangelizadora.

2.5 - FORMAÇÃO E ABERTURA AO NOVO

Era significativa a noção que Jesus tinha da necessidade de formar seus discípulos. O chamado foi o primeiro passo de um processo formativo marcado por conflitos e tensões. Essas situações faziam parte da caminhada. Era ocasião para Jesus ajudar seus companheiros a entenderem a profundidade da missão. As iniciativas humanas, seja qual for a dimensão, exigem um processo

formativo que parte da ideia de que a pessoa não nasce sabendo. Vai se formando a medida que caminha.

A Igreja do Brasil está se desafiando ao aprofundamento da Iniciação à Vida Cristã, o que compreende o conhecimento da pessoa de Jesus e sua proposta. É um primeiro desafio que se alia aos outros, pois todo o cristão tem o direito de saber o que crê e procura aprofundar-se, conhecendo cada vez mais o conteúdo da sua crença³⁴.

O Agente de Pastoral se forma na missão, na caminhada evangelizadora. Foi este o processo formativo de Jesus e de seus discípulos no trajeto da Galileia para Jerusalém. Os diferentes caminhos de formação são oportunidades importantes que qualificam o Agente pessoalmente, enquanto cristão e para a missão.

A espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo compreende esta abertura aos processos formativos nas suas diferentes dimensões. O fechamento à formação, o compreender-se pronto sem a necessidade de aprender, sugere o aniquilamento da pessoa e o risco de perder-se na caminhada e a negação de uma dimensão importante da condição humana, a abertura ao “ser mais” que implica no “saber mais”.

O fechamento ao conhecimento implica consequentemente em atitudes autoritárias na relação com os outros. A pessoa que não buscou mais, pode se apegar ferrenhamente a posturas que considera corretas, mesmo que estejam desligadas do ciclo vital do processo evangelizador. De forma equivocada, faz uso do autoritarismo para sustentar suas posturas. Não dialoga com medo de perder a pretensa autoridade. O que pesa é o medo de assumir novas propostas e ideias. A condição de aprendiz, a noção de sempre estar descobrindo coisas novas, ajuda a pessoa a situar-se nos processos de forma humilde e aberta ao diálogo.

³⁴ FISICHELLA, Rino. **Introdução à Teologia Fundamental**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 59.

Tratou-se acima de alguns tópicos que fundamentam a espiritualidade do Agente de Pastoral a partir da condição de discípulo, desafiado ao seguimento de Jesus Cristo. É um dinamismo provocativo e necessário, em vista de qualificá-lo para o anúncio da Boa Nova do Reino sem que este processo o empobreça, mas que o enriqueça cada vez mais. Contudo, a tarefa evangelizadora sempre desafia a dar um passo a mais, a buscar as águas mais profundas, porque ali estará o significado da ação de quem se encontrou com Jesus, ficou com Ele e decidiu anunciá-Lo. São os horizontes da missão.

3 - HORIZONTE DO REINO A PARTIR DO CHÃO DA VIDA

A espiritualidade do Agente de Pastoral está engajada na tarefa evangelizadora que se efetiva no cotidiano, sem perder o horizonte do Reino anunciado por Jesus. Contudo, esse Reino, “já e ainda não” presente entre nós, efetiva-se pelas mediações, por sinais que ajudam na percepção de já está acontecendo. É a capacidade de olhar longe sem perder o contato com o que está perto. O perto é o cotidiano do trabalho evangelizador, cheio de conflitos e tensões, contudo marcado por riquezas e sinais de um futuro de plenitude. O Agente tem consciência de que a proposta cristã está na origem, no meio e no final do trabalho, provocando, sustentando e plenificando a sua missão.

3.1 - O ENFRENTAMENTO DAS CRISES E CONFLITOS

As crises e os conflitos são realidades próprias do ser humano. Estão presentes também no trabalho do Agente de Pastoral. Vive-se a crise na perspectiva mais pessoal, no sentido de que o Agente é um ser humano com potencialidades e imperfeições e no processo da sua vida e da missão essas condições podem se manifestar. Emergem dois riscos: a dificuldade de trabalhar com a

crise ou a falsa convicção de que se é imune a ela ou passará incólume por uma realidade de crise.

Os Apóstolos Pedro e Paulo, duas colunas da Igreja, viveram crises enquanto seguidores da proposta de Jesus. A negação de Pedro se deu diante da percepção do fracasso do projeto de Jesus explicitado na prisão do Mestre. Isto gerou nele uma grande crise (Mt 26,74). Foi necessário retomar o diálogo e os laços com o Ressuscitado, reconhecendo que o amava, apesar da sua fraqueza, ou seja, amava e seria fiel na sua condição humana (Jo 21,17) até que Jesus o confirmou na missão. A situação que Pedro vivenciou ajuda o Agente de Pastoral a reconhecer a sua humanidade e fragilidade, não como consolo, mas como condição a ser trabalhada na perspectiva de uma fé que vai amadurecendo nas tensões e dificuldades pessoais.

Paulo viveu a seu modo esta condição. Era próprio de sua personalidade a profunda convicção do que pregava e fazia. Em muitos momentos manifestou esta fidelidade a Jesus. Contudo, sofria diante das imperfeições de sua personalidade. Manifestou isso também ao dizer que não fazia o bem desejado, mas praticava o mal indesejado (Rm 7,15). A experiência de Paulo sugere ao Agente um referencial diante das dificuldades frente ao projeto. Ele, Pedro e todo o Agente que assumem um caminho de discipulado têm Jesus como referencial³⁵.

Diante das crises pessoais e das dúvidas, cabe lembrar a condição humana, não como consolo, mas no desafio de buscar mais; dar outro passo. É possível pela condição humana de ser mais e com força que vem da fé. A caminhada espiritual compreende o Agente de Pastoral como uma pessoa em processo de santificação, sujeito a crises, contudo aberto a descobrir-se e a descobrir a força Daquele que o chamou primeiro. Isto não acontece de uma forma

³⁵ Cf. Fl 2,1ss.

mágica, mas como processo de amadurecimento da fé. As crises podem estar ligadas à compreensão da missão³⁶.

Tomamos a crise no aspecto pessoal. No caso dos conflitos, é possível fazer a leitura na perspectiva comunitária. Os conflitos são próprios das relações humanas e dos processos que se estabelecem na tentativa de se assumir um projeto. Existem conflitos de projetos, de condução de projetos; também ligados às decisões, às pessoas, às leituras diferentes de mundo. São diferentes os fatores geradores de conflito. Eles não são segredo no decorrer dos processos. A questão é o enfrentamento, como o Agente enfrenta os conflitos, e como isso ajuda no seu itinerário de fortalecimento espiritual.

Três princípios ajudam superar os conflitos. Primeiro, não ignorar, mas fazer uma leitura e averiguar o grau de influência no trabalho evangelizador. Isto dará as condições e a metodologia de como trabalhá-lo. Jesus, em vários momentos da missão, fez distinção dos conflitos e, a partir deste, se dava o encaminhamento, seja com os discípulos, com a multidão ou com os adversários do seu projeto. Segundo, agir com espírito fraterno, pois no meio dos conflitos estão pessoas. Implica em trabalhar o conflito sem perder as pessoas nele envolvidas. Lembrar que o espírito fraterno não elimina o compromisso com a verdade e a justiça. Terceiro, não permitir que o conflito coloque em risco uma proposta maior, o compromisso com o Reino. Neste sentido, a orientação de Jesus, quanto à prudência e a simplicidade³⁷, é necessária.

A atitude correta diante das crises e conflitos ajuda o Agente de Pastoral a assumir um processo de amadurecimento espiritual, onde se compreende como sujeito da sua vida e pessoa em formação. Também ajuda nesta compreensão o que o Papa Francisco fala sobre “sair de si mesmo em direção aos outros,

³⁶ Para aprofundamento, sugere-se a leitura dos parágrafos 81 a 101 da Exortação *Evangelii Gaudium*.

³⁷ Cf. Mt 10,16.

porque isto faz bem³⁸”. O diálogo e a convivência fraterna com os outros contribui para a superação destas dificuldades que eventualmente aparecem no caminho evangelizador.

3.2 - SER SAL E LUZ

A ação do Agente de Pastoral se dá em uma realidade marcada por profundas transformações, já tratadas no início deste texto. O Documento de Aparecida e, posteriormente, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015) as tratam como o fenômeno da mudança de época, ou seja, a estruturação de outras perspectivas de relação e leitura com o mundo que estabelecem certa ruptura com os processos anteriores. Este é o contexto de ação do Agente de Pastoral, um contexto desafiador, mas que não o inibe, porque é neste mundo, marcado por transformações, contradições, possibilidades e negações que ele age e a sua ação é prenúncio do agir salvífico de Deus³⁹. Este caminho é um caminho espiritual onde se dá o encontro com Jesus, com o mundo e com o outro.

O ponto de partida do trabalho do Agente de Pastoral é a convicção de fé em Jesus Cristo que convida a “ser sal da terra e luz do mundo⁴⁰”. Compreendem-se estas duas premissas evangélicas como orientadoras de uma prática enraizada na proposta de Jesus e comprometida em testemunhar o Reino em uma realidade de mudanças que deixam marcas na vida das pessoas, sobretudo nos pobres. O testemunho de ser sal e luz é marcado pela solidariedade, misericórdia e compromisso com os mais fragilizados, na maioria das vezes, vítimas desta realidade em transformação. Ser sal e luz tem vias concretas de viabilização que perpassam a capacidade de contemplar os rostos dos que sofrem,

³⁸ EG 87.

³⁹ SCHILLEBEECKX, Edward. História humana e revelação de Deus. São Paulo: Paulus, 1997. p. 30.

⁴⁰ Cf. Mt 5,13.

não mais excluídos, mas considerados descartáveis pela sociedade⁴¹.

Também exigirá do Agente a atenção constante aos fatos do cotidiano que provocam o agir cristão. Diante desses fatos, urge discernir e agir sob a luz do Espírito Santo em fidelidade à proposta de Jesus Cristo “porque o Evangelho nos convida sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa, permanecendo lado a lado⁴²”.

3.3 - ACOLHER O PRINCÍPIO COMUNITÁRIO

O Agente de Pastoral, mergulhado na proposta de Jesus, ungido para a missão, vive o compromisso de fé, sal e luz, ligado à Igreja. A espiritualidade compreende a consideração ao princípio da eclesialidade, não como fim, mas como mediação da sua missão. Implica em compreender que não é possível articular processos assentados no individualismo, mas comprometer-se com a pertença e participação comunitária. Na visão bíblica, o ser humano não é concebido como indivíduo isolado e autônomo. Ele é membro de uma comunidade, faz parte do povo da aliança, encontra sua identidade pessoal como membro do Povo de Deus⁴³.

A experiência comunitária, marca da espiritualidade cristã, está nas origens do Cristianismo (At 2,42-47). Paulo e os outros missionários, após o anúncio, fundavam comunidades⁴⁴ para que pudessem viver e dar testemunho de Cristo Ressuscitado. Essas primeiras comunidades de cristãos são inspiração para toda a comunidade que pretenda ser discípula-missionária de Jesus Cristo. Para tanto, seus membros prestarão culto devido a Deus, cuidarão uns dos outros, formarão comunidades de amizade e caridade,

⁴¹ DAp 65.

⁴² EG 88.

⁴³ CNBB. Comunidade de comunidades: uma nova paróquia, doc. 103.

⁴⁴ Cf. Rm 16,3-9.16.22-27.

partilharão bens, serão fiéis à doutrina dos Apóstolos e viverão na comunhão da Igreja, se comprometerão com a missão de anunciar e testemunhar Jesus, o Cristo⁴⁵.

Viver em comunidade é graça e compromisso. Agir em comunidade e segundo o princípio comunitário é condição do testemunho cristão e supõe a atenção para os riscos de romper com este princípio. O Papa Francisco na Exortação *Evangelii Gaudium*, capítulo II, intitulado “a crise do compromisso comunitário”, trata de alguns desses riscos. Destacamos um deles descritos pelo Papa: “hoje nota-se que em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade⁴⁶”.

A comunidade como lugar teológico e eclesial, ajudará o Agente a viver a fidelidade a Jesus, fundamento da espiritualidade. Para tanto, um desafio importante é mostrar que a solução nunca consiste em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo se comprometa com os outros⁴⁷. É a proposta que ajuda no amadurecimento espiritual. Talvez não seja a mais tranquila, contudo é a mais lúcida e necessária, porque permite a descoberta de Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações; e aprender também a sofrer, num abraço com Jesus crucificado, quando recebemos agressões injustas ou ingratidões, sem nos cansarmos jamais de optar pela fraternidade⁴⁸. No desafio de ser sal da terra e luz do mundo o compromisso comunitário educa, compromete e fortalece a espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo.

⁴⁵ Op cit. 104.

⁴⁶ EG 78.

⁴⁷ EG 91.

⁴⁸ EG 91.

3.4 - ACOLHER A DIMENSÃO ECOLÓGICA DA ESPIRITUALIDADE

Está é uma dimensão de acento histórico, contudo negligenciada nos últimos séculos. A encíclica *Laudato Sí* contribuiu para que o caminho de recuperação deste viés de espiritualidade característico da Igreja ganhasse novamente forte impulso. E isto surge não como um modismo, mas como necessidade do ser humano na sua tarefa de cuidado do próximo e da “casa comum”. A espiritualidade não está desligada do próprio corpo, nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia⁴⁹. Tal perspectiva permitirá uma nova relacionalidade com a humanidade e com o mundo criado, superando a cisão estabelecida pelo paradigma tecnocrático. Surge um referencial de ação: a atenção aos pobres e a terra empobrecida porque, segundo o Papa Francisco, uma abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres⁵⁰.

Demanda daqui um reforço significativo na espiritualidade do Agente de Pastoral que permitirá a superação do intimismo, tentação dos tempos atuais, como caminho de salvação. O encontro com o outro na perspectiva do serviço, via ação misericordiosa, se estende para o encontro com a terra onde todos habitamos por certo tempo. Porque “sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. Sem tal capacidade, não se reconhece as outras criaturas o seu valor, não se sente interesse em cuidar de algo para os outros, não se consegue impor limites para evitar o sofrimento ou a degradação que nos rodeia”⁵¹.

⁴⁹ Cf. LS 217.

⁵⁰ LS 49.

⁵¹ LS 208.

Esta dimensão cuidadosa da fé se faz um caminho fértil de espiritualidade, contributiva na superação do individualismo e sinal de que é possível outro caminho de vida. A conversão defendida por João Batista (Mc 1,4) compreende também, nesta perspectiva, a dimensão ecológica, que por sua vez comporta várias atitudes que se conjugam para ativar um cuidado generoso e cheio de ternura⁵² para com tudo o que Deus coloca no caminho.

Os quatro tópicos trabalhados dizem respeito ao caminho de espiritualidade nos tempos atuais. Demarcam o horizonte porque convidam a olhar para frente, a caminhar. Neste processo vai se fortalecendo uma proposta de espiritualidade. Seria possível trabalhar outros tópicos que ficam aqui enunciados: planejamento e organização para o serviço pastoral, o exercício da profecia nos tempos atuais, o exercício do princípio da misericórdia, a caridade transformadora. São vias importantes da proposta espiritual que vai amadurecendo no olhar para cruz, compromisso de fé: olhar para o outro, solidariedade cristã; olhar para a Palavra, fundamento e orientação; olhar para a Eucaristia, alimento e compromisso. A espiritualidade cristã, nasce, amadurece e se desenvolve em comunhão com a proposta do Reino anunciado por Jesus, tendo presente que viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional, nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa⁵³.

CONCLUSÃO

A grande riqueza da Igreja são seus Agentes de Pastoral, pessoas convencidas do seu compromisso com a evangelização. Este processo já se traduz em uma espiritualidade que vai sendo forjada em meio a tensões, dificuldades, recuos e avanços. Neste texto, seguiu-se a premissa de que o ponto de partida desta

⁵² Cf. LS 220.

⁵³ Cf. LS 217.

espiritualidade é a condição de pessoas batizadas, incorporadas a Jesus Cristo e inseridas na missão evangelizadora da Igreja.

O ponto de referência é a configuração a Jesus Cristo, na qual o Agente vive a condição de discípulo, aberto à ação do Espírito Santo, partilhando a vida e a missão sem fechar-se à renovação que a formação sugere. A configuração a Jesus provoca a percepção do horizonte do Reino a partir do chão da vida, no compromisso de ser sal e luz e acolhendo o princípio comunitário na sua espiritualidade.

Os processos de formação espiritual são próprios de cada pessoa. Contudo, existem referências que contribuem com os mesmos. Tem ficado cada vez mais explícito que Jesus Cristo e o Reino por Ele anunciado se constituem a principal referência de uma espiritualidade encarnada.

BIBLIOGRAFIA

CNBB. Comunidades de Comunidades: uma nova paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2014 (Doc. 100).

FISICHELLA, Rino. Introdução à Teologia Fundamental. São Paulo: Loyola, 2000.

Papa Francisco, Exortação Evangelii Gaudium. Brasília: Edições CNBB, 2013.

_____ Carta Encíclica Laudato Si. Brasília: Edições CNBB, 2015.

SCHILLEBEECKX, Edward. História humana e revelação de Deus. São Paulo: Paulus, 1997.

CRISTÃOS E CRISTÃS LEIGOS E LEIGAS ESPIRITUALIDADE E MISSÃO

Ms. Selina Maria Dal Moro

INTRODUÇÃO

Este texto, com caráter de ensaio, constitui-se síntese parcial das reflexões sobre o tema do Laicato, realizadas no âmbito do processo teológico-pedagógico da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades. O estudo referencia-se nos documentos do Magistério Eclesial, de modo particular, no documento n. 105 da CNBB e, em reflexões de teólogos, pastoralistas e de outros estudiosos sobre o tema, especialmente no tocante à Espiritualidade e Missão dos Leigos e das Leigas na Igreja e na Sociedade. O texto divide-se em quatro subitens: 1- Leigos e Leigas: sujeitos da formação na Itepa Faculdades; 2 - Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade; 3 - A identidade, o lugar e o papel histórico do Leigo e da Leiga na Igreja e na sociedade; 4-Leigos e Leigas: Espiritualidade e Missão.

1 - LEIGOS E LEIGAS: SUJEITOS DE FORMAÇÃO

Em paralelo ao objetivo da formação de candidatos ao ministério presbiteral, a formação de Agentes de Pastoral, religiosos e leigos, constituiu-se, desde a fundação do Instituto de Teologia e Pastoral em 1982, hoje, oficialmente reconhecido como Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades, numa de suas prioridades. Para atender a esta prioridade, inicialmente, foi oferecida formação teológico-pastoral na modalidade de extensão em Teologia com a oferta de cursos, implantados em 1993 e que se estenderam até 2014, desenvolvendo-se em sete etapas, nos períodos das férias de janeiro e de julho durante três (3) anos e meio. Nesses cursos participaram presbíteros, religiosos e leigos.

Devido a fatores diversos, as possibilidades de participação dos interessados na formação teológico-pastoral foram gradativamente se esgotando. Sobretudo os Leigos, muitos dos quais integrados nos sistemas públicos de ensino ou de saúde ou com contrato de trabalho regido pelas Leis trabalhistas - CLT, passaram a não mais dispor de tempos livres para a sua formação, nesta modalidade acima referida.

O impulso dado pelo Concílio Vaticano II e pelas Conferências do Episcopado Latino-americano, mobilizou Dioceses e Paróquias que se lançaram na busca da formação teológico-pastoral para os Leigos e Leigas inseridos em atividades sociopastorais, bem como, para lideranças de movimentos e de organizações sociais.

O apelo, de imediato, foi dirigido à Itepa Faculdades. Atenta aos “sinais dos tempos” a IES assumiu a missão de elaborar uma nova proposta de curso, na modalidade de Extensão em Teologia para ser oferecido de modo condizente com as possibilidades de participação dos interessados. O projeto apresentado e, ainda em pleno desenvolvimento, está organizado para realização em dois anos, com duração de nove meses em cada período e com uma aula semanal no turno a partir da 19 às 22hs. As aulas são ministradas por Docentes da Itepa Faculdades e por convidados habilitados para a função, especialmente, Párocos e Vigários das Paróquias que demandaram o curso. Diversos Presbíteros desafiaram-se a dar continuidade à sua formação teológica, participando, assiduamente de todos os encontros.

Desde a instalação desta modalidade de formação (2010-2011) até a presente data, já foram atingidas centenas de pessoas. Em sua grande maioria os participantes estão domiciliados no âmbito de abrangência das Dioceses Associadas ao Itepa. São jovens, pais e mães de família, inseridos em ações sociopastorais na condição de Agentes de Pastoral, de Lideranças de Organizações e de Movimentos Sociais, Educadores, Profissionais da saúde, Civis em cargos políticos ou em políticas públicas e outros.

A partir da publicação do documento nº 105 da CNBB, na IES redobrou-se a atenção sobre o tema do Laicato, constituindo-se, além de objeto de estudos e de reflexões, componente curricular dos cursos de extensão e de pós-graduação *lato sensu*. Como já enunciado no início, este texto constitui-se numa sistematização dos estudos e reflexões realizados no âmbito de abrangência da Itepa Faculdades sobre o Laicato na Igreja. Alerta-se o leitor que conceitos e princípios teológico-pastorais permanecem como temas para maior aprofundamento.

2 - CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS NA IGREJA E NA SOCIEDADE

No recente documento da CNBB, nº 105/2016, intitulado: *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade: sal da terra e luz do mundo* três palavras são centrais: sujeito eclesial (n.1) sal da terra e luz do mundo (n.13). Estas três afirmações expressam a “identidade, a espiritualidade e a missão do leigo”. Um dos fios condutores de toda a reflexão é que os leigos são sujeitos eclesiais com atuação na Igreja e no mundo. Em face desta missão, o documento aponta para os atributos da identidade do Leigo: ser maduro na fé, ser capaz de testemunhar amor à Igreja, de servir os irmãos e irmãs, de permanecer no seguimento a Jesus, na escuta obediente à inspiração do Espírito Santo e ter coragem, criatividade e ousadia para dar testemunho de Cristo!¹

As reflexões de teólogos, pastoralistas e estudiosos sobre o tema reafirmam a posição eclesial: Leigos e Leigas são cristãos e membros da Igreja em plenitude. Pelo Batismo são incorporados a Cristo e constituem o Povo de Deus, participando ativamente das funções de Cristo Profeta, Sacerdote e Rei².

¹ Cf. CNBB, Doc. 105, n. 119.

² Cf. Antônio José de ALMEIDA. Uma abordagem histórica. *Leigos em quê?* 2006; João Décio PASSOS. O Leigo no Vaticano II. *Sujeito cristão na sociedade e na Igreja*. In: *Revista Eclesiástica Brasileira – Reb* 73, p.559-574.

No Concílio Vaticano II, marco histórico da Igreja Universal “pela primeira vez na bimilenar história da Igreja se presta atenção à identidade e ao papel dos leigos tanto na Igreja como no mundo”³. Este mesmo Concílio “estabeleceu o pressuposto do novo status dos Leigos: A Igreja é o “Povo de Deus”. A noção de Povo de Deus exprime a profunda unidade, a comum dignidade e fundamental habilitação de todos os membros da Igreja à participação na vida eclesial e à co-responsabilidade na missão. Assim, quando o Concílio fala da “Atividade missionária da Igreja”, diz:

Como membros de Cristo vivo, a Ele incorporados e configurados pelo Batismo e também pela Confirmação e a Eucaristia, obrigados se acham todos os fiéis ao dever de cooperar na expansão e dilatação de seu corpo, para o levarem quanto antes à plenitude. Convençam-se por isso vivamente todos os filhos da Igreja de sua responsabilidade para com o mundo. Empenhem-se com afínco na obra da evangelização (LG 36).

O documento da CNBB n. 105 alavanca-se nesta posição eclesial: “Leigos e Leigas são todos os batizados, exceto os que se inserem nos âmbitos clerical e da vida religiosa consagrada”⁴. O documento não quer com esta definição indicar que existem três categorias de membros da Igreja: Os clérigos, os religiosos e os leigos. Existem ministérios distintos, sob uma única identidade porque todos ascenderam à identidade cristã pelo Batismo. “O Batismo aparece como constitutivo de toda a dignidade cristã, princípio da consciência missionária, bem como das responsabilidades cristãs no mundo. A Igreja é uma comunidade construída por um grande número de serviços”⁵. Maria Clara Luchetti Bingemer reforça esta dimensão batismal dizendo:

³ Antônio José de ALMEIDA. *Leigos e Leigas: história e interpretação*. P. 178

⁴ Cf. CNBB. Doc 105.

⁵ Y. CONGAR. *Ministeri e comunione ecclesiale*. p.22. Apud Antonio José de ALMEIDA. *Leigos e Leigas: história e interpretação*. p 280.

O que há de comum entre leigos, clérigos e religiosos é o fato eclesiológico de serem todos batizados. Ou seja, o de serem todos, pelo Batismo, introduzidos num novo modo de existir: o existir cristão. A opção por um ou outro estado de vida, por este ou aquele ministério ou serviço na Igreja é posterior, vem depois. Antes de mais nada, primeiro que tudo, está o fato de ‘sermos todos batizados em Cristo Jesus ...sepultados com Ele na sua morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também, nós vivamos vida nova’(Rm 6,3-4)⁶

Neste mesmo sentido pode-se dizer que não existem espiritualidades diversas, próprias de cada um dos segmentos eclesiais. Existe uma única espiritualidade, a espiritualidade cristã, vivida a seu modo, por cada um dos ministérios eclesiais. O Batismo é, pois, o compromisso primeiro, a primeira e radical exigência que se coloca na vida de uma pessoa diante do Mistério da revelação de Deus em Jesus Cristo.

Segundo Vicente Bosch⁷ afirma que muitas vezes, ao longo da história, apenas aplicou-se aos leigos uma espiritualidade já existente. Uma “mudança radical veio do Concílio Vaticano II, que reavaliou o mundo e as realidades terrenas, considerando-as como um caminho de santidade que Cristo percorreu e deixou aberto a todos os homens”. O Professor Giuseppe Lazzati insistia na ‘índole secular’ como o ‘proprium’ do leigo. Este é para Lazzati, o “homem batizado que, enquanto homem, dedica-se à construção da cidade do homem e como batizado, à construção da Igreja e à sua missão evangelizadora”⁸.

Ainda que muitos batizados não tenham consciência desta sua condição e dignidade, o timbre de batizado mantém-se indelével em sua existência como sinal de pertença e indicador dos caminhos do seguimento a Jesus.

⁶ Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo. *Perspectiva Teológica*, 19. p.45.

⁷ Vicente BOSCH. *A espiritualidade dos leigos deve ser diferente da dos padres e religiosos?* p. 01. <<https://pt.aleteia.org>>. Acesso em 5 de novembro de 2017.

⁸ G. LAZZATI. Il laico. Apud Antonio José e ALMEIDA, *Leigos e Leigas: história e interpretação*, p.. 281.

Aí está o sentido da existência não só do leigo, mas de todo cristão. Primeiro, uma ruptura radical com o passado e suas alianças, seus secretos compromissos com a iniquidade. Essa ruptura se dá, no dizer de São Paulo, colocando em paralelo o cristão com Jesus Cristo, ‘por uma morte semelhante à sua...a fim de que, por uma ressurreição também semelhante à sua, possa não mais servir ao pecado, mas viver para Deus’ (Rm 6,5-11). Viver para Deus significa começar a comportar-se no mundo como Jesus se comportou. Existir não mais para si, mas para “fora de si”, para Deus e para os outros (Cf.2Cor 5,15).⁹

A partir da assunção dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, Leigos e Leigas exercem sua função profética, sacerdotal e real, participando do sacerdócio comum com fundamento em Jesus Cristo. Exercem-na a seu modo, fazendo sua parte na missão comum a todo o Povo de Deus. Partícipes desta totalidade, a condição de vida dos Leigos e Leigas é, teologicamente, compreendida como vocação - Vocação Laical¹⁰. Embora ainda não se constitua compreensão comum a todos os batizados, hoje os documentos eclesiais ratificam que, assim como há a vocação presbiteral e para a vida religiosa consagrada, há, igualmente, a vocação laical. O que as distingue é o modo de atuação, a missão a ser exercida na Igreja e no mundo. No quadro dos ministérios eclesiais, o caráter secular caracteriza os leigos. Neste sentido, o campo próprio de sua ação evangelizadora e transformadora é prioritariamente a realidade temporal que inicia pela família, berço da geração e da proteção da vida, estendendo-se às demais esferas organizativas e administrativas da sociedade do mundo que hoje se apresenta na história como um mundo globalizado, urbanizado, tecnificado e informatizado.

⁹ Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo. Perspectiva Teológica*, 19. p. 45.

¹⁰ Cf. Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. p.10

2.1 - UM MUNDO GLOBALIZADO, URBANIZADO, TECNIFICADO E INFORMATIZADO

Renold Blanck¹¹ inicia o primeiro capítulo do livro intitulado “Ovelha ou Protagonista”, traçando o perfil do mundo moderno com duas fortes afirmações: “A tecno-metrópole informatizada e o seu produto mais recente: uma Igreja desafiada por um leigo que não é mais leigo”.

Segundo ele, o mundo moderno, profundamente urbanizado, é o ambiente de vida para a maior parte da humanidade. Nos mais recônditos ângulos desse ambiente vive o maior número dos Leigos e Leigas cristãos¹². Estão no mundo, mas não são do mundo (Jo 17,16). Sua missão se realiza ali, nesse mundo em constante transformação, mediante seu testemunho e uma ética inquestionável¹³. Na esteira reflexiva de Blanck, pautam-se alguns traços identitários desse contexto.

Hoje, mais de 70% da população mundial se move na cidade ao ritmo frenético desses ambientes. Grande parte vive acoçada pelo tic-tac, ininterrupto e autoritário, dos relógios e dos apitos da tecno-indústrias que, substituindo o movimento silencioso do sol, definem os longos tempos do trabalho a ser explorado. Outra parte, a que constitui a base societária, lentamente vai sendo destruída pelas péssimas condições de vida que lhes são impostas. Outra, certamente constituída por índices e percentuais menores, é integrada pelos que ostentam algum grau de formação intelectual e profissional. Uma profunda desigualdade separa uns dos outros, não permitindo que os direitos inalienáveis do ser humano se realizem plenamente para todos.

¹¹ Renold BLANK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21. ps. 5-14

¹² Para melhor compreender esta afirmação sugere-se a leitura do livro *No coração da Amazônia*. Depoimento de Dom Erwim Kräutler, CPPS. *Publicação da Comissão Episcopal para a Amazônia*. s/d.

¹³ Renold BLANK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21.p.6

A autonomia, sustentada pela apropriação do saber sistematizado, põe à disposição dos que se situam no terceiro grupo citado um lugar rentável e seguro na esfera produtiva. Além disso, lhes confere poder e autoridade para questionar os parâmetros reguladores da sociedade, garantia da realização do direito de posicionar-se numa atitude inquiridora nos momentos de tensão, capacidade para desafiar as instituições reguladoras dos coletivos sociais e dos indivíduos, incluindo a Igreja, particularmente no que concerne ao campo de princípios e da participação democrática. “Autores orientados nos parâmetros da Igreja deploram a perda da identidade religiosa do povo, e os seus colegas do outro campo celebram, enfim, a realizada secularização total”¹⁴.

O mundo moderno além de profundamente urbanizado apresenta-se com um perfil marcadamente técnico e informatizado. A informatização não se constitui, apenas, mercado de reserva dos grandes projetos socioeconômicos, das relações internacionais e do campo financeiro. Ela penetra e comanda o cotidiano da vida, definindo os movimentos das rotinas individuais e sociais.

“Enquanto isso, os sociólogos discursam sobre o fato de que os habitantes das tecno-metrópoles se tornaram seres desconfiados, não têm mais tempo para “bater um papo” com os seus vizinhos, se tornaram pessoas dependentes cada vez mais de sistemas anônimos, constrangidos e violados pelas necessidades de uma sociedade industrial, cujo objetivo é a eficácia. Eles se encontram perdidos na massa anônima, frustrados cada vez mais pelas suas tentativas de esquecer o seu vazio por uma frenética participação no consumo”¹⁵.

Nesse contexto acumula-se a tensão nas pessoas que habitam nestas metrópoles. Aumenta a violência e a pobreza alcança índices insuportáveis. Temerosas, as pessoas silenciam seus projetos, suas conquistas e, mais do que isto, perdem, não

¹⁴ Thomas WOLF. Es führt kein Weg zurück. Apud: Renold BLANK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21. p.6.

¹⁵ Renold BLANCK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21.p.6

raramente, o sentido da vida. O medo, quase sempre negado, as acompanha e lhes tolhe a liberdade. As fechaduras de segurança, as fortes grades em portas e janelas, os condomínios cercados e outros mecanismos de defesa constituem símbolo gritante do medo que assombra a cidade, com reflexos no campo. No âmbito mais escuro desta dura realidade, “crises de expressão e ataques psicóticos caracterizam o homem de hoje”, diz Gottfried Benn num dos seus poemas”. Assim é e vive o homem moderno¹⁶.

Conforme Blanck é, ainda necessário ter presente que a situação de hoje e no futuro não é mais como na Idade Média. Parafraseando este pensador, tem que se ter presente que a sociedade moderna latino-americana e, em especial a brasileira não é mais a mesma como nos tempos que, na América Latina só os homens da Igreja tinham formação e conhecimentos, enquanto que os demais, os “fiéis cristãos” caminhavam confiantes à luz das orientações que vinham de “cima”.

Os habitantes, sobretudo, dos contextos urbanos são os que detêm o domínio da informação e do conhecimento que os habilitam a administrar a vida humana e da natureza.

Acrescente-se a estes aspectos, que caracterizam o ambiente moderno, a emergência “num movimento sem fim” como diz Boaventura Sousa Santos, de novos sujeitos sociais. À luz da Exortação Apostólica “Laudato Si’ do Papa Francisco, emergem e se organizam novos movimentos ecológicos, bem como, movimentos de povos indígenas, de camponeses e de trabalhadores sem terra e sem teto. Estes de modo autônomo e profético se organizam para reagir contra as políticas recessivas reinstaladas a partir de 2016¹⁷ com o objetivo de “privatizar tudo o que for

¹⁶ Cf. Renold BLANCK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21.p.6

¹⁷ Em 2016, no Brasil, com o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, eleita em 2014 por voto popular ocorreu um golpe constitucional branco. Ascendeu ao poder o Vice Michel Temer, representante das forças políticas neoliberalizantes.

possível', tanto na infraestrutura econômica quanto na infraestrutura social"¹⁸.

É necessário, no entanto, ter presente que, no Brasil e na América Latina de hoje, onde a luta pela justiça e o engajamento sócio-político ocupam lugar de central importância na vida de muitos cristãos e se constitui numa das grandes preocupações eclesiais, a deserção das fileiras do seguimento a Jesus é uma realidade que cresce e se complexifica. A Igreja vê com doloroso pesar muitos de seus mais dedicados militantes se afastarem de suas comunidades e abandonarem a caminhada eclesial a partir do momento em que ingressam de corpo e alma na militância sindical ou na luta partidária. “Muitos desses cristãos, sempre mais exigidos pela atividade política, não parecem mais encontrar tempo nem ver como prioridade a reflexão em torno da Palavra de Deus, da celebração litúrgica, da oração¹⁹. Como diz Bingemer a resposta para um problema tão complexo e delicado não é de fácil equação. Mas ele está ali e está a exigir cuidado constante, sobretudo, porque a luta pela verdade e pela justiça sem a experiência do transcendente e da relação imediata com Deus em Jesus Cristo se reduz a uma empobrecedora ideologia. Por outra parte, sem compromisso social e político em todos os níveis, a espiritualidade corre o risco de transformar-se numa anestesia que já foi objeto de denúncia como “ópio do povo”²⁰.

É importante frisar que nesse contexto de conflitos e de possibilidades, emerge a figura de um novo sujeito cristão, qual seja, uma nova mulher, qualificada e consciente de seu valor, capaz de associar à ternura de sua missão maternal a energia combativa

¹⁸ Eduardo FAGGNANI. *O fim do breve ciclo da cidadania social no Brasil* (1988-2015). p.5

¹⁹ Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. p. 25

²⁰ Cf. Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*.

para conquista de sua dignidade e direitos²¹. Sua imagem em nada corresponde ao paradigma da mulher, exclusivamente dona de casa, cujas responsabilidades se encerram nos limites do cuidado com a casa, com os filhos e com o marido²².

Sua emergência traz de volta ao seio da Igreja uma palavra que pertence às raízes mesmas do Evangelho:

a palavra da Samaritana que descobre o Messias (Jo 4), da cananea que força o desencadear o anúncio da Boa Nova aos gentios (Mt 15,21-28), da dona de casa, Marta em cujos lábios é posta confissão de fé idêntica à de Pedro (Jo 11, da discípula que ouve seu nome no jardim e se transforma em primeiríssima testemunha da ressurreição (Jo 20). Palavra essa, no entanto, que foi paulatinamente e secularmente silenciada, abafada e quase banida da esfera visível da Igreja. Que se manteve viva, no entanto, nos seus subterrâneos, para agora, cada vez mais, fazer-se de novo ouvir por cima dos telhados”²³.

O Papa São João XXIII e todo o Concílio insistiram na necessidade de reconhecer os “sinais dos tempos”. Aqui estão eles, e, entre eles, outros tantos que é urgente discernir do meio do amálgama da sociedade atual, onde Leigos e Leigas Cristãos vivem com suas famílias e atuam profissional e pastoralmente, desafiando-se a anunciar a “nova Jerusalém” a ser construída sobre os princípios evangélicos anunciados por Jesus de Nazaré.

Nesse sentido deve-se rejeitar o preconceito que os fiéis comuns não podem fazer mais do que simplesmente ajudar o clero nos apostolados eclesiais. [...] A maneira específica de contribuir com os leigos, com a santidade e o apostolado da Igreja é a ação livre e responsável em estruturas temporárias”²⁴. É dentro dessa realidade que a Igreja é chamada a falar de Deus. Falar de um

²¹ As mulheres participantes dos cursos de extensão em Teologia oferecidos pela Itepa Faculdades representam mais de 80% do total dos participantes.

²² Cf. Renold BLANCK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21.p.6

²³ Maria Clara Lucentti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. p. 46.

²⁴ São Josemaría ESCRIVÁ. *Conversaciones*, n.59, p. 303 [1968].

Jesus histórico e de sua Mãe Maria, também histórica que alguns não conhecem mais ou que se encontram distantes de sua realidade²⁵. É dentro de tal realidade que a Igreja e cada cristão clérigo, religioso ou leigo é chamado a evangelizar, a dar testemunho de sua fé, manifestando-a pelas suas obras.

3 - A IDENTIDADE, O LUGAR E O PAPEL HISTÓRICO DO LEIGO E DA LEIGA NA IGREJA E NA SOCIEDADE

Dá-se início a este item, rememorando o protagonismo da Igreja Primitiva, uma vez que, no âmbito dessa Igreja primeira é que se pode encontrar com maior precisão o sentido e o significado da missão e da espiritualidade dos Leigos e Leigas que vivem no contexto atual.

Nos primeiros séculos da experiência cristã, a Igreja, na sua totalidade, apresentava-se como uma proposta alternativa ao mundo religioso (pagão) então vivenciado. A distinção que havia não se situava entre ‘especialistas do espírito’ e ‘cristãos dedicados aos assuntos temporais’. A Igreja apresentava-se como a *novidade cristã*, vivida pelos batizados inseridos na sociedade (o mundo) que devia ser evangelizada²⁶. A Igreja da primeira hora, tal como é descrita no Novo Testamento, não parece apresentar traços daquilo que hoje é categorizado e definido como leigo²⁷.

A institucionalização desta Igreja, a partir do século IV, consolidou uma organização eclesial piramidal, fazendo uma distinção essencial. O clero passou a adquirir as características de sujeito eclesial e o laicato se tornou objeto ou parte submissa. Daí o termo “fiel”.

²⁵ Em uma aula de Metodologia do Ensino Religioso de um curso superior de Pedagogia, uma estudante ficou profundamente surpresa quando a professora disse que os títulos dados a Nossa Senhora referem-se a uma só Maria. A estudante revelou que, para ela, cada título representava uma “santa diferente”.

²⁶ Cf. Carta a Diogneto. <<https://pt.aleteia.org/.../uma-carta-de-mais-de-mil-anos-da-testemunho-os-cristaos-sao...>> Acesso em 15 de novembro de 2017.

²⁷ Cf. Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. p. 46

Passados os longos séculos medievais, a partir do final do século XIX e início do século XX no contexto da modernidade, o Papa Leão XIII (1878-1903), com a Encíclica *Rerum Novarum*, fez ver ao mundo que o trabalho precede o capital e afirmou a possibilidade e a necessidade da massa oprimida poder se organizar para conquistar seus direitos. Ou seja, veladas sob a literatura eclesial, as palavras de Leão XIII anunciam o direito de todos os homens a serem sujeitos de sua história.

Um passo a mais foi dado pelo Papa Pio XI (1922-1929), ao instituir a Ação Católica. Desde então, novos horizontes foram se descortinando para a Igreja. Para Beozzo e Souza, “os Leigos e Leigas da Ação Católica no mundo, influenciaram seus pastores no sentido de tornar a Igreja e sua hierarquia mais permeáveis às realidades sociais, culturais e políticas, ou seja, ao mundo fora dela”,²⁸

Ao afirmar que a “Igreja” é o “Povo de Deus” (LG 1), o Concílio Vaticano II (1962-1965) constituiu-se, no que diz respeito à Igreja como um todo e, no caso dos Leigos, num marco histórico eclesial. Desde, então, a Igreja deixou de ser definida apenas por sua hierarquia, de forma piramidal, de cima para baixo, mas pela totalidade do povo, pela dimensão comunitária, onde cada um e cada uma adquirem, pelo Batismo, a sua identidade e, por consequência, sua condição e pertença. As diferenças, afirma o Concílio, se colocam na ordem dos serviços e no agir colegiado, jamais em diferença de dignidade.

O Santo Sínodo, atento aos “sinais dos tempos” e percebendo os anseios de grande parte dos homens e mulheres que vivem em tempos de pós-modernidade e que não querem mais ser vigiados e guiados como um rebanho amorfo, porque já não querem ser ovelhas, não olhou os leigos como membros de segunda categoria, a serviço da hierarquia e simples executores de ordens

²⁸ Cf. José Oscar Beozzo. *História da Igreja Católica no Brasil* <www.revistacatolica.com.br/revista/arautos>. Acesso em 5 novembro de 2017.

provenientes do alto. Focou-os, serenamente, como discípulos de Cristo e como cidadãos no mundo, chamados, pelo Batismo, a animar todo ambiente, atividade e relação humana segundo o espírito do Evangelho, levando a luz, a esperança e a caridade recebida de Cristo aos lugares que, caso contrário, ficariam sem a ação de Deus e abandonados na miséria da condição humana.

Banhada nas águas da caudalosa vertente aberta pelo Concílio e pelas Conferências Episcopais latino-americanas, a CNBB protagonizou um amplo movimento de retorno às fontes de “águas puras”, em vista do reconhecimento dos Leigos e Leigas como membros efetivos da Igreja, inseridos no mundo, cenário, primeiro de sua missão evangelizadora e transformadora da sociedade.

3.1 - LEIGOS E LEIGAS NOS DOCUMENTOS ECLESIAIS

O feixe de luzes irradiadas desde Roma pelo Papa São João XXIII e de Paulo VI, condensaram-se na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (Vat. II) afirmando que:

Por leigos entendem-se todos os cristãos, que não são membros da Sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, que incorporados a Cristo pelo Batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o cristão na Igreja e no mundo (n. 31);

Referindo-se à missão primeira dos leigos, o documento continua dizendo:

“É própria e peculiar dos leigos a característica secular [...]. Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus, tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. [...] a eles compete especialmente iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais [...] para que elas sejam feitas segundo Cristo e progridam e glorifiquem o Criador e Redentor” (n. 31);

O mesmo espírito ilumina o Decreto Apostolicam Actuositatem (Vat. II), levando-o a inscrever que a ação do laicato, no mundo, parte de sua própria vida e Batismo:

As condições atuais [...] não só dilataram os campos do apostolado dos leigos, em grande parte acessíveis só a eles, mas também suscitaram novos problemas que reclamam sua atenção interessada e o seu esforço. Este apostolado torna-se tanto mais urgente quanto a autonomia de muitos setores da vida humana [...]. Além disso, em muitas regiões [...] a Igreja, dificilmente poderia estar presente e ativa sem o trabalho dos leigos” (n. 1).

Na América Latina, a recepção do Concílio reacendeu as esperanças do triunfo do Reino de Deus para todos os latinos, sufocadas durante séculos de “angústias e incertezas”, provocadas desde a escravidão e continuadas pela exploração e pela dominação das cidadelas do poder. A II Conferência Episcopal Latino-americana realizada em Medellín em 1968 reconheceu e destacou o importante papel dos Leigos na manutenção da fé nos momentos da vacância clerical provocada pelo autoritarismo pombalino (século XVIII) que expulsou Jesuítas e demais congregações religiosas e a importância de sua ação como sujeitos eclesiais na Igreja e na sociedade (n. 10).

Os caminhos da libertação aprofundaram-se em Puebla (1979). Nessa terceira Conferência, Leigos e Leigas foram realocados no contexto eclesial, sendo identificados como “homens e mulheres da Igreja no coração do mundo e homens e mulheres do mundo no coração da Igreja” (n. 786). Em meio às profundas crises econômicas que passaram a afetar, sobretudo a América Latina, submetendo-a a pagar os custos da implementação das políticas neoliberais, Santo Domingo (1992) chama os Leigos e Leigas Cristãos de protagonistas da transformação da sociedade (n. 98). Aparecida (2007) veio para coroar a conceituação sobre a missão dos Leigos e Leigas, conclamando a Igreja toda para uma maior abertura de mentalidade e acolhimento do ser e do fazer dos Leigos

e Leigas na Igreja que, por seu Batismo e Confirmação, são discípulos missionários de Jesus (n. 243).

À luz do princípio Evangélico narrado por Mateus (5,13-14), “sal da terra e luz do mundo”, refletindo a luz que vem de Cristo e da história eclesial, a CNBB sistematizou no Documento n.105 os avanços realizados ao longo da história socioeclesial e conclama toda a Igreja para o reconhecimento do “serviço cristão ao mundo” (n.162) exercido pelos Leigos e Leigas em sua particular missão familiar, profissional e política e, estando no meio do mundo à frente das variadas tarefas da ordem temporal (n.63).

4 - LEIGOS E LEIGAS: ESPIRITUALIDADE DE MISSÃO

Inquirido sobre a espiritualidade leiga, Vicente Bosch afirma: “O leigo santifica o mundo a partir do mundo, com sua profissão e sua família”²⁹. A seus interlocutores, Bosch acrescenta:

É assim que nasce uma espiritualidade leiga, caracterizada pelo cruzamento entre o humano e o cristão, a valorização positiva das coisas cotidianas, a competência profissional, o sentido de responsabilidade, o acentuado sentido de liberdade pessoal e uma forte consciência da missão de ordenar as coisas até Deus.³⁰

Na verdade, como já referido a espiritualidade cristã é única, no sentido de que há uma só Fé, um só Batismo, um só Cristo, um só Espírito. E a meta é sempre a mesma: a Santidade. Mas é preciso encarar tudo isso na vida. As pessoas são muito diferentes, de modo que poderíamos dizer que, ao final das contas, há tantas espiritualidades quanto tantos cristãos.

Assim, a expressão multiforme da vida cristã também apresenta características distintas. O fato de ser padre, monge ou leigo marca a vida espiritual, pois, nas relações com Deus e com os

²⁹ Vicente BOSCH. *A espiritualidade dos leigos deve ser diferente da dos padres e religiosos?*.

³⁰ *Ibidem*.

irmãos não se pode deixar, de um lado, o ministério sacerdotal, os votos e as regras dos religiosos e, por outro lado, os deveres familiares e cívicos dos leigos. Por isso, em cada um se consolida um estilo de vida que dá origem a uma espiritualidade própria. Os cristãos leigos se santificam de forma peculiar na sua inserção nas realidades temporais, na sua participação nas atividades terrenas. Santificam-se no cotidiano, na vida familiar, profissional e social.

Neste sentido, os leigos precisam de uma espiritualidade própria, distinta a dos sacerdotes e religiosos. O fiel leigo é alguém que foi batizado e chamado por Deus e, para com sua presença no mundo, deve devolver às coisas criadas a sua beleza original, perdida devido ao pecado. Ou seja, a missão do leigo é a de encaminhar o mundo até Deus, impregnando as estruturas temporais de um profundo sentido cristão. Assim, como diz Maria Clara Bingemer:

“A espiritualidade de qualquer cristão – leigo ou não – *deve ser algo profundamente integrador* (grifo nosso). Algo que não o aliene de nenhuma dimensão de seu ser humano, [...] Deve ser algo que - na acepção mais profunda – liberta para servir melhor e mais concretamente aos outros, para assumir plenamente sua realidade cotidiana e ali encontrar o Mistério e viver o desafio da santidade”³¹.

É certo que a Igreja, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II tem feito um grande esforço para reconhecer o papel dos Leigos e Leigas e estes estão sendo corresponsáveis na gestão das paróquias e dioceses. Porém, ‘essa não é a única via de santificação nem a mais importante, a qual continua sendo a vida familiar e profissional’. Em relação a isso, ‘alguns sacerdotes erram ao pensar que a maturidade de um leigo se mede pelo tempo e a energia dedicados às paróquias’. O Papa Francisco lamentou, recentemente, “a existência de um clericalismo que ‘funcionaliza

³¹ Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. p. 46.

os leigos' e gera uma elite para trabalhar em coisas da Igreja, mas que não cuida de sua vida pública e de sua vida cotidiana"³².

4.1 - A ESPIRITUALIDADE PRÓPRIA DOS LEIGOS E LEIGAS À LUZ DO DOCUMENTO 105

Eco das vozes socioeclesiais que, ao longo dos séculos lutaram para que Leigos e Leigas ascendessem para o centro da Igreja, em igualdade de direitos com os inseridos no ministério clerical e na vida religiosa e fazendo-se “ouvir por cima dos telhados”, no Documento 105, a CNBB pontua os traços da espiritualidade laical. Dentre todos aqui se destaca:

4.1.1 - Uma espiritualidade encarnada

Uma espiritualidade encarnada que se caracteriza pelo seguimento de Jesus, pela vida no Espírito, pela comunhão fraterna e pela inserção no mundo. A espiritualidade cristã sempre terá por fundamento os mistérios da encarnação e da redenção de Jesus Cristo. Esse enfoque deve permear a formação laical desde o processo da iniciação cristã³³.

A partir de Jesus Cristo, os cristãos Leigos e Leigas infundem uma inspiração de fé e amor nos ambientes e realidades em que vivem e trabalham. Em meio à missão, como sal, luz e fermento, nos ambientes em que vivem no mundo, Leigos e Leigas testemunham sua identidade cristã, como ramos na videira, na comunidade, na fé, oração e partilha³⁴.

Para que esta atitude esteja fortalecida, a oração e a contemplação são fundamentais. É preciso cultivar um espaço interior dinamizado por um espírito contemplativo que permita um encontro significativo com o Deus revelado por Jesus Cristo, que

³² Vicente BOSCH. *A espiritualidade dos leigos deve ser diferente da dos padres e religiosos?*.

³³ CNBB. Doc 105, n.184.

³⁴ CNBB. Doc 105, n.185.

permite descobrir que todos somos depositários de um bem que humaniza, que ajuda a viver uma vida nova, na busca desta vida nova para todos³⁵.

O verdadeiro trabalhador da vinha nunca deixa de ser discípulo. A experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo sempre renovada é a única capaz de sustentar a missão. Por isso o discípulo missionário deve dedicar tempo à oração sincera, que leva a saborear a amizade e a mensagem de Jesus.

Em virtude do Batismo, que está na origem do sacerdócio comum dos fiéis, os cristãos Leigos e Leigas são chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, fonte da vida comunitária e do amor transbordante que se deve testemunhar³⁶.

O Apóstolo Paulo destaca o fundamento trinitário da vida em comunidade, feita de diversidades e de unidade. O Deus UNO e Trino, é fonte e modelo de toda vida comunitária. Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. “Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes atividades, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos” (1Cor 12,4-6)³⁷.

Um desafio para os cristãos Leigos e Leigas é superar as divisões (At 2,42-45;4,32-35) e avançar no seguimento de Cristo, aprendendo e praticando as bem-aventuranças do Reino, ao estilo de vida do Mestre Jesus: sua obediência ao Pai, compaixão diante da dor humana, amor serviçal até o dom de sua vida na cruz: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34)³⁸.

4.1.2 - Espiritualidade da comunhão e missão

Em sua inserção no mundo, os cristãos Leigos e Leigas são convidados a viver a espiritualidade de comunhão e missão.

³⁵ CNBB. Doc 105, n.186.

³⁶ CNBB. Doc 105, n.189.

³⁷ CNBB, Doc 105, n 190.

³⁸ CNBB, Doc 105, n. 191.

Comunidade missionária, a Igreja está voltada ao mesmo tempo para dentro e para fora. Para que este movimento seja eficaz, é necessária a espiritualidade da comunhão que gera a abertura ao diferente. O outro não é apenas alguém, mas um irmão, dom de Deus, continuação da Encarnação do Senhor. O outro é diferente de mim. E esta diferença distingue, mas não separa. Espiritualidade de comunhão e missão significa respeito mútuo, diálogo, proximidade, partilha, benevolência e beneficência.

A espiritualidade da comunhão e missão se comprova no esforço e na prática da misericórdia, do perdão, da reconciliação e da fraternidade, até o amor aos inimigos. Sem a espiritualidade de comunhão e missão cai-se nas “máscaras de comunhão” e dá-se espaço à fofoca, às suspeitas, aos ciúmes, às invejas que são sentimentos e atitudes destrutivas.

4.1.3 - Místicas que não servem

Há certo cristianismo feito apenas de devoções- próprio de uma vivência individual e sentimental da fé – que na realidade não corresponde a uma autêntica piedade cristã. O Papa Francisco alerta que a missão precisa do pulmão da oração, da mística, da espiritualidade, da vida interior. Todavia, continua o Papa, “Não nos servem, para a missão, místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração”.

4.1.4 - Religiosidade popular

Muitos Leigos e Leigas cristãos que vivem em “verdadeiros exílios sociais” se evangelizam a si mesmos, em comunidade, iluminados pelo Espírito Santo. A religiosidade popular é fruto do evangelho inculturado, é um lugar teológico ao qual se deve prestar atenção porque tem muito para ensinar.

Mães rezando ao pé da cama de seus filhos doentes, portadoras de uma carga imensa de esperança simbolizada numa

vela acesa, num olhar que se volta para o crucifixo, para o céu, para Maria e os santos e Pais com mãos calejadas e olhar cansado, lutando por direitos, dão concretude a uma espiritualidade construída à luz do Evangelho e que revela a fé e o amor a Deus neste ambiente de secularização e de indiferença religiosa em que se vive. A espiritualidade destes Leigos e Leigas ignotos é uma confissão de fé que evangeliza filhos, vizinhos, parentes, amigos e toda a sociedade.

A Conferência de Aparecida confirmou opção preferencial pelos pobres, os excluídos, os sofredores na cruz cotidiana. Recentemente, o Papa Francisco deu-lhes uma interpretação mais incisiva: uma Igreja pobre para os pobres (Não seria interessante citar o dia mundial dos pobres), chamada a descobrir Cristo neles e a reconhecer a força salvífica de suas vidas e a colocá-los no centro do caminho da Igreja, acolhendo a misteriosa sabedoria que Deus quer comunicar através deles (EG 198).

CONCLUINDO EM PERSPECTIVA DE CONTINUIDADE

As reflexões aqui sistematizadas convergem para um ponto central: Entre clérigos, religiosos e leigos há em comum, o fato de todos serem batizados. O Batismo é, pois, a pedra angular da identidade cristã. Por meio desse sacramento todos são introduzidos num novo modo de existir: o existir cristão.

Inseridos nesse contexto, Leigas e Leigos são chamados a viver e a testemunhar no mundo e na Igreja esse seu modo de existir, alicerçando-o nos princípios de fidelidade a Cristo e no espírito amoroso para com todos, especialmente, com os mais pobres.

Diante disso, novas exigências para o fazer teológico se anunciam e desafiam a Itepa Faculdades. Assim como os Leigos Cristãos, essa casa formativa vive no mundo sem ser do mundo. Como, pois, pensar e fazer uma formação teológica que contemple as necessidades e as especificidades dos sujeitos inseridos num

mundo em ebulição, no qual a espiritualidade cristã libertadora está sendo empurrada para os subterrâneos cavados pelo modo neoliberal de viver e de organizar a sociedade?

REFERÊNCIAS

BINGEMER, Maria Clara Luchetti. Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo. In: *Perspectiva Teológica*, 19, 1987. ps. 29-48.

ALMEIDA, José de. *Uma abordagem histórica. Leigos em quê?* São Paulo, Paulinas, 2006.

_____. *Leigos e Leigas: história e interpretação*. Ateo: Rio de Janeiro, v.19, n.50, p.253-286, mai/ago.2015.

BLANK, Renold. *Ovelha ou protagonista? A Igreja de nova autonomia do laicato no século 21*. São Paulo, Paulinas, 2006.

BEOZZO, José Oscar. *História da Igreja Católica no Brasil*. www.revistacatolica.com.br/revista/arautos. Acesso em 5 novembro de 2017.

BOSCH, Vicente. *A espiritualidade dos leigos deve ser diferente da dos padres e religiosos?* <<https://pt.aleteia.org/.../a-espiritualidade-dos-leigos-deve-ser-diferente-da-dos-padres-e-religiosos?>> Acesso em 05 de novembro de 2017.

CNBB. *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade*. Sal da Terra e Luz do Mundo. Documentos 105.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO CARIBENHO. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB. São Paulo: Paulinas/Paulus. 2007.

FAGNANI, Eduardo. O fim do breve ciclo da cidadania social no Brasil (1988-2015). Unicamp.IE, Campinas, n. 308, jun. 2017. Texto para Discussão.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus e Loyola, 2013.

PASSOS, João Décio. *O Leigo no Vaticano II*. Sujeito cristão na sociedade e na Igreja. In: *Revista Eclesiástica Brasileira – Reb. FASC* 291 – Julho – 2013.

CCI

Caminhando com o Itepa



Entrevista

ENTREVISTA

Dr. Luiz Aquino – Médico Endocrinologista

Com palavras abaixo introduzimos a entrevista do Dr. Luiz Aquino, médico endocrinologista em atuação na cidade de Passo Fundo, que se dispôs a partilhar um pouco da sua vida de fé. Tais palavras foram escritas por ele mesmo. Segue a entrevista da Revista Caminhando com o Itepa.

Eu acredito na mudança, eu acredito no sonho, eu acredito no amor, eu acredito na dedicação, eu acredito no milagre, eu acredito na luta, eu acredito no milagre, eu acredito no amor vencendo a lógica, eu acredito na luta com amor por um mundo melhor, vencendo a lógica de que só os fortes vencem. Eu acredito no sonho com amor que vence o impossível, que diz que não tem mais jeito. Eu acredito que Jesus me inspira. Eu acredito no que Jesus diz. Ele diz que eu valho a pena. Eu acredito que Jesus me faz sonhar e ter lindos sonhos. Acreditar que o mundo é lindo; que faz acreditar que eu amo. Que o mundo dos meus sonhos existe, que este mundo está chegando e é o meu mundo. Eu acredito que não vou negar a vida, porque Jesus está comigo e vai me ajudar.

CCI: Como consegue conciliar exercício da medicina e vida de fé?

Eu quando pequeno, antes dos 6 anos de idade, tive o modelo de minha avó Cindoca, mãe Maria e pai João que transmitiram os valores do bem. Depois entrei no Colégio Marista Conceição, onde vi uma luz muito grande que é Jesus Cristo, integrado com a ciência que é o estudo, o aprendizado. E quando me perguntavam na infância e na adolescência, eu dizia que queria ser médico. Entrei na Faculdade de Medicina e me formei. Dentro da medicina eu atendendo o paciente, vejo o Cristo no paciente. Mas dentro da medicina senti muita dificuldade, mas a luz de Jesus Cristo dentro de mim ficou, fez morada e consigo conciliar o exercício da medicina que, muitas vezes, é difícil e a vida de fé.

Durante muito tempo sofri muito. Minha mente, meu físico, se abalaram profundamente (tive medo, enxaquecas,

tristezas, complexo de inferioridade), mas já há anos, eu rezo, vou à missa. Com isso todos os meus obstáculos vão caindo um por um e também vou superando as coisas difíceis. No caso do título de Especialista em Endocrinologia e Metabologia foi fruto de uma longa luta. Uma pessoa como eu não conseguia estudar bastante. Eu não conseguia me concentrar no estudo para adquirir um progresso maior. O fato de ter passado foi um milagre para mim. Isto só pode ser obra de Deus.

CCI: Quais foram os grandes enfrentamentos pessoais que teve no exercício da medicina?

Para entrar na medicina, no vestibular (eu cursei na Universidade Federal de Santa Maria) tive de estudar constantemente, regularmente me preparando para o vestibular. Entrei no curso de Medicina em Santa Maria. Estudei sem trégua para passar nas matérias, além de ter que me habituar a morar fora em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Minha família é de Passo Fundo.

Depois, como médico já formado, eu vejo a medicina exigindo de mim firmeza, cada vez na minha personalidade, para não deixar os problemas do mundo e meus problemas interferirem na conduta certa ou na melhor conduta na hora de prescrever o que o paciente deve receber em termos de terapêutica, mas novamente, aí a luz ,o amor a fé em Jesus Cristo.

A Igreja Católica me ajuda a dar a melhor terapêutica para o paciente e com isto eu venço os grandes enfrentamentos pessoais e sociais no exercício da Medicina.

CCI: Cite dois obstáculos grandes que conseguiu vencer.

Em 2002 me procurou uma paciente com menos de 30 anos de idade com tumor diferenciado de tireóide, um carcinoma papilífero de tireóide. Esta paciente precisou fazer três cirurgias: retirada da tireóide, duas vezes retirada dos gânglios do pescoço e

duas doses curativas de iodo radioativo para eliminar todas as células de tireóide do organismo dela. Depois de várias tentativas viu-se que a paciente não estava curada. Nos métodos de imagem não aparecia o tumor no organismo da paciente. Mas indo a Congressos e conversando com professores de endocrinologia, percebi que este tumor não estava curado e precisava tomar uma conduta de vanguarda, isto é, precisava me desdobrar para ir em busca da cura da paciente. Por fim, a tireoglobulina normalizou e a paciente se curou graças a muitas orações.

Para conduzir o caso da paciente eu precisei de muita força para não desisti. Busquei em Deus e em Jesus. Tive dificuldades, mas não desanimei. Se tivesse desanimado ia ser derrotado. Mas esta força quem me deu e quem não me fez desistir, foi mais uma vez aquele meu grande amigo Jesus, que me fez, junto com a família, conduzir o caso até o final. O caminho foi longo. Foram anos de exames anormais da paciente. Graças a Deus hoje faz mais de cinco anos que os exames estão normais. O período em que os exames não estavam normais, me trouxe angústia, mas eu não me dei por vencido porque estava com Jesus.

Hoje ela está curada, mas exigiu muito de mim. Tive que estudar muito, consultar vários especialistas para a paciente continuar vivendo dignamente. Jesus não deu privilégios a ninguém, para só alguns conseguirem a graça, a vitória; mas a todos aqueles que se dirigirem a Ele. Esta vitória que eu consegui, de conduzir a paciente até a cura foi graças a Ele.

O segundo obstáculo quando passei na prova especial para Título de Especialista de Endócrínica e Metabologia pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) e pela Associação médica Brasileira. Na época foi uma prova difícil. Precisei estudar muito, minha família novamente estava presente. As forças da família juntamente com a igreja, me ajudaram a não desistir e chegar a aprovação.

CCI: Qual o significado do senhor como médico atuar na comunidade eclesial? O que mais o realiza?

Eu sempre sonhei em servir Jesus Cristo, porque aos 7 anos no Colégio Marista Conceição, eu via Jesus um homem lindo em todo o seu ser por dentro e por fora e este homem lindo me inspirava a viver uma vida linda, porque Jesus viveu uma vida linda. A comunidade eclesial da Igreja Católica me possibilita colocar em prática este grande sonho, que é viver uma vida linda. Seguir a Cristo é o caminho mais certo para o ser humano se realizar profissionalmente, afetivamente e espiritualmente, independente da condição da pessoa.

CCI: Quais os fatos mais marcantes na sua atuação no Cais?

Atuar no Cais exige de mim muito desempenho para dar o melhor tratamento. O Brasil é um país de contrastes e isto exige de mim como profissional médico endocrinologista, mais porque se eu quero fazer a melhor medicina tanto no Caís, como com meus pacientes particulares, tenho que dar a melhor medicina. Não importa as condições que o paciente vem até mim, mas eu tenho que fazer a minha parte. Atender da melhor maneira possível.

CCI: Como percebe a ação divina na sua ação humana como médico?

A medicina exigiu muito e sempre vai exigir se for feita vendo o paciente como meu irmão. Eu sinto Jesus me ajudando em cada passo, em cada dificuldade minha e do meu irmão que me procura, porque se ele veio até mim, é porque Jesus o enviou para eu aliviar o seu sofrimento. A ação divina me direciona e decido, sempre orientado pela força da fé, oração e pela prática do bem.

Já chorei e orei para vencer problemas que aparentemente se mostram difíceis, mas com Jesus tudo posso, tudo venço. Ele vai na frente e não me deixa ser derrotado. Caí e levantei, graças à

divina força, Jesus Cristo. Sou casado há 31 anos, tenho duas filhas, dois genros duas netas e chegando a terceira neta. Vivemos eu e minha esposa Elisabeth, uma vida baseada nos princípios cristãos e sempre que possível atuamos na comunidade.

CCI

Caminhando com o Itepa



Pesquisas e Monografias

CIVILIZAÇÃO DO AMOR

O HORIZONTE DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS E DA PASTORAL DA JUVENTUDE

Jean Carlos Demboski

Orientador: Prof. Ms. Pe. Cleocir Bonetti

Palavras-chave: Testemunho. Missão. Evangelização. Juventude. Pastoral.

RESUMO

A transmissão de fé tem sido uma questão fundamental na atualidade. A partir da vida dos discípulos e das discípulas de Jesus, pode-se hoje, testemunhar a mesma fé que eles professaram ao longo do tempo refletindo-se nas gerações que os sucederam. Olhar, portanto, para as comunidades da origem do cristianismo tem sido tarefa fundamental para os processos de evangelização da Igreja Católica, especialmente no campo da juventude. Pensar juventude a partir de uma caminhada cristã é o caminho que se objetiva trilhar, compreendendo-se assim os movimentos históricos realizados na América Latina enquanto construção e identidade de evangelização e enquanto proposta metodológica de pastoral e orgânica, diante da realidade da juventude. Esta leitura foi feita graças à vida daqueles e daquelas que, a partir das experiências feitas com o ressuscitado, difundiram o Evangelho através dos tempos, animados pelo fervor missionário do próprio Cristo. Também hoje, esse anúncio e testemunho é realizado, de modo especial, nos jovens e nas jovens do Continente, orientados por um caminho metodológico que os conduz à construção da Civilização do Amor. Este caminho foi observado de modo a fortalecer a ação evangelizadora e encontrar, neste estudo, orientações e motivações para o serviço de evangelização.

MARCELINO CHIARELLO, UM MÁRTIR DA JUSTIÇA DO REINO

UMA REFLEXÃO POLÍTICO-PASTORAL- ESPIRITUAL

Itamar Antonio Belebom

Orientador: Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon.

Palavras-chave: Martírio. Testemunho. Espiritualidade. Seguimento. Perseguição. Libertação. Reino de Deus.

RESUMO

Podemos dizer que a espiritualidade do martírio é a espiritualidade do seguimento a Jesus Cristo. Por isso, quem segue verdadeiramente a Jesus deve estar disposto a enfrentar com Ele os desígnios da cruz. A iluminação bíblica faz a gente perceber que a doação a serviço do Reino de Deus vale a pena e, a partir do testemunho de tantos mártires de nosso tempo, entender que a paz somente será alcançada quando a justiça for plena. Contudo, para que a justiça seja plena precisamos caminhar e lutar muito. Foi assim com muitos mártires latino-americanos. Doaram a sua vida para que outras vidas fossem preservadas. Morreram com e como o Mestre. A Igreja, por sua vez, preserva na memória muitos desses testemunhos, fazendo deles luz e santidade em nossa caminhada. Marcelino Chiarello foi alguém que, por sua formação religiosa, seguiu os ensinamentos cristãos de doação, partilha, igualdade, justiça e amor. Sofreu com isso as mesmas dores sofridas por Jesus na cruz, inclusive sofreu a morte, ele que tinha uma vida cheia de perspectiva. Sua vida se tornou testemunho de como é possível fazer o Reino de Deus acontecer no âmbito eclesial, político e educacional. O Papa Francisco tem feito um grande esforço para que muitas testemunhas do Reino sejam proclamadas santos e santas, e com isso tornar a Igreja cada vez mais sinal de profecia e libertação. A memória dos mártires de ontem e de hoje nunca deve

ser apagada, pois, a partir da doação de suas vidas, foi e é possível que o Reino de Deus seja mais concretizado em nosso meio.

ECOTEOLOGIA

A FÉ QUE PENSA A PERSPECTIVA ECOLÓGICA

Francisco Xavier Buehrmann

Orientadora: Prof^a Selina Maria Dal Moro.

Palavras-chave: Ecoteologia. Conversão. Ecologia integral. Casa Comum. Justiça.

RESUMO

O trabalho aborda a questão ecológica numa perspectiva cristã. O itinerário construído ao longo do processo de estudos, orientado pelo método *ver, julgar e agir* revela que o grito da Terra se articula com o grito dos pobres num urgente apelo à conversão. O estudo propôs mostrar também, que a atitude de estar por sobre as coisas e por sobre tudo constitui-se causa fundamental da crise em curso. Crise que atesta o fracasso do processo de modernização e da ideia de que tudo poderia ser controlado e explorado com total independência pelo ser humano. O estudo também revela a urgência do acrisolamento de nossas posturas, pensamentos e concepções no cadinho da reflexão, de modo que o essencial seja preservado e assim com ele se possa construir uma nova caminhada ecológica. O diálogo interdisciplinar e a vivência de uma ecologia integral permitirão o ser humano redescobrir seu lugar na comunidade global junto aos outros seres e não fora ou acima deles e, a religar-se com o Criador.

IMPLICAÇÕES MISSIONÁRIAS DO DOCUMENTO DE APARECIDA PARA A IGREJA PARTICULAR DE VACARIA

Felipe Carra

Orientador: Ms. Pe. Cláudio Prescendo.

Palavras-chave: Missão. Discípulos Missionários. Conferência de Aparecida. Igreja Missionária. Missão Continental. Diocese de Vacaria. Espiritualidade Missionária.

RESUMO

A pesquisa teve por objetivo a reflexão sobre as implicações missionárias do *Documento de Aparecida* para a Igreja Particular de Vacaria. Buscou analisar tais implicações desde as conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Foi desenvolvida a partir do método indutivo ver-julgar-agir. Apresenta luzes para a ação evangelizadora da Igreja, através do projeto Missão Continental. Para uma melhor compreensão do tema, a pesquisa retomou aspectos missionários da Sagrada Escritura, das Conferências anteriores à Aparecida, das Encíclicas missionárias e principalmente do Concílio Vaticano II. O trabalho de busca partiu do pressuposto de que a Igreja é missionária. Assim, o trabalho resgatou elementos da Conferência de Aparecida e apresentou a caminhada Diocesana possibilitada por uma Igreja em Estado Permanente de Missão.

OS NOVOS ROSTOS DOS MIGRANTES NUM CONTEXTO DE GLOBALIZAÇÃO O DESAFIO DE SER IGREJA DA ACOLHIDA

Érico de Anhaia Martins

Orientador: Ms. Neri José Mezadri.

Palavras-chave: Fenômeno migratório. Globalização neoliberal. Igreja. Desafios. Acolhimento. Rostos.

RESUMO

O presente trabalho parte do tema sobre os novos rostos dos migrantes num contexto de globalização: o desafio de ser Igreja da acolhida. Nesta pesquisa, investigamos o fenômeno migratório num contexto marcado pela globalização neoliberal, que impõe desafios e possibilidades às pessoas deslocadas. Analisamos também a “ação da Igreja” diante dessa realidade, com destaque para os novos rostos dos migrantes no contexto regional. Nosso objetivo é compreender as migrações como parte integrante da história do ser humano e da formação da sociedade, uma vez que, enquanto humanidade, somos constituídos por diversas raças e culturas. A relativização do humano torna uma parcela significativa da população, entre eles os migrantes, vítimas do sistema de mercado, no qual há predomínio absoluto do elemento econômico sobre a vida e a dignidade do ser humano. A Igreja caminha na direção contrária ao sistema político-econômico, quando fundamenta seu agir no Evangelho, acolhe e se aproxima de todos os povos, colocando-se ao lado dos pobres e necessitados, tendo em vista o bem e a vida em abundância. A Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja apontam luzes para construirmos pontes e não muros, na busca de transformarmos a realidade que envolve os fluxos migratórios através da cultura do encontro. O Papa Francisco tem se transformado num verdadeiro ícone de defesa daqueles que se encontram à margem da sociedade, denunciando

medidas governamentais e a indiferença de todos diante de realidades como a dos migrantes. Ao final, serão apontados indicativos na perspectiva de aprofundar a reflexão e a presença evangelizadora na Arquidiocese de Passo Fundo/RS, em vista do fortalecimento e a ampliação dos sinais do reino de Deus e sua justiça.

O MOVIMENTO ECUMÊNICO E A IGREJA CATÓLICA

O CAMINHO ECUMÊNICO A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

Edegar Passaglia

Orientador: Ms. Pe. Ari A. dos Reis

Palavras-chave: Cristianismo. Cisma. Movimento Ecumênico. Concílio Vaticano II. Diálogo.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar a posição da Igreja Católica frente ao Movimento Ecumênico. Debruçamo-nos na virada de posicionamentos: da recusa à aceitação do ecumenismo. Neste espaço a Igreja passou a discutir o seu engajamento, visando a unidade e a reflexão sobre os seus desafios frente às Reformas. Fundamentamos nossa pesquisa na concepção ecumênica da Igreja Católica nos últimos quinhentos anos. A problemática que guiou a pesquisa estruturou-se sobre os desafios históricos do diálogo para possibilitar a convivência harmoniosa entre as Igrejas cristãs. Para dar cabo a esta questão, dividimos o trabalho em três capítulos. Primeiramente, apresentamos a fundamentação histórica do ecumenismo para compreender o papel que ele exerce na unificação dos cristãos, mesmo na diversidade. No segundo momento, depois de reconstruídos os motivos das divisões, foi possível adentrarmos na discussão ecumênica num dos principais eventos do catolicismo moderno, o Concílio Vaticano II, que procurou o *aggiornamento* da Igreja, facilitando as relações com a sociedade e com as demais Igrejas. Por fim, remetemo-nos à realidade latino-americana para compreendermos o acolhimento da ecumenicidade do Concílio Vaticano II na ação evangelizadora. Delimitamo-nos à realidade brasileira e, substancialmente, na experiência ecumênica na cidade de Erechim/RS.

CATEQUESE E MISSÃO

REGISTRO E MEMÓRIA DE UMA EXPERIÊNCIA PASTORAL SOB O OLHAR DE NOSSA SENHORA APARECIDA

Saulo Tonini

Orientadora: Prof^ª Selina Maria Dal Moro

Palavras-chave: Vila Entre Rios. Devoção Mariana. Direitos. Catequese.

RESUMO

A Comunidade localizada na Vila Entre Rios, pertencente ao Bairro Petrópolis, sofre com o descuido dos poderes constituídos na oferta dos equipamentos públicos. A carência de alimentos, de saneamento básico e o domínio do tráfico, provocam momentos de profunda tensão entre os moradores.

Visando minorar os sofrimentos desta Comunidade, ligada à Paróquia Santo Antonio, busquei realizar nesta Vila um trabalho pastoral que foi sistematizado como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC do Bacharelado em Teologia.

Nos finais de semana me dirigia para a comunidade para ministrar a catequese, que estava extinta há mais de sete anos. Durante este tempo pude conhecer todas as famílias católicas da comunidade. Em longos diálogos, os moradores foram expondo suas angústias, medos e dores. Permanecia, no entanto, entre eles uma profunda devoção a Nossa Senhora Aparecida, reverenciada diante de uma imagem guardada na casa de uma moradora. Esta devoção constituiu-se ponto de partida para o desenvolvimento de trabalho catequético que culminou com a primeira Eucaristia de seis crianças moradoras na Vila.

O TCC foi desenvolvido seguindo o seguinte itinerário: 1 - O contexto sociohistórico e estrutural da Vila Entre Rios; 2 - A

devoção a Nossa Senhora Aparecida: Uma história ainda presente;
3 – Piedade Popular.